

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUÍS ROBERTO HALAMA

GEOGRAFIA E ENSINO ESCOLAR: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS TURÍSTICAS
EDUCATIVAS NO MUNICÍPIO DE MORRETES/PR

CURITIBA
2015

LUIS ROBERTO HALAMA

GEOGRAFIA E ENSINO ESCOLAR: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS TURÍSTICAS
EDUCATIVAS NO MUNICÍPIO DE MORRETES/PR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Área de Concentração Produção e Transformação do Espaço Urbano e Regional, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira

CURITIBA

2015

Halama, Luis Roberto

Geografia e ensino escolar: um estudo das práticas turísticas educativas no município de Morretes/PR / Luis Roberto Halama. – Curitiba, 2015.

124 f. : il.; grafs., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-graduação em Geografia.

Orientador: Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira Bibliografia: p.120-124

1. Paisagem. 2. Espaço em geografia. 3. Geografia – Estudo e ensino. I. Universidade Federal do Paraná. II. Silveira, Marcos Aurélio Tarlombani da. III. Título.

CDD 910.7



MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



ATA DE DEFESA DE
DISSERTAÇÃO

Aos vinte e um dias do mês de maio do ano de dois mil e quinze, na sala CT16, foi avaliada pela Banca Examinadora, composta pelos professores abaixo relacionados, a Dissertação de Mestrado do aluno **LUÍS ROBERTO HALAMA** intitulada "GEOGRAFIA E ENSINO ESCOLAR: UM ESTUDO DAS PRÁTICAS GEOTURÍSTICAS NO MUNICÍPIO DE MORRETES/PR" que obteve como resultado final APROVADA.

(RES. 65/09 CEPE Art. 69. Os examinadores avaliarão a dissertação ou a tese considerando o conteúdo, a forma, a redação, a apresentação e a defesa do trabalho, decidindo pela aprovação, ou reprovação do trabalho de conclusão do aluno.


Parágrafo único. A ata da sessão pública da defesa de dissertação ou tese indicará apenas a condição de aprovado ou reprovado.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:


Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira - orientador


Prof. Dr. Christian Denis Monteiro de Oliveira - UFC


Profª. Drª. Margarete Araújo Teles - PPGTUR/UFPR


Profª. Drª. Saleté Kozel Teixeira - PPGGEO/UFPR

À Vilma, minha esposa e a Jéssyca minha filha.

Pelo amor, carinho e apoio recebidos em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Ao ETERNO por todas as bênçãos concedidas.

Ao Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, orientador desta pesquisa, por toda a disposição em contribuir com seus conhecimentos e orientações no desenvolvimento desta análise.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que participaram transmitindo seus saberes em aulas que serão sempre lembradas.

Aos meus pais Vicente e Irene, pelo apoio e incentivo em todos os momentos.

À Dra. Sandra Lessa e seu esposo Oziel, pelo incentivo ao retorno à Academia, por seu apoio nos momentos mais complicados e, pela leitura do material e sugestões.

Ao Dr. Ruben Dargã Holdorf, por sua amizade e incentivo ao percorrer os caminhos.

Ao Valdemir Kreuse (Miro), por sua contribuição ao permitir acompanhar as viagens de turismo educativo de sua agência.

Aos professores e coordenadores que me receberam com carinho respondendo aos questionamentos.

Aos professores e alunos que participaram de todas as aventuras do conhecimento geográfico, no decorrer desta pesquisa.

À Raquel Correa, por dedicar tempo a um amigo e por suas orientações com respeito à formatação da dissertação.

Aos meus colegas de trabalho, Walmir Veiga e Edinéia Ogliari pela amizade, leitura e correções ortográficas.

A Adriana e ao Zen, funcionários dedicados do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, que sempre estiveram dispostos a ajudar.

Ao Departamento de Educação da Associação Central Paranaense da IASD, pelo apoio para a realização deste trabalho.

Ao CNPQ pelo apoio financeiro.

RESUMO

A leitura das paisagens e a compreensão da dinamicidade do espaço geográfico, fazem parte do rol de objetivos a serem alcançados pela geografia escolar no ensino fundamental e médio. A percepção e a cognição são elementos indispensáveis para se alcançar estes objetivos. Como parte do processo ensino-aprendizagem utilizam-se diversos recursos didático-pedagógicos, dentre os quais destacam-se as aulas em campo. Levar os alunos a ter contato direto com o objeto de estudos contribui para a alfabetização geográfica e para formação cidadã do ser. A importância destas atividades em campo é reconhecida de forma geral pelos educadores de diversas áreas do conhecimento. A valorização desse recurso no meio educacional abriu espaço para o desenvolvimento de empresas de turismo que se especializaram em roteiros educativos e que prestam serviços às instituições educacionais. Os roteiros do turismo educativo e as aulas em campo desenvolvidas por instituições de ensino utilizam-se de paisagens com atrativos turísticos para sua prática, entretanto o desenvolvimento de aulas em campo possui diferenças significativas com as demais formas de turismo. O município de Morretes localizado no litoral do estado do Paraná, chama a atenção por sua vocação natural para o turismo. Diversos roteiros de turismo educativo têm sido ofertados pelas agências especializadas e outros desenvolvidos de forma independente por escolas neste município, em razão da diversidade de suas paisagens naturais e culturais. A proximidade geográfica de Morretes com o grande centro urbano da capital e sua região metropolitana favorece o deslocamento dos grupos formados por escolares para a prática de suas atividades escolares. Além dos ganhos educacionais as atividades de turismo educativo e aulas em campo favorecem também a economia local, pois utilizam-se de serviços e aquecem as vendas no comércio durante o período letivo que coincide com a baixa temporada.

Palavras-chave: Paisagem. Espaço geográfico. Alfabetização Geográfica. Turismo Educativo. Aulas em campo.

ABSTRACT

To read the landscapes and to comprehend the dynamics of the geographical space are part of the aims to be reached by the school geography during the elementary and high school. Perception and cognition are indispensable for achieving these goals. As part of the teaching-learning process didactic-pedagogic resources are used and amongst them field trips stand out. To lead students to have first hand experience with the subject of study contributes to the geographical alphabetisation and to the formation of a citizen as a whole. The importance of these field trips is overall recognised by scholars of different areas of knowledge. The recognition of this resource in the educational environment paved the way for the development of tour companies specialised in educational routes and providing services to educational institutions. The educational sightseeing tour and field trips developed by educational institutions make use of landscapes with tourist attractions for its practice; however, the development of field trips have significative differences with the other tourism formats. The county of Morretes situated at the coast of Parana's State, in Brazil, stands out for its natural vocation for tourism. Several educational tour routes are offered by specialised agencies as well as other options are independently created by the county's schools due to the region's cultural and natural diversity. The proximity with the state's capital, Curitiba, favours the access of schools to promote field trips to the area. Besides the educational gain, touristic activities and field trips generate incomes to the local economy by the use of local services and warm up the sales during the school term that coincides with the low season.

Keywords: Landscape. Geographic space. Geographic Literacy. Educational tourism. Field trips.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	- CARTOGRAMA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRETES.....	34
GRÁFICO 1	- MOVIMENTAÇÃO DE PASSAGEIROS (CURITIBA – MORRETES) SERRA VERDE EXPRESS.....	35
FIGURA 2	- CARTOGRAMA - MORRETES ACESSO ROOVIÁRIO E FERROVIÁRIO.....	36
TABELA 1	- POPULAÇÃO TOTAL POR GÊNERO, RURAL/URBANA – MORRETES – PR.....	37
FIGURA 3	- PIRÂMIDE ETÁRIA – MORRETES – PR 1991.....	38
FIGURA 4	- PIRÂMIDE ETÁRIA – MORRETES – PR 2010.....	38
GRÁFICO 2	- FLUXO ESCOLAR POR FAIXA ETÁRIA – MORRETES-PR 1991-2010.....	39
GRÁFICO 3	- PRODUTO INTERNO BRUTO, MORRETES/PR.....	40
FIGURA 5	- BANNER DA XXXII FESTA FEIRA AGRÍCOLA DE MORRETES/PR.....	40
FIGURA 6	- FOLDER TURÍSTICO DO CAMINHO DA GRACIOSA 2002.....	43
FOTOGRAFIA 1	- RECANTO RIO DA CASCATA, PR-410 – MORRETES/PR.....	45
FOTOGRAFIA 2	- ESTACIONAMENTO DO RECANTO MÃE CATIRA: PR 410 (MORRETES/PR).....	46
FOTOGRAFIA 3	- INTERDIÇÃO TOTAL DA PR 410 (MAR. – SET./2014): 22.04.2014.....	47
FOTOGRAFIA 4	- CASA QUE PERTENCEU A JOÃO DE ALMEIDA (FUNDADOR DE MORRETES).....	50
FOTOGRAFIA 5	- IGREJA DE SÃO BENEDITO MORRETES/PR.....	51
QUADRO 1	- ROTEIRO: MORRETES/PARANAGUÁ ORGANIZADO PELO CAB.....	58
MAPA 1	- ROTEIRO: ESTRADA DA GRACIOSA, MORRETES/PR.....	59

FOTOGRAFIA 6	PAINEL INFORMATIVO: RECANTO ENGENHEIRO LACERDA – MORRETES/PR.....	61
FOTOGRAFIA 7-	- PICO DO SETE, MORRETES/PR.....	63
FOTOGRAFIA 8	- ALUNOS DO CAB NO CAMINHO DA GRACIOSA.....	64
FOTOGRAFIA 9	- IGREJA DE S. SEBASTIÃO DO PORTO DE CIMA, MORRETES/PR (07.05.2013)	65
FOTOGRAFIA 10	- CENTRO HISTÓRICO DE MORRETES/PR, CASA ROCHA POMBO (BRANCO).....	66
QUADRO 2 -	- ROTEIRO: ESTRADA DA GRACIOSA/MORRETES – PR, ORGANIZADO PELO CAB.....	67
MAPA 2	- ROTEIRO: MORRETES – PARANAGUÁ/PR.....	68
FOTOGRAFIA 11	- AULA NO RECANTO ENGENHEIRO LACERDA.....	70
FOTOGRAFIA 12	- AULA NO RECANTO DA FERRADURA.....	71
FOTOGRAFIA 13	- ALUNOS DO CAB CAMINHO DA GRACIOSA, MORRETES/PR.....	72
MAPA 3	- CAMINHO DO ITUPAVA: QUATRO BARRAS-MORRETES/PR.....	74
FOTOGRAFIA 14	- ALUNOS DO CAB NA TRILHA DO ITUPAVA, QUATRO BARRAS/PR.....	76
FOTOGRAFIA 15	- ALUNOS DO CAB NAS RUÍNAS DA CASA DO IPIRANGA, MORRETES/PR.....	77
FOTOGRAFIA 16	- FERROVIA CURITIBA – PARANAGUÁ/PR.....	78
FOTOGRAFIA 17	- REPRESA DO RIO IPIRANGA -MORRETES/PR.....	79
FOTOGRAFIA 18	- PICO DO MARUMBI, MORRETES/PR.....	80
FOTOGRAFIA 19	- CAMINHO DO ITUPAVA, MORRETES/PR.....	81
MAPA 4	ROTEIRO TURÍSTICO: CURITIBA – LITORAL DO PARANÁ.....	83
QUADRO 3	- ROTEIRO: MORRETES/ANTONINA/PARANAGUÁ ORGANIZADO PELA VK TURISMO.....	84
FOTOGRAFIA 20	RECANTO MÃE CATIRA: RODOVIA PR 410.....	86
FOTOGRAFIA 21	- CAMINHO DA GRACIOSA, MORRETES/PR.....	87
FOTOGRAFIA 22	- ALUNOS DO CAC PEDRA DA PITA – ANTONINA/PR (25.06.2014).....	88

FOTOGRAFIA 23	- ALUNOS DO CAAB NO RECANTO MÃE CATIRA – RODOVIA PR 410.....	90
FOTOGRAFIA 24	- HOTEL E RESTAURANTE NHUNDIAQUARA, MORRETES/PR.....	91
FOTOGRAFIA 25	- LOJA DE ARTESANATO E SUVENIRES EM MORRETES/PR.....	92
FOTOGRAFIA 26	- CENTRO HISTÓRICO DE MORRETES/PR.....	93
FOTOGRAFIA 27	- ALUNOS DO CCA NO RECANTO MÃE CATIRA EM MORRETES/PR.....	94
QUADRO 4	- ENTREVISTADOS.....	95

LISTA DE SIGLAS

ALL	- América Latina Logística
CAB	- Colégio Adventista Boqueirão
CAAB	- Colégio Adventista Alto Boqueirão
CAC	- Colégio Adventista Centenário
CCA	- Colégio Curitibano Adventista
DER	- Departamento de Estradas de Rodagem
EM	- Estudo do Meio
IAP	- Instituto Ambiental do Paraná
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LabMóvel	- Laboratório Móvel de Educação Científica
OMT	- Organização Mundial do Turismo
PCNS	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PNUD	- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
UFPR	- Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 CONCEITOS GEOGRÁFICOS APLICADOS AO TURISMO EDUCATIVO: PAISAGEM E ESPAÇO.....	12
2.2 CONCEITOS GEOGRÁFICOS APLICADOS AO TURISMO: PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	14
2.3 CONCEITOS DE PAISAGEM E ESPAÇO NO ENSINO ESCOLAR DE GEOGRAFIA.....	16
2.4 AS PAISAGENS TURÍSTICAS E O ENSINO ESCOLAR DE GEOGRAFIA.....	27
3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS.....	34
3.1 MORRETES: TERRITÓRIO E PAISAGENS.....	34
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
4.1 OBSERVAÇÃO.....	53
4.2 ENTREVISTAS.....	54
4.3 ACERVO FOTOGRÁFICO.....	55
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	57
5.1 AULAS EM CAMPO EM LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO.....	57
5.2 ATIVIDADES ESCOLARES ORGANIZADAS POR AGÊNCIA DE TURISMO.....	82
5.3 ENTREVISTAS.....	95
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
7 REFERÊNCIAS.....	120

1 INTRODUÇÃO

As atividades turísticas desempenham um importante papel geográfico, pois tornam possíveis aos turistas o contato com uma diversidade enorme de paisagens. Logo após a revolução industrial na Inglaterra, tiveram início as viagens realizadas denominadas de Gran Tour, levavam alunos e professores a uma turnê cultural pelos países europeus. De certa forma, é possível considerar este tipo de atividade realizada na Europa como precursora do turismo educativo, realizados no presente por alunos e professores de diversas escolas e em diversos países do mundo.

As práticas pedagógicas foram sendo aprimoradas ao longo do tempo, com o intuito de auxiliar professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem em todas as áreas do conhecimento. Assim, as viagens turísticas realizadas para efeitos de estudos, passaram a constituir a prática pedagógica denominada de turismo educativo.

As atividades escolares realizadas em campo ainda se sobressaem neste tempo de avançados recursos tecnológicos aplicados em sala de aula, pois utilizam elementos importantes da percepção humana que ampliam as possibilidades de leitura das paisagens no espaço geográfico.

A região serrana do estado do Paraná em sua porção localizada no município de Morretes, possui diversos atrativos turísticos que transformaram sua paisagem em recurso turístico, particularmente acompanhando a estrada turística da Graciosa. Estes atrativos são compostos por paisagens de rara beleza cênica, formada pela encosta montanhosa, pelos rios e cachoeiras de águas cristalinas, pela vegetação exuberante da Mata Atlântica e pela estrada e trilhas históricas que têm atraído turistas que procedem de diversas regiões do estado, bem como de outros estados e do exterior.

Entre os segmentos turísticos desenvolvidos nesta região encontram-se o ecoturismo¹ e o turismo de aventura². Já a cidade de Morretes é conhecida pelo

¹ Ecoturismo – A Embratur define-o como o “segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”.

² Turismo de aventura – De acordo com a definição da Embratur o turismo de aventura: “compreende os movimentos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo.”

turismo cultural ³e gastronômico, pois trata-se de uma das mais antigas do Paraná e seus restaurantes atendem turistas que procuram pelo prato típico da região.

Entre os segmentos apresentados merece destaque o turismo educativo originado nas aulas em campo levadas a efeito por colégios da rede pública e privada de diversas procedências. Neste cenário aparecem também as agências especializadas em turismo educativo que possuem um papel relevante no deslocamento de alunos pelo município de Morretes.

O litoral do estado do Paraná se encontra localizado o município de Morretes, por apresentar-se como estreita planície entre o oceano Atlântico e o conjunto montanhoso da serra do mar, foi classificado como uma “zona de passagem” por Maack (2012, p. 136). Aproveitando-se esta expressão, é possível também afirmar que em razão da posição geográfica com relação às rodovias BR 277 e PR 410 que interligam o litoral ao interior, o município também pode ser visto como uma “zona de passagem”, pois para deslocar-se aos portos de Paranaguá e Antonina, ou aos balneários do litoral paranaense é necessário transitar por seu território.

Esta questão da transitoriedade também é notada como característica distintiva do turismo praticado neste município, que se faz pela proximidade com a capital. Por encontrar-se na mesorregião metropolitana de Curitiba e pela facilidade de acesso, torna-se intenso o fluxo de turistas de um dia, que aproveitam os finais de semana para desfrutar de momentos de lazer na região da serra do mar ou para visitar a cidade de Morretes e usufruir de seus restaurantes.

Neste contexto de transitoriedade incluem-se as atividades escolares, organizadas por instituições de ensino ou agências de turismo com estudantes dos níveis fundamental e médio.

Assim, questiona-se a contribuição do turismo educativo praticado em paisagens de interesse turístico como recurso pedagógico que contribui com a alfabetização geográfica, educação ambiental, histórico-cultural, entre outros conteúdos de interesse, bem como sua importância para as atividades turísticas desenvolvidas do município de Morretes.

³ Turismo Cultural – De acordo com a definição da Embratur: “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura”.

Esta pesquisa tem como objetivo geral a realização de um diagnóstico das práticas turísticas educativas desenvolvidas no município de Morretes, e sua contribuição nas atividades turísticas desenvolvidas no município.

Este objetivo foi desdobrado em quatro objetivos mais específicos com a intenção de se obter respostas às questões levantadas por esta pesquisa.

Assim como primeiro objetivo específico julgou-se importante elaborar uma breve análise a respeito das políticas públicas de fomento às atividades turísticas geoeducativas que visam socializar o turismo, tornando-o acessível às práticas escolares.

No desenvolvimento desta pesquisa procurou-se diagnosticar as atividades ligadas ao turismo educativo praticado no município de Morretes, mapeando os roteiros a partir da observação de campo.

Diversas escolas buscam durante o período letivo levar seus alunos para atividades escolares na região serrana e na cidade de Morretes. Esta pesquisa procurou identificar a oferta de projetos de turismo educativo por empresas especializadas do setor turístico.

As empresas que atendem o segmento turístico educativo, ofertam às escolas pacotes contendo atividades e roteiros turísticos em alguns pontos do município de Morretes, no desenvolvimento da pesquisa buscou-se caracterizar os roteiros turísticos ofertados por empresas especializadas, bem como as propostas de atividades nos roteiros mais procurados.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos, com a finalidade de facilitar a compreensão dos temas abordados.

No primeiro capítulo, a partir de um levantamento bibliográfico a que se teve acesso, buscou-se um aprofundamento teórico relativo aos conceitos geográficos de paisagem e espaço geográfico e estes aplicados ao turismo. Neste mesmo capítulo, procurou-se definir os dois conceitos já citados e sua relação com o ensino da geografia escolar nos níveis fundamental e médio.

O segundo capítulo, tratou da caracterização do espaço geográfico em estudo. Nesta etapa, procurou-se desenvolver um levantamento a respeito das paisagens e do território do município de Morretes, com suas características históricas da ocupação do espaço e formação territorial, atividades econômicas ao longo de sua história, bem como a importância do turismo como fonte de divisas para o município.

No terceiro capítulo, desenvolveu-se uma abordagem relativa aos caminhos percorridos no processo de investigação científica. Para tal, fez-se uso de observações de campo, acompanhando-se as atividades desenvolvidas por professores e alunos durante as aulas em campo, bem como observações de viagens organizadas por agência de turismo. Outra ferramenta utilizada foi a entrevista, para isso, buscou-se conversar com professores, pedagogos, turismóloga, lojistas, funcionários públicos. Utilizou-se a fotografia como recurso para formação de um acervo fotográfico com vistas a documentar a pesquisa.

No último capítulo, apresentam-se os resultados da pesquisa, utilizando-se o ferramental proposto, bem como a discussão dos resultados e as considerações finais.

É importante ressaltar que não se teve em nenhum momento a pretensão de se esgotar o tema aqui exposto, pois tem-se a consciência que o assunto aqui tratado é por demais vasto e sempre será possível uma nova abordagem, contudo, espera-se contribuir de alguma forma com aqueles que desenvolvem seus trabalhos quer na área do ensino da geografia escolar, quer em outras áreas afins.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITOS GEOGRÁFICOS APLICADOS AO TURISMO EDUCATIVO: PAISAGEM E ESPAÇO

Ao rever os conceitos específicos da geografia, nos deparamos com cinco deles que se encontram no cerne das discussões nas diferentes linhas de pensamento que norteiam os estudos nessa área da ciência.

Paisagem, espaço, lugar, região e território, compõe essas categorias de análise. Entretanto, para o desenvolvimento desta pesquisa, destacaremos dois desses conceitos chaves: paisagem e espaço geográfico.

A paisagem é um dos conceitos fundamentais da Geografia. As diversas correntes de pensamento dentro dessa Ciência, podem nos levar a abordagens diferentes a partir desse conceito. De forma abrangente, as paisagens são formadas por todos os elementos de origem natural, ou seja, aqueles que não necessitaram da intervenção humana para existir, agregam-se a esta todos os elementos que foram implementados pelos seres humanos, definidos então como paisagem cultural.

Segundo Bley (1990, p. 41), “as paisagens resultam de combinações de múltiplos fatores e obrigam o pesquisador a olhar em todas as direções e a todas as disciplinas que possam auxiliar na sua explicação”.

A abordagem a partir de várias disciplinas distintas, também nos obriga a admitir que a paisagem deve ser vista a partir de uma visão multifocal, que abrange os aspectos simbólicos, da representação, da percepção, espacial, cultural, físico, entre outras formas de abordagem. Assim, a paisagem deve ser vista a partir de um ponto de vista sistêmico, sendo composta por um conjunto de elementos interligados, portanto, pertencentes a um sistema.

A princípio, especialmente para aqueles que não possuem afinidade ou conhecimento a este respeito, parece muito peculiar uma abordagem da paisagem exclusivamente ancorada apenas nos aspectos físicos. Entretanto, é importante destacar que apenas uma abordagem física da paisagem, não enriquece sua amplitude conceitual, pois ao dissociar o elemento cultural, deixa-se de investigar

todas as transformações ocorridas no decorrer do tempo histórico, pois o ser humano é o principal elemento transformador da paisagem.

As paisagens naturais transformadas em paisagens culturais, por meio das ações humanas, e observadas a partir dos estudos da geografia no decorrer do tempo histórico, possuem importância significativa para a compreensão de que o todo é formado por muitas partes que se encontram interligadas, compondo assim, um sistema.

Nesse conjunto, as paisagens oferecem uma riqueza de detalhamentos que a geografia, em sua essência e enquanto ciência, pode contribuir para sua melhor compreensão. As paisagens são formadas pelo conjunto dos fenômenos naturais e humanos, portanto não existem paisagens que estejam dissociadas de um destes aspectos.

Ao analisar as diferenças humanas e compreender seus principais aspectos distintivos, com suas realizações vistas de forma abrangente, a geografia cultural amplia os horizontes para uma visão do ser humano em todas as suas esferas, do particular para o geral.

Com respeito ao espaço geográfico, outro conceito de grande importância na geografia, pode-se afirmar que ele abrange todas as paisagens com seus elementos naturais e culturais. Porém, mais do que isso, o espaço geográfico abrange movimento, portanto é dinâmico em sua origem.

A noção de espaço implica um elemento teórico e um prático. Quando diz respeito à conceituação, pode ser como um conceito (teórico) entendido como substância (ser independente), propriedade (estados e alterações), relações (entre objetos), e representação (das relações). Quando diz respeito à vivência (prático) pode ser um espaço vivido de sobrevivência, relacionamento, atividades, movimentação, apreciação cultural ou organização (OLIVEIRA, LIVIA. apud MENDONÇA; KOZEL, 2009, p. 193).

É importante notar que o espaço geográfico faz parte da concepção humana, portanto toda a sua dinâmica é passível de medição e mapeamento. Assim, dentro deste aspecto, o espaço precisa ser representado.

Enquanto representativo, o espaço é simbólico e geométrico, precisando ser mapeado e mensurado, pois representamos como processo, reconstrução e, mais ainda, como representação mental e gráfica, trabalhando também com a imagem mental (OLIVEIRA, LIVIA. apud MENDONÇA; KOZEL, 2009, p. 193).

As atividades humanas transformam o espaço geográfico constantemente. Este espaço que envolve toda dinamicidade que os seres humanos conferem por meio de seu movimento, de suas operações e atividades desenvolve-se como um processo contínuo.

2.2 CONCEITOS GEOGRÁFICOS APLICADOS AO TURISMO: PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO

O conceito de paisagem no contexto do conhecimento popular, encontra-se intimamente ligado aos aspectos naturais como montanhas com cascatas, rios e florestas. Formam em princípio aquilo que no imaginário está contido nesta palavra, ou seja, apenas belos cenários. Este conceito teve origem de acordo com Bolson (2004), com as classes mais abastadas, que possuíam condições de se retirar dos centros urbanos, desfrutar as belas paisagens naturais, às quais havia recorrido, com a finalidade de descansar e praticar atividades artísticas ou esportivas. Com o passar do tempo, o conceito de paisagem ligado à natureza se generalizou e passou a abranger todas as classes sociais.

Contudo, entre o conceito empírico e o científico, existem diferenças significativas. Para González citado por Boullón (2002 p. 117), existem duas interpretações para o conceito paisagem, o primeiro relacionado com aquilo que se observa na natureza, seja pessoalmente ou por outros meios como fotografias ou pinturas, enquanto o segundo relaciona-se com a interpretação de cunho geográfico, ou seja, aquela que aborda as paisagens de acordo com o conceito do geossistema, em que ocorre um conjunto de elementos caracterizados por relações de interdependência. Dessa forma, é importante notar que ao conjunto de cenários proporcionados pelos aspectos naturais, unem-se aqueles que foram originados pelas ações humanas.

Se adotarmos um enfoque visual, ambos os tipos de paisagem são consequência da combinação de numerosos elementos físicos de diferentes classes (alguns naturais, outros artificiais), intimamente relacionadas entre si; por isso, podemos apreciá-las como um conjunto (BOULLÓN, 2002, p. 118).

O conceito de paisagem é estabelecido pelos seres humanos a partir de sua observação. Nesse sentido, é factível de inúmeras interpretações, já que para cada observador pode haver, de acordo com suas concepções culturais, de idade ou psicológicas, uma visão diferente da paisagem observada.

A paisagem não passou a existir após o nascimento do homem, ela já estava lá. Mas só quando o homem presta atenção na paisagem é que surge o seu conceito. A paisagem é o que se vê. O real, o vivido, o sentido diferentemente para cada ser humano. Estes elaboram seleções pessoais, julgamentos de valor de acordo com a análise individual da percepção. Essa análise sofre influências sociais, culturais, ambientais, emocionais conforme o tipo de uso da paisagem para cada pessoa (BOLSON, 2004).

Além de depender da percepção individual e pessoal, a observação da paisagem também dependerá de sua motivação. Assim, segundo Boullón (2002, p. 120), ela poderá ser “estética, utilitária ou indiferente”. Será estética quando as cenas que se descortinam ante os olhos de um observador recém-chegado ao ambiente, são percebidas com um misto de deslumbramento. A mesma paisagem, entretanto, poderá ser vista por outro observador de forma utilitária, pois as cenas são corriqueiras e fazem parte de suas atividades diárias. Ou por fim, serem vislumbradas de forma indiferente, quando a pessoa que a observa, por ter estado no mesmo ambiente muitas vezes, não nota nada mais que apenas alguns poucos detalhes.

É possível então, afirmar que a paisagem poderá ser percebida de diferentes maneiras, sob o olhar técnico apurado, diversos profissionais podem atribuir valores estéticos a uma paisagem, entretanto, o turista também percebe nela seus valores estéticos. Conforme Silveira (2014, p. 80) “Evidentemente, não existe um único olhar turístico; ao contrário, este varia de acordo com a sociedade, o grupo social e período histórico, que condicionam a escolha sobre o que ver e visitar”. Assim, é imprescindível que a paisagem tenha um observador que lhe atribua um significado.

Essas paisagens valorizadas pela ótica estética do turista, formarão em seu conjunto o espaço, composto por uma grande diversidade de fenômenos de ordem cultural, portanto, encontram-se sujeitas a constantes transformações. De acordo com Yazigi (1999, p.151) “a paisagem, indissociável da ideia de espaço, é constantemente refeita de acordo com os padrões locais de produção, da sociedade, da cultura, com os fatores geográficos e tem importante papel no direcionamento turístico”. Não se trata de um direcionamento em que ela é a única forma de atração, mas pesa muito no contexto de outros fatores (meio técnico, econômico...). ” De

acordo com este ponto de vista, as transformações na paisagem podem contribuir ou não para o desenvolvimento do turismo local. A importância das paisagens nos diversos roteiros turísticos, está relacionada com a forma como os turistas a percebem, dessa forma é possível afirmar que se trata de uma atribuição subjetiva, pois isto dependerá especificamente de quem observa.

Conforme afirma Knafou citado por Rodrigues (1999, p. 70), “são os turistas que estão na origem do turismo”. Assim a ação turística espontânea, que decorre da valorização das paisagens pelo seu aspecto estético entre outros fatores, deu origem a diversos lugares turísticos ao longo do tempo. Estes lugares turísticos surgidos de forma espontânea, antes que qualquer operadora turística tivesse elaborado um produto turístico, valorizam a paisagem.

Outra vertente para a formação dos roteiros turísticos, se encontra na ação das operadoras. Neste processo, a inclusão das paisagens em muitas situações se encontra a cargo dos técnicos e será pela observação e análise de diversos fatores, que os aspectos estéticos da paisagem passarão por avaliação merecendo ou não, a consideração e o status de lugar turístico.

2.3 CONCEITOS DE PAISAGEM E ESPAÇO NO ENSINO ESCOLAR DE GEOGRAFIA

Entre todos os estudos desenvolvidos ao longo do século XX, aqueles que estão ligados à percepção e cognição como os desenvolvidos por Piaget citado por Fernandes (2013), ganharam relevância no campo do ensino das várias disciplinas escolares, e particularmente escolar de geografia quando se abordam os conceitos de paisagem e espaço geográfico a partir da percepção.

Em geografia importa tanto a percepção como a cognição. Mas pode-se dizer que a cognição fundamenta toda a pesquisa geográfica a partir da percepção que cada um de nós constrói da realidade e a meta que perseguimos ou tentamos atingir. Conhecer consiste em construir ou reconstruir o objeto do conhecimento, de maneira a apreender o mecanismo desta construção (OLIVEIRA, LIVIA apud MENDONÇA; KOZEL, 2009, p. 192).

Desta forma, as transformações ocorridas no espaço ao longo do tempo histórico e atribuídas como próprias da atividade humana, precisam ser lidas,

interpretadas e compreendidas. É neste espaço, segundo Bailly (1995), citado por Kozel, (2009, p. 215) que ocorre a “experiência vivida,” pois é nele que se dão efetivamente as ações humanas. Este espaço vivenciado diariamente pelos alunos com todas as suas nuances passa muitas vezes despercebido, em outros momentos o indivíduo não se sente participante das transformações já citadas, portanto existe a necessidade de que o compreenda como parte de um todo.

Mais que mostrar uma transformação estrutural que reafirme a cientificidade geográfica, esta abordagem pretende mostrar a necessidade de compreensão do espaço, despertando a atenção para a importância deste conhecimento. Enfim, todo conhecimento geográfico está interligado a um contexto de representações sociais que difundem e podem ser integradas aos conhecimentos científicos (KOZEL apud MENDONÇA; KOZEL, 2009, p. 217).

Compreender o espaço em sua totalidade é um verdadeiro desafio que abre um leque de opções de estudos, conforme afirma Kozel (2009, p. 217), “poderíamos estender esta vertente de estudos a vários temários, como geopolítica, turismo, migrações, educação ambiental, etc, propiciando seu redimensionamento”. Dentro dessa perspectiva, as atividades educativas enquadram-se como opção para a leitura do espaço geográfico.

Todas as informações que se apresentam na paisagem, podem e devem ser lidas. Ocorre que, muitas vezes, as informações não se encontrarão abertas ao primeiro olhar, portanto, caberá ao professor a tarefa de orientar o seu aluno a observar a paisagem, buscando uma compreensão do todo e a partir das informações que se encontram muitas vezes ocultas.

O conceito de Paisagem como configuração de símbolos e signos leva a metodologias mais interpretativas do que morfológicas. Entre as metodologias interpretativas mais favorecidas estão aquelas da linguística e da semiótica, associadas aos avanços do pós-guerra. A linha interpretativa dentro da geografia cultural recente desenvolve uma metáfora da paisagem como “texto”, a ser lido e ser interpretado como documento social (COSGROVE; JACKSON apud CORRÊA; ROSENDHAL, 2011, p. 137).

A diversidade de paisagens que formam o espaço geográfico, pode ser folheada como as páginas de um livro. Neste contexto, estas paisagens que se descortinam à frente de todos os seres humanos diariamente, em meio a atividades corriqueiras de trabalho, lazer ou estudos, passam a ter um novo sentido a partir da leitura, decodificação e interpretação das mesmas.

O ensino da disciplina de Geografia para alunos do nível fundamental e médio assume uma importância ímpar quando nos referimos à questão da alfabetização e da leitura do espaço geográfico. Conhecer o mundo em que se vive, saber interpretá-lo com seus fatos e fenômenos e em conjunto com as demais disciplinas proporcionar ao estudante uma ampliação dos seus horizontes. Essa alfabetização lhe possibilitará um exercício pleno de sua cidadania.

A partir da leitura e interpretação das paisagens, o aluno passa a perceber-se como integrante das mesmas. Este hábito de leitura deverá contribuir também para que no exercício de sua cidadania, ao longo de sua vida, as paisagens continuem a ser observadas, lidas e relidas a partir da percepção que se faz daquilo que se encontra à sua frente.

No tocante à Educação Geográfica atual, reforça-se a importância da leitura, pelos professores e sujeitos-alunos, dos eventos pertinentes que ocorrem em uma cidade, num lugar, numa região – eventos sociais, físicos, políticos, culturais etc., considerando-se seus estados de irreversibilidade. (NOGUEIRA; CARNEIRO, 2013, p. 92).

Um aluno alfabetizado em geografia poderá compreender as dinâmicas a que estão sujeitas o espaço geográfico. Esta compreensão deve proporcionar ao mesmo a possibilidade de vislumbrar o passado recente, o momento presente e ainda fazer uma possível projeção de futuro, uma vez que sua abordagem ocorre em um mundo que se encontra em constantes transformações de ordem e natureza diversas.

Neste sentido as abordagens educacionais orientadas pelos parâmetros curriculares nacionais (PCNS) para a disciplina de geografia, encontram-se em consonância com os objetivos desta ciência, ou seja, a de analisar o dinamismo das paisagens e do espaço geográfico, deixando de considerá-las como elementos estáticos.

Nesse sentido, a análise da paisagem deve focar as dinâmicas de suas transformações e não simplesmente a descrição e o estudo de um mundo aparentemente estático. Isso requer a compreensão da dinâmica entre os processos sociais, físicos e biológicos inseridos em contextos particulares ou gerais. A preocupação básica é abranger os modos de produzir, de existir e de perceber os diferentes lugares e territórios como os fenômenos que constituem essas paisagens e interagem com a vida que os anima. Para tanto, é preciso observar, buscar explicações para aquilo que, em determinado momento, permaneceu ou foi transformado, isto é, os elementos do passado e do presente que neles convivem. (BRASIL, 1998, p. 26-27)

Técnicas e recursos didáticos deverão ser introduzidos, com a finalidade de se ampliar a capacidade de percepção. Faz-se necessária, portanto, a inclusão de práticas pedagógicas de ensino que beneficiem o processo do ensino da geografia nos níveis fundamental e médio e que deverão ser aplicadas no âmbito da sala de aula e fora dela.

Como os textos de um livro, existe todo um espaço geográfico a ser lido, com códigos e signos que lhe são próprios. Nesse contexto, a escola encontra-se inserida no espaço geográfico e a alfabetização geográfica contribuirá para que o aluno possa compreendê-lo dentro de sua dinamicidade.

A linguagem é o modo primário de comunicação humana, constituidora da própria individualidade daqueles que a utilizam. Por essa razão os geógrafos culturais interessados na questão do significado do mundo têm-se dedicado cada vez mais ao papel simbólico da linguagem em nossas relações com o mundo natural, a ponto de alguns deles considerarem as paisagens culturais textos, constituídos de acordo com regras linguísticas (COSGROVE apud CORRÊA; ROSENDHAL, 2012, p. 108).

A leitura do lugar, da paisagem, do espaço geográfico e as transformações produzidas neles pelas atividades humanas, deve ser o objetivo principal do ensino da geografia nos níveis fundamental e médio. Esta, por sua vez, terá à sua disposição a representação e a percepção como auxiliares.

Os múltiplos significados das paisagens simbólicas aguardam decodificação geográfica. Os métodos disponíveis para essa tarefa são rigorosos e exigentes, mas não fundamentalmente esotéricos ou difíceis de apreender. Essencialmente, são empregados em todas as humanidades. Um requisito é a leitura detalhada do texto, para nós, a própria paisagem em todas as suas expressões (COSGROVE apud CORRÊA; ROSENDHAL, 2012, p. 229).

Os horizontes ampliam-se consideravelmente a partir do momento que a paisagem passa a ser entendida como elemento de leitura. Para Schäffer, citado por Neves (2006, p. 91),

Ler e escrever em geografia é uma estratégia cognitiva disciplinar que, na parceria com as demais áreas, permite ao aluno adquirir uma visão de mundo e reconhecer e estabelecer o seu lugar no espaço geográfico, o que inclui a noção, também, da sua possibilidade de exclusão.

Ler o espaço geográfico significa reconhecer as constantes transformações produzidas nele pela ação humana. Ao tomar contato com as diferentes paisagens e

a partir de uma leitura atenta, o conhecimento torna-se significativo, contribuindo para a formação de sua própria cidadania. Entretanto, isso somente se dará como resultado de um planejamento previamente estruturado. A paisagem geográfica viabiliza inúmeras possibilidades de atividades que proporcionarão ao estudante uma visão mais abrangente do espaço geográfico em estudo.

Semelhante a outros campos do conhecimento, novos discursos são incorporados de tempos em tempos à educação. Entretanto, existe uma preocupação da coletividade em se transformar o ensino em algo significativo e que tenha utilidade prática para a vida, ou seja, que esteja adequado à realidade vivida pelos alunos e que finalmente seja posto em prática em seu cotidiano.

O ensino da geografia contribui para a leitura do espaço geográfico e desenvolve, desta forma, um ensino cheio de atrativos e significados. Uma vez alfabetizado, o aluno torna-se um leitor das diversas paisagens que o cercam e ao observá-las, passa a interagir com as mesmas. A paisagem então passa a ter um novo sentido, uma vez que seus códigos, signos e símbolos não são mais indecifráveis. Isto é o que afirma Karcher apud Neves (2006, p. 82) quando diz que “se o aluno entender o espaço em que ele habita, isto é uma forma de entender seu mundo, o seu cotidiano e as pessoas que ali habitam”.

O aluno compreenderá os conceitos básicos da geografia, o que facilitará este processo de alfabetização geográfica. De acordo com Kozel e Filizola (1996, p. 24) “entre os conceitos básicos para o ensino de geografia, destacam-se os de espaço, tempo, produção de necessidades e transformação, que se inter-relacionam e, por sua vez, estão ligados aos conceitos de sociedade, trabalho, natureza e cultura”. Todo este trabalho para formar leitores do espaço geográfico, é um conjunto de esforços posto em prática por professores desde a educação infantil ao ensino médio, em atividades realizadas no âmbito da sala de aula e fora dela. E nesse contexto, a geografia assume um papel de relevada importância, pois consegue integrar-se com naturalidade às demais disciplinas.

Segundo Schäffer (2006, p. 92) “a leitura da paisagem, como a leitura mais frequente em geografia, comporta uma multiplicidade de ações na prática de sala de aula, que tanto pode se dar no âmbito da própria área (num fazer solitário do professor) como na interação com outras áreas”. Entretanto, o ideal e o real nem sempre se encontram no processo educacional. Na dinâmica das escolas, o trabalho dos professores com seus múltiplos compromissos, cargas horárias extenuantes,

atuação e vários estabelecimentos de ensino e falta de integração entre o corpo docente, podem levar o profissional do ensino de geografia a ter que percorrer solitariamente este caminho. Contudo, se houver predisposição para tal, o mesmo poderá ser trilhado com segurança em razão da sua formação e habilitação profissional, que lhe confere o suporte para desenvolver para uma leitura do espaço geográfico.

A alfabetização geográfica implica em se aprender a ler o mundo com todas as suas informações possíveis, o que significa ampliar a capacidade de visão. O processo deve inserir o aluno no mundo real, proporcionar-lhe incentivo para viver a cidadania de forma prática.

Nesse processo de formação da consciência – como atributo existência do sujeito pensante e que compreende sua concretude no contexto da realidade sócio histórica e sociocultural – constrói-se o sentido de cidadania participativa, democrática e atuante, por sujeitos ativos em seu processo de vida real, incluindo reflexos ideológicos e ecos desse processo de vida na vida (NOGUEIRA, CARNEIRO, 2013, p. 21).

Os resultados poderão ser percebidos em curto, médio e longo prazo, pois trata-se de um processo que envolve esforços concentrados em múltiplas áreas do conhecimento.

Esta é uma das virtudes que deveríamos viver para testemunhá-las aos educandos, qualquer que seja seu grau de instrução: universitário, básico ou de educação popular, a experiência indispensável de ler a realidade sem ler as palavras. Para que inclusive, se possa entender as palavras (FREIRE, 1982, p. 8).

No desencadear do processo ensino-aprendizagem, o aluno poderá desenvolver a habilidade de ao observar o espaço geográfico compreender o contexto em que ele foi escrito. Identificando desta forma as intenções que permeiam as ações nas mais diferentes escalas, compreendendo finalmente que elas são o produto de um processo que se encontra em movimento constante.

A teoria precisa estar atrelada à prática, ou seja, o desenvolvimento da capacidade de ler e entender está intimamente relacionado com aquilo que se percebe, e como se vê o mundo ao seu redor.

Para Cosgrove, citado por Corrêa e Rosendhal (2012, p. 229), “os geógrafos sempre reconheceram, pelo menos oralmente, a centralidade de um profundo e íntimo conhecimento da área em estudo. Os dois principais caminhos para isso são o trabalho de campo e a elaboração e interpretação de mapas”. Dessa forma pode-se

afirmar que os trabalhos de campo, assumem importância significativa também para os geógrafos educadores, pois é no campo que se encontram os conteúdos abordados teoricamente em aula.

No desenvolvimento das atividades curriculares do ensino de geografia, o aluno será colocado em contato com os conceitos fundamentais desta ciência. Isto é enfatizado por Kozel e Filizola (1996, p. 25) “o trabalho com o conceito de espaço só é alcançado na sala de aula gradativamente”. Portanto, o professor de geografia deverá ter a consciência de que aulas teóricas bem preparadas antecederem projetos externos de atividades em campo. Assim, o desenvolvimento das atividades teóricas deve despertar no aluno a curiosidade, esta por sua vez, desencadeará questionamentos que deverão ser investigados a partir das atividades práticas realizadas em campo e darão sentido aos estudos teóricos.

De acordo com Kozel e Filizola (1996, p. 27) “a partir da observação dos espaços próximos (escola, bairro, cidade, município) e do questionamento sobre como eram e como poderão ficar, se desenvolverá a noção de um tempo maior, mais amplo e abstrato: o tempo histórico”. Essa afirmação encontra base nos escritos de Sauer citado por Corrêa por Rosendhal (2012, p. 187), quando diz que “os fatos da geografia são fatos de lugar; sua associação origina o conceito de paisagem. Do mesmo modo os fatos da história são fatos do tempo; sua associação origina o conceito de período”. Este convívio com os “fatos da geografia” no conjunto do tempo histórico, desenvolverá no aluno a dimensão de uma paisagem dinâmica, não estática, ou seja, aquela que se encontra em constante transformação pelas intensões e ações humanas. Finalmente, o desenvolvimento das atividades práticas em geografia, possibilitará a consolidação de conceitos.

O Estudo do Meio estabelece uma investigação sistemática dos lugares, conduzida pelo coletivo dos alunos e coordenada por um professor pesquisador. Trata-se de um processo de revelação pedagógica das infinitas potencialidades da geografia escolar em diálogo operacional com a geografia cotidiana. Diálogo esse que vem sendo assumindo dentro de uma postura político-pedagógica relacional novas aberturas e fechamentos. Abertura à incorporação de saberes espaciais não científicos, densos de significação cultural e ambiental, além de estratégicos, na manutenção das coletividades. Fechamento à força retórica de uma geografia que quer generalizar realidades em escala-mundo, discutindo os espaços locais apenas como subprodutos de uma unidade global. (OLIVEIRA C., 2006, p. 33)

As atividades externas num fazer sistemático, desenvolvidas com caráter investigativo possibilitam ao aluno estabelecer as conexões necessárias com espaços geográficos mais amplos. De acordo com Milan (2007, p. 13), estas atividades “permitem aos alunos estabelecerem relações ativas e interpretativas, relacionadas com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisas localizadas em contextos vivos e dinâmicos da realidade”.

A busca pelo desenvolvimento educacional do aluno, como leitor do espaço geográfico, ultrapassa as fronteiras distintivas desta disciplina. Assim, quando possível, o desenvolvimento de atividades externas deve ser consorciado a outras disciplinas. Os horizontes tornam-se mais amplos quando vários professores de disciplinas distintas compartilham o mesmo projeto, desenvolvem em conjunto a aula em campo. Deve-se pensar em se criar um amplo espaço para reflexão, debate, sugestões e opiniões que venham a compor o conjunto de conteúdos trabalhados teoricamente em aula.

Mas, se o professor se aproximar dos colegas, num caminho interdisciplinar de abordagem temática, passando a conhecer e a dialogar com o que se passa na aula anterior ou na seguinte, serão possíveis resultados mais amplos, mais significativos. Há várias possibilidades que se abrem para o trabalho interdisciplinar e para os estudos transversais a partir da leitura da paisagem. A prática e a iniciativa de cada um e os recursos da escola definirão o projeto comum. Muitas são as possibilidades de cruzamento disciplinar numa saída a campo. (SCHÄFFER apud NEVES, 2006, p. 92)

O projeto de aula em campo envolve cuidados especiais. Os professores envolvidos precisam considerar as necessidades dos alunos, a partir dos conteúdos abordados. A verificação cuidadosa dos lugares a serem visitados, num trabalho minucioso de campo, aqui denominado pré-campo, no qual deverá ser efetuado um levantamento metódico, contendo todos os benefícios da aula, mas também devem ser levados em conta todos os riscos que porventura possam existir.

Ainda na fase de planejamento se considerará as observações efetuadas nas fases do pré-campo e se proporá atividades a serem desenvolvidas durante a aula em campo. Trata-se de um momento especial, pois nele a teoria encontrará a prática.

O pós-campo é fundamental, pois todos os procedimentos efetuados no decorrer da atividade em campo deverão passar por um processo de discussão, em que cada aluno participante possa expor como percebeu o ambiente em estudo. Este é também um momento privilegiado de avaliação, no qual, a partir dos relatórios de

aula em campo, seminários, mapas mentais e painéis fotográficos, o professor poderá estabelecer um diagnóstico preciso a respeito da compreensão dos conteúdos abordados no decorrer das três fases já apresentadas anteriormente.

Agora é hora de dar visibilidade e satisfação aos que participaram das várias etapas do trabalho. O que criar? Um jornal? Um ensaio fotográfico? Um painel? Uma discussão com os pais ou com outras classes, mostrando o que foi produzido? Um site? Um teatro? São decisões a serem tomadas pelo grupo de alunos, professores e coordenadores ((PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 187).

A aula em campo é a oportunidade de se aplicar à prática os conteúdos teóricos geográficos e motivar a um estudo mais dinâmico. Segundo (Freire, 1982, p. 6), “a teoria deixa de ter qualquer repercussão se não existir uma prática que a motive”. Trata-se, portanto, do momento privilegiado na prática pedagógica, que ultrapassa a concepção de complementaridade, dada por alguns, mas que também por outro lado não se presume como um fim em si mesma.

A compreensão de que o desenvolvimento do conhecimento humano ocorre por meio dos sentidos, ressalta a importância em se levar o aluno a campo, pois será neste momento em que a visão, o tato, o olfato e até mesmo o paladar em determinadas situações, serão postos em ação. Mesmo neste tempo de avanços tecnológicos em educação, com o avanço dos recursos e suporte técnico para as atividades de sala-de-aula, as atividades de campo precisam ser vistas como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem e ocupar um lugar de destaque, pois elas em conjunto com outros recursos contribuirão para o desenvolvimento das capacidades perceptivas do indivíduo.

Abrir espaço para uma nova leitura do lugar (porque voltada a novos objetivos e com novos enfoques), no ensino fundamental, exigirá dar um outro significado às competências da aprendizagem geográfica, vistas como capacidades complexas no que tange à percepção, compreensão e representação do espaço vivido e percebido, nas suas várias dimensões (SCHÄFFER apud NEVES, 2006, p. 93).

Compreender a partir dos sentidos é vivenciar o novo. Perceber a paisagem usando todos os sentidos, permite uma experiência única. Para Khun (2011, p. 150) “o que um homem vê depende tanto daquilo que ele olha como daquilo que sua experiência visual-conceitual prévia o ensinou a ver”. Com a orientação do professor,

novos horizontes descortinam-se diante do aluno, novas experiências ampliam seus conhecimentos, somando-se aos conhecimentos já obtidos anteriormente.

A partir do momento em que se tem a oportunidade de vivenciar experiências juntamente com a natureza, abre-se espaço para alcançar a sensibilidade do ser humano, fazendo com que este entenda que não é apenas um consumidor do meio ambiente, mas que faz parte dele (PICKUSSA, 2014 p. 125)

No momento em que o aluno é convidado a sair de seu ambiente corriqueiro, ele passa a vivenciar o novo, o que para Tuan (1983, p.16) é considerado como o rompimento de uma barreira natural, porque leva o aluno a expor-se ao novo, experimentar, arriscar-se, porém, como resultado, ganhar conhecimento e tornar-se um “experto”.

De acordo com Fernandes (2013), Piaget em seus estudos a respeito da cognição, chegou à compreensão de que o desenvolvimento do conhecimento humano ocorre em fases. Desta forma, realizar atividades práticas com o aluno em todas as suas fases, possibilitará um ganho real dentro do processo denominado ensino-aprendizagem.

À medida que o aluno passa pelas fases pré-operatória até o operatório concreto, os conhecimentos vão solidificando-se, permitindo assim que sejam constantemente retomados e aprofundados. Isto é enfatizado por Tuan (1983, p. 151) quando diz que: “movemo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual”. À medida que a criança toma consciência do mundo e desenvolve os sentidos, passa a perceber um mundo novo ao seu redor, gradativamente os horizontes se ampliam, e a educação formal é responsável em grande medida por este desenvolvimento.

Nas séries iniciais, o trabalho com o espaço envolve a noção de orientação e localização: em cima/embaixo, perto/longe, na frente/atrás, ao lado/entre, direções cardeais, etc. Implica também sua representação (uso de mapas, globo, maquete) e o estudo dos elementos do espaço, sejam eles naturais (clima, vegetação, relevo) ou culturais (cidade, bairro, meio rural, migrações, fábricas), além de sua distribuição no espaço, isto é, a localização desses elementos (KOZEL e FILIZOLA, 1996, p. 25).

Na escola, esta possibilidade se vê aumentada por meio das atividades educacionais que buscam estimular o desenvolvimento pleno do aluno, particularmente com as atividades em campo, fato que deveria ser levado muito em

consideração pelos professores desde as séries iniciais, momento no qual o aluno está predisposto a apreender mais a partir do concreto, que do abstrato.

Com a premissa de que o desenvolvimento humano ocorre em fases, os conteúdos escolares devem partir das noções básicas e simples para as mais complexas, tomando uma forma de espiral, ou seja, o conteúdo é trabalhado e (re) trabalhado à medida que o aluno desenvolve-se passando pelas diversas fases do conhecimento.

A prática educacional de se (re) trabalhar os conteúdos com base no princípio de tomada e retomada dos conteúdos, possibilita seu aprofundamento, já que no processamento das informações, a cognição se torna beneficiada pelo fato de possuir uma ancoragem, ou seja, o conhecido a partir daquilo que já é conhecido. De acordo com Ausubel apud Moreira (2006, p. 14) “o fator isolado mais importante que influencia o aprendizado é aquilo que o aprendiz já sabe”. O que demonstra que os conhecimentos anteriores são fundamentais e estes, encontram-se na bagagem cultural do aluno, pois segundo Tuan (1983, p. 34) “o horizonte geográfico de uma criança expande à medida que ela cresce”. A construção do conhecimento não ocorre por mero acaso, as atividades a serem desenvolvidas deverão ser criteriosamente planejadas, possibilitando-se sempre uma volta aos conteúdos já estudados. Kozel citado por Mendonça e Kozel (2004, p. 218) reforça este pensamento a respeito da retomada dos conteúdos, quando diz que “consequentemente, as representações acontecerão numa progressão espiral, permitindo abordar os conceitos em nível crescente de complexidade”.

Um planejamento adequado, possibilitará ao professor identificar, a partir de uma avaliação diagnóstica, os elementos mais importantes a serem trabalhados, isto ocorrerá nesta fase que já anteriormente denominamos de pré-campo.

Resta trabalhar a partir das concepções dos alunos, dialogar com eles, fazer com que sejam avaliadas para aproximá-las dos conhecimentos científicos a serem ensinados. A competência do professor é, então, essencialmente didática. Ajuda-o a fundamentar-se nas representações prévias dos alunos sem se fechar nelas, a encontrar um ponto de entrada em seu sistema cognitivo, uma maneira de desestabilizá-los apenas o suficiente para levá-los a restabelecerem o equilíbrio, incorporando novos elementos às representações existentes, reorganizando-as, se necessário (PERRENOUD, 2000, p. 29).

As atividades de campo contribuem significativamente com o ensino de geografia, pois permitem o amplo desenvolvimento das capacidades perceptivas dos

alunos. Estas atividades pedagógicas têm sido denominadas por alguns autores como estudos do meio, saídas pedagógicas, turismo científico ou geoeeducativo, compõem-se na realidade em atividades práticas, nas quais o aluno é levado ao contato com o objeto de seu estudo.

Uma das etapas importantes do estudo do meio é o trabalho de campo – a saída da escola já permite um outro modo de olhar. O aluno pode, se bem orientado, utilizar todos os seus sentidos para conhecer melhor certo meio, usar todos os recursos de observação e registros e cotejar as falas de diferentes idades e profissões. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 174).

As atividades desenvolvidas em lugares turísticos, ou mesmo em outros que não possuam os apelos convencionais têm um peso significativo no processo de ensino e aprendizagem, fato que contribuirá favoravelmente com o processo de alfabetização geográfica.

Sair do ambiente fechado para um ambiente externo, por si só já evoca um convite a um aprendizado diferenciado, que por sua vez favorece a compreensão dos temas em estudo.

2.4 AS PAISAGENS TURÍSTICAS E O ENSINO ESCOLAR DE GEOGRAFIA

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), a definição de turismo está relacionada com as atividades desenvolvidas por viajantes que permanecem no local visitado um período inferior a um ano, com a finalidade de lazer, negócios ou outras atividades. Por outro lado, o turista é a pessoa que permanece em local diferente de sua residência, por um período igual ou superior a vinte e quatro horas (OMT, 2014).

Partindo-se deste conceito chega-se também ao de excursionista, definidos pela Organização Mundial do Turismo (OMT), e que diz respeito a todo viajante que visita um local, porém retorna para seu local de origem sem pernoitar no local visitado.

Observando-se os dois conceitos, percebe-se que o tempo de permanência e a distância de deslocamento são características importantes para se distinguir turistas e excursionistas, estes últimos também são conhecidos como visitantes ou turistas de um dia de acordo com a OMT.

Em síntese os motivos que impulsionam tanto turistas quanto excursionistas são similares, pois em ambos os casos as motivações como o lazer, a cultura, práticas religiosas, educacionais, de negócios entre outros, são o que chamam a atenção dos viajantes. De forma bastante sintética é possível afirmar que o diferencial entre os dois é a distância percorrida, o tempo de permanência no ambiente visitado e a utilização dos serviços de hospedagem oferecidos por hotéis e pousadas.

Para Pires (2002, p. 162), o turismo apresenta-se como “experiência geográfica na qual a paisagem se constitui num elemento essencial”, uma vez que os deslocamentos ocorrem de forma voluntária no espaço.

Estas conceituações, inevitavelmente, fazem surgir algumas questões como: existe de fato um turismo educativo, como prática pedagógica? Os estudantes ao deslocarem-se de suas escolas para os ambientes onde ocorrem aulas em campo, estão desenvolvendo uma modalidade turística?

Tendo como ponto de partida, as noções de tempo e espaço percorridos, dados nos conceitos já apresentados, fica claro que o turismo ou o excursionismo podem ser utilizados para práticas educativas e isto se torna evidente quando se observa o código de ética da OMT

O turismo, geralmente atividade associada ao repouso, à diversão, ao desporto, ao acesso à cultura e à natureza, deve ser concebida e praticada como meio privilegiado de desenvolvimento coletivo e individual. Praticado com uma necessária abertura de espírito, constitui-se em fato insubstituível de **autoeducação, de tolerância mútua e da aprendizagem das diferenças legítimas entre povos e culturas, e da sua diversidade.** (OMT, 2014, p. 5, grifo meu)

Neste contexto, as paisagens turísticas encontram-se abertas à leitura por parte dos turistas e excursionistas, pois no contato com os lugares turísticos promove-se uma integração de todos os elementos, quer sejam eles físicos ou culturais. Segundo Oliveira C. (2006, p. 42), o desenvolvimento do turismo deve ser visto como “uma prática sócio cultural em territórios dinâmicos”. As atividades desenvolvidas no âmbito escolar, proporcionam ao estudante uma oportunidade ímpar de contato com os lugares turísticos, e com as comunidades que vivem nelas, ampliando consideravelmente as possibilidades de ensino. Portanto, não se trata de ensino à distância, e sim de um ensino focado na leitura da paisagem, por meio da percepção.

A metodologia que orienta o Ensino de Geografia, como realização permanente de pesquisa, da relação escola / entorno, pode constituir uma percepção do fazer turístico como procedimento didático-pedagógico. Para tanto há que se proceder em algumas re-elaborações conceituais referendadas em pedagogia capazes de enxergar a educação mais fora do que dentro da sala de aula. Algo como a pedagogia da “ação cultural” de Paulo Freire ou da “animação da escola como o mundo: não por reação, mas por proposição, por devir (OLIVEIRA, C., 2006, p. 44).

Para as atividades turísticas de forma geral, os atrativos turísticos são fundamentais, pois serão eles que irão atrair a atenção dos turistas e dos excursionistas. Desta forma, os roteiros são previamente preparados para agradar os turistas. Os pontos de paradas, de observação, os deslocamentos, hospedagem, tudo é meticulosamente programado. Muitas vezes, ocultam-se partes da realidade local, fato que cria uma pseudo-imagem das paisagens, pois o que é feio, ou desagradável ao olhar precisa ficar oculto.

Desta forma a escolha dos lugares turísticos pelas agências de turismo, considerarão os atributos que a paisagem poderá proporcionar em termos de beleza, ocorre que este fator é de certa forma bastante discutível, uma vez que este é um fator cultural variável entre os seres humanos, conforme afirma Boullón (2002, p. 124).

Por outro lado, o tipo de leitura que se faz da paisagem durante uma viagem turística corriqueira, é muito diferente daquela praticada realmente com intensão educativa, uma vez que dependerá muito de como o turista observa a paisagem, de seu interesse e de sua cultura.

Na leitura da paisagem não cabem as previsões nem a dedução de certos elementos, efetuada a partir da presença de outros, como faz a pesquisa científica em seus trabalhos para aprofundar-se no conhecimento do ambiente natural. Portanto, em vez do método científico, para a apreciação estética da paisagem o que vale é o que o turista comum capta por meio de seus sentidos, influenciados por seu estado de espírito (BOULLÓN, 2002, p. 126).

As atividades pedagógicas procuram explorar ao máximo as potencialidades do espaço geográfico com o intuito de desenvolver uma interação com o ambiente em estudo.

As excursões têm lugar de destaque nos procedimentos didáticos da geografia porque exigem o contato direto do aluno com o objeto de estudo. Na excursão, os jovens aprendem a observar fenômenos espaciais e o significado dos atos. Além disso, criam o espírito de solidariedade entre si e com o professor (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 194).

Entre as atividades educativas a ser desenvolvidas utilizando-se o turismo como recurso de ensino expandem-se, pois não se encontram limitadas apenas aos lugares com atrativos turísticos. Para Oliveira, C. (2006, p. 44) “O Turismo Geoeducativo permite aos estudantes uma prática de diálogo com os lugares, fazendo-os interagir com elementos atrativos e repulsivos, (aqueles elementos que no Turismo retórico não devem ou não podem ser observados)”. Assim, torna-se importante este “diálogo” com os elementos que estão sendo vistos e percebidos, uma vez que o aluno se encontre no próprio ambiente de estudos.

Desta forma, as possibilidades se expandem muito e as atividades de leitura da paisagem em lugares turísticos, desenvolvidas com critério contribuirão para a alfabetização geográfica. É importante notar que, a partir do contato direto com a temática em estudos, o aluno terá despertada sua curiosidade e nesta situação afloram os questionamentos.

No estudo do meio, o aluno expressa o desejo de compreender o espaço do qual faz parte ou os espaços mais distantes, que aguçam o seu desejo de conhecer. É partindo de referências que estão sendo construídas no processo de apreensão daquela realidade, fazendo comparações, que o jovem vai conseguir essa compreensão... O contato direto com um local, seja da realidade do aluno, seja de outras realidades e a reflexão sobre ele, permitem que se formem referenciais para entender que o meio não é estático, é dinâmico (PONTUSCHKA, 2004 apud OLIVEIRA, C.; 2006, p. 43).

Nas atividades de aulas em campo, as possibilidades de construção de roteiros turísticos diversificam-se de acordo com os conteúdos abordados pelo currículo escolar. As possibilidades de elaboração de roteiros se expandem até onde as necessidades e a imaginação possam alcançar. Desde as imediações da unidade escolar, com atividades desenvolvidas num caminhar pelas ruas do bairro até locais que habitualmente não são visitados pelos estudantes. Incluem-se desta forma, as feiras livres, parques ecológicos, indústrias, aterros sanitários, estações de tratamento de água e esgotos, centros históricos, cemitérios, cursos d’água, áreas de ocupação irregular.

O Turismo Pedagógico representa a oportunidade de explorar a relação homem-espaço, nas mais variadas perspectivas de análise do conhecimento humano (geográfico, físico, biológico, ecológico, etc.) de forma interativa, divertida e multidisciplinar (RAYKIL; RAYKIL, 2005, p. 2).

A leitura do espaço geográfico, utilizando como ferramenta o turismo educativo assume importância sem precedentes, em uma era em que a tecnologia prende os alunos e limita a visão de mundo. Possibilita ver o espaço geográfico em suas variadas feições, ler as diversas paisagens e observar suas transformações, além de poder conversar com pessoas que vivem no ambiente em estudo.

A experiência de campo da Geografia forja múltiplas possibilidades de acesso à dimensão relacional do Turismo. E é sobre essa dimensão que pode ser reconstituído o EM (estudo do meio), em sua dupla natureza, como prática de um Turismo Geoeducativo. A metodologia que orienta o Ensino de Geografia, como realizações permanentes de pesquisa da relação escola/entorno, pode constituir uma percepção do fazer turístico como procedimentos didático-pedagógico. (OLIVEIRA, C., 2006, p. 44)

As possibilidades são amplas e a criatividade do professor pode fazer a diferença, pois o planejamento das aulas em campo levado a efeito, poderá aprofundar conteúdos, servindo assim para o sucesso da prática educativa.

Como as atividades turísticas educativas não dependem exclusivamente de espaços previamente preparados para o seu desenvolvimento, é possível afirmar que esta atividade educativa, de certa forma, é acessível a todas as camadas sociais, uma vez que poderá ser realizada nas proximidades da unidade escolar. Encontra-se aberta então a todas as instituições de ensino, quer sejam particulares ou públicas podem desenvolvê-lo em suas práticas escolares.

Projetos turísticos educativos e de educação turística, envolvendo-se as Secretarias de Educação, Turismo, Meio Ambiente, tanto no nível estadual quanto no nível municipal, podem contribuir com a formação de novos turistas e, particularmente nos municípios que possuem vocação turística, favorece a formação de mão-de-obra para o mercado e empreendedores do setor.

Enfatizamos que os benefícios dessa educação são múltiplos para a população residente e para os turistas, pois ambos ganham mais conhecimentos sobre a cidade, geografia, história, cultura e turismo locais; diversificam-se o emprego e novos são gerados; envolve mais a comunidade na atividade turística. Os turistas que visitam a localidade recebem atendimento de qualidade pelos serviços prestados, têm mais conhecimento sobre a cultura, história e geografia local; respeitam e valorizam a localidade por seguir o exemplo dos cidadãos. (FONSECA FILHO, A.S., 2007, p. 20)

Diante do exposto, o desenvolvimento de novos turistas que possuam consciência ambiental, se dará por meio de planos e políticas bem implementados por parte do poder público e no âmbito das escolas. Os projetos devem ter como meta

ampliar as possibilidades turísticas para todas as camadas sociais. Neste sentido, projetos voltados para a educação turística, ambiental e geoturística trará contribuições significativas para a sociedade local.

Da mesma maneira, o governo deve promover uma política social do turismo, tendo como objetivo precípua oferecer às pessoas a possibilidade do convívio social e do contato com a natureza. Neste sentido, essa política abre um caminho interessante para a educação ambiental. Uma verdadeira educação através do lazer turístico que é preciso visar (SILVEIRA, 1992, p. 57).

No plano das escolas esta missão caberá ao professor, que terá a tarefa de orientar seus alunos na construção de um conhecimento em diferentes escalas. Esta construção do conhecimento, caracterizada do particular para o geral, propiciará aos alunos uma melhor condição de aprendizado e formação da cidadania, pois o mesmo aprenderá a observar o espaço geográfico em que se encontra inserido, transferindo este conhecimento para outras regiões e para o mundo.

Nas atividades de leitura do espaço a partir das paisagens turísticas, é importante valorizar aquilo que se encontra próximo do aluno, a fim de que este possa ter uma melhor compreensão de fatos e fenômenos que se encontram distantes, partindo-se desta forma do concreto para o abstrato e posteriormente retrocedendo até o concreto.

A partir do processo de observação surgirão dúvidas e questionamentos dos alunos, que poderão ser resolvidas com o auxílio do professor, segundo Pontuschka (2009, p. 174) “ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora do seu espaço de vivência, pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve”. Entende-se desta forma que, nas atividades de leitura do espaço geográfico, a partir de atividades de turismo educativo, as paisagens podem ser lidas a partir das interrogações dos alunos e da participação dos professores.

Acontece a observação da realidade e a indagação, valorizando a dúvida – o ato de questionar para desinstalar, provocar, criar o vazio, a falta; é o momento de se elaborar questões singulares, próprias do sujeito que pergunta, mas também aquelas comuns próprias de uma comunidade duvidante, que habita os espaços educativos, ou seja, levantando os problemas a serem estudados – objeto de estudo – orientando os alunos a um processo de reflexão da realidade (GOMES; CARNEIRO, 2013, p. 144).

Identifica-se, desta forma, que o processo de construção do conhecimento geográfico, ocorre a partir da observação, levada a efeito por meio dos mecanismos de percepção que gerarão a partir desta ação a decodificação e os questionamentos, que de uma forma ou outra serão inevitáveis, quando o aluno se encontra inserido em seu ambiente de estudos. Todos os resultados desta atividade por sua vez poderão ser expressos por meio de mapas mentais, desenhos, textos ou outras formas de expressão.

É importante ressaltar que todas as paisagens com interesse turístico, podem ser utilizadas para atividades com fins pedagógicos. E para este fim não necessitam arranjos específicos, uma vez que a leitura da paisagem geográfica, pode ocorrer sob qualquer condição. Os roteiros turísticos possuem uma ampla variedade de paisagens e atrativos que interessam à disciplina de geografia. Muitos roteiros já desenvolvidos por outros segmentos turísticos podem ser adaptados ao ensino da disciplina escolar de geografia. É possível também que em locais turísticos existam estruturas adaptadas ou mesmo construídas com a finalidade de prestar serviços para entidades educacionais, como chácaras pedagógicas, aquários, observatórios astronômicos, entre outros.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDOS

3.1 MORRETES: TERRITÓRIO E PAISAGENS

O município de Morretes encontra-se localizado no litoral do estado do Paraná (Figura 1). Suas coordenadas geográficas são: 25° 28' 37" S e 48° 50' 04" W. A área territorial é de 687,80 km² e possui uma altitude média de 10 metros sobre o nível do mar.

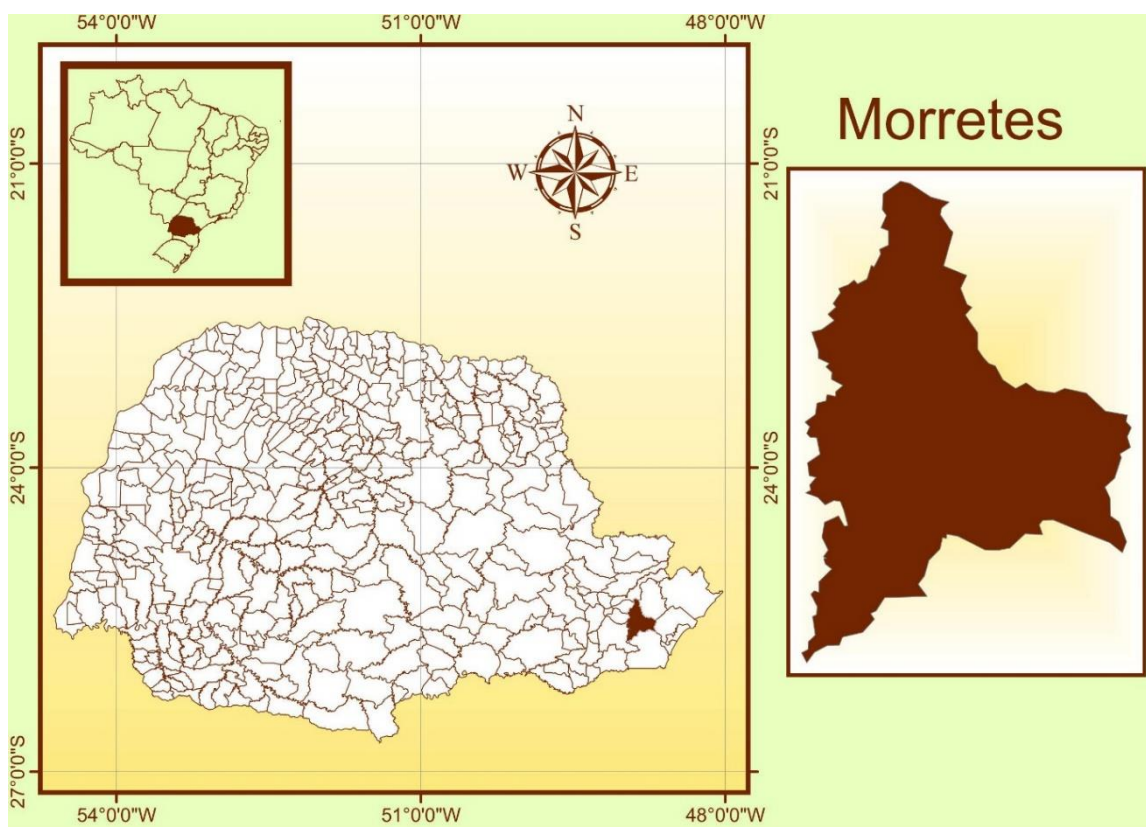


FIGURA 1 - CARTOGRAMA DE LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MORRETES-PR

FONTE: Base cartográfica do IBGE

ARTE FINAL: Knopki, G. 2014⁴.

⁴Cartograma de localização - Arte final: Gustavo Knopki.

Direitos de uso cedidos a: Luís Roberto Halama

Morretes limita-se com Paranaguá a leste, Antonina a nordeste e Guaratuba ao sul, todos localizados no litoral do Paraná. Ao Norte limita-se com Campina Grande do Sul, e a oeste com Quatro Barras, Piraquara e São José dos Pinhais, que se encontram localizados predominantemente sobre o planalto.

A distância entre a cidade de Morretes e Curitiba é de 68 km, com acesso realizado pela rodovia BR 277 a partir de Curitiba e no km 29 segue-se pela PR 408 até a cidade de Morretes. Outra opção rodoviária é seguir pela BR 116 a partir de Curitiba no sentido Norte e ao chegar ao portal da Graciosa acessar a PR 410, conhecida como estrada da Graciosa, na atualidade utilizada apenas como estrada turística para veículos de pequeno e médio porte, por essa estrada chega-se ao entroncamento com a PR 411 e a por essa estrada à cidade de Morretes, num percurso total de 74 km (Figura 2).

As rodovias citadas possuem boa sinalização e indicação de direções e distâncias, fato que facilita o acesso para aqueles que decidem viajar por qualquer uma dessas opções.

Outra opção é a utilização do modal ferroviário, pela ferrovia Curitiba – Paranaguá, possui uma extensão de 69 km. A empresa concessionária é a Serra Verde Express com itinerário diário de trens e saídas de Curitiba às 08 horas e 15 minutos, com chegada prevista a Morretes para as 11 horas e 15 minutos. A mesma empresa oferece retorno à Curitiba no horário das 15 horas. Outra opção é a utilização das litorinas (veículo automotriz), que se deslocam pela linha férrea entre Curitiba e Morretes apenas aos domingos, sábados e feriados. Segundo dados da empresa Serra Verde Express, o número de passageiros que utilizam esse meio de transporte apresenta crescimento nos últimos anos (Gráfico 1).

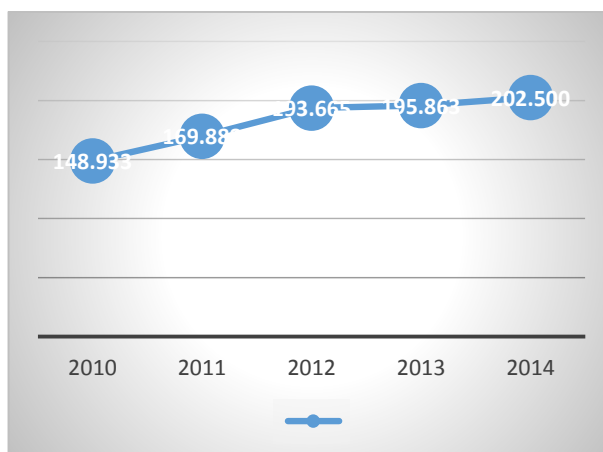


GRÁFICO 1 – MOVIMENTAÇÃO DE PASSAGEIROS (FERROVIA: CURITIBA – MORRETES)
FONTE: Serra Verde Express

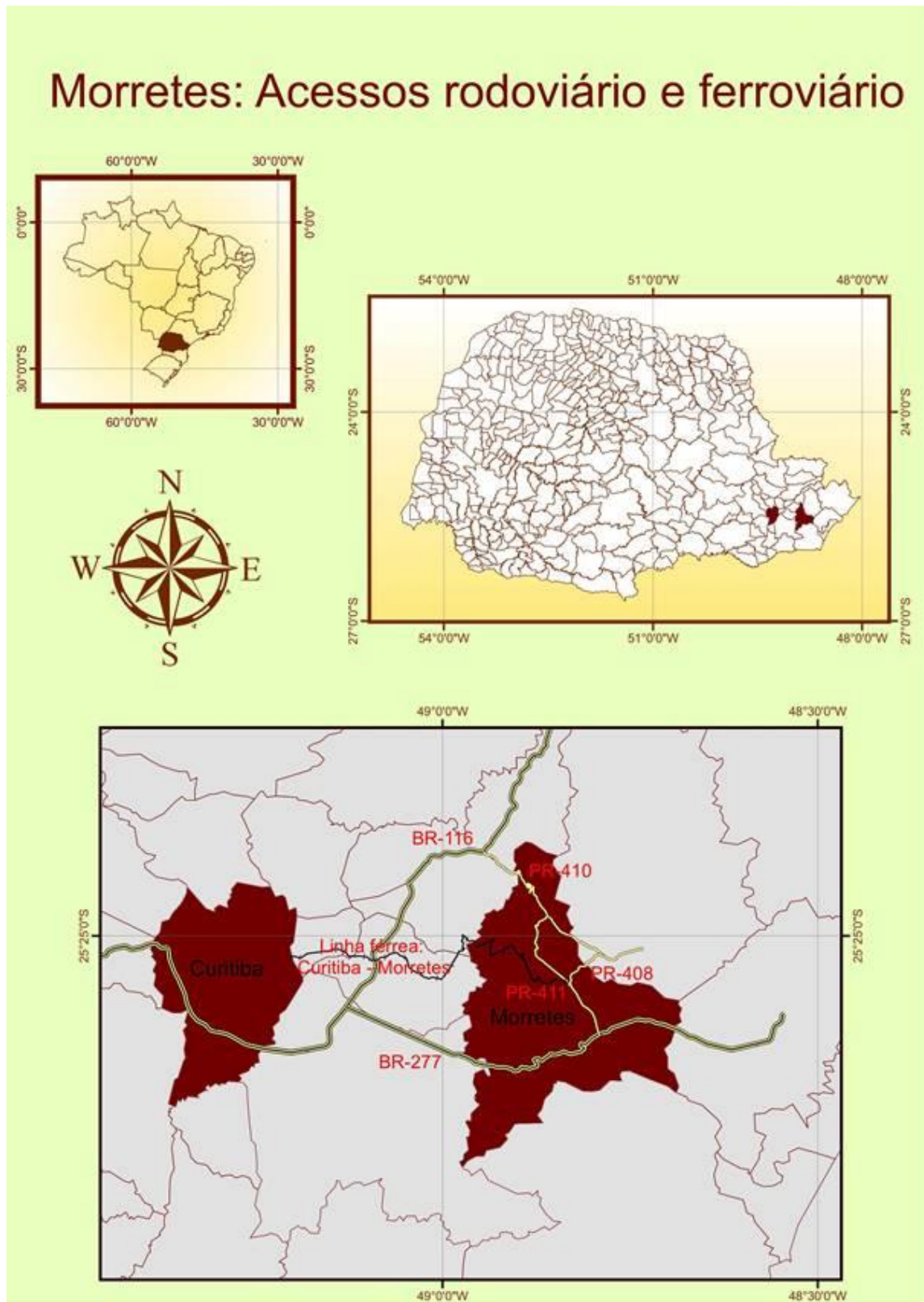


FIGURA 2 – CARTOGRAMA - MORRETES ACESSO ROOVIÁRIO E FERROVIÁRIO

FONTE: Base Cartográfica do IBGE

Arte final: KNOPKI, G⁵. (2015)

⁵ Cartograma: Morretes- Acesso Rodoviário e Ferroviário – Arte final: Gustavo Knopki. Direitos de uso cedidos a Luís Roberto Halama

O município possui uma população de 16.381 habitantes de acordo com a estimativa de 2014 do IBGE e uma densidade demográfica de 22,96 hab./km².

Avaliando-se os censos demográficos dos anos 2000 e 2010 a partir das informações obtidas no Atlas Brasil do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), percebe-se que a população de Morretes cresceu a uma média anual de 0,29%. Esse percentual é inferior ao registrado no Brasil que foi da ordem de 1,17% para o mesmo período.

Contrastando-se esses resultados ao dos censos anteriores percebe-se que vem ocorrendo uma queda no crescimento demográfico se comparado à década anterior, quando havia sido superior ao crescimento demográfico nacional e estadual.

A população rural do município de Morretes apresenta-se superior à população urbana. Comparando-se os dados dos últimos censos demográficos, percebe-se um crescimento na ordem 52,84% em 1991 para 54,33% em 2010 (Tabela 1).

TABELA 1 - POPULAÇÃO TOTAL, POR GÊNERO, RURAL/URBANA – MORRETES – PR

População	Pop. (1991)	% do Total 1991	Pop. (2000)	% do Total (2000)	Pop. (2010)	% do Total (2010)
Pop Total	13.135	100,00	15.275	100,00	15.718	100,00
Homens	6.655	50,67	7.854	51,42	7.950	50,58
Mulheres	6.480	49,33	7.421	48,58	7.768	49,42
Urbana	6.194	47,16	7.153	46,83	7.178	45,67
Rural	6.941	52,84	8.122	53,17	8.540	54,33

FONTE: PNUD, IPEA, FJP

TABELA 1 – POPULAÇÃO TOTAL, POR GÊNERO, RURAL/URBANA – MORRETES - PR

FONTE: Atlas Brasil – Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/morretes_pr - acesso em 03.04.2015

Contrastando-se os dados demográficos do município de Morretes, entre os anos de 1991 e 2010, é importante destacar a redução das taxas de fecundidade que era de 3,4 filhos por mulher para 2,4 filhos por mulher. A mortalidade infantil (crianças com idade inferior a 1 ano) de 25 por mil nascidos vivos, para 12,4 por mil nascidos vivos. Ocorreu também no mesmo período em análise uma elevação da esperança de vida ao nascer, de 66,6 anos para 75,2 anos. (Figuras 3 e 4).

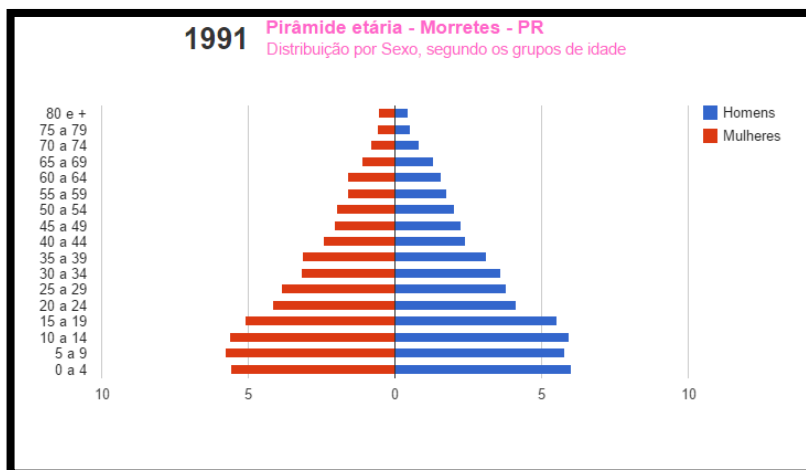


FIGURA 3– PIRÂMIDE ETÁRIA – MORRETES – PR (1991)

FONTE: FONTE: Atlas Brasil

Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/morretes_pr - acesso em 03.04.2015

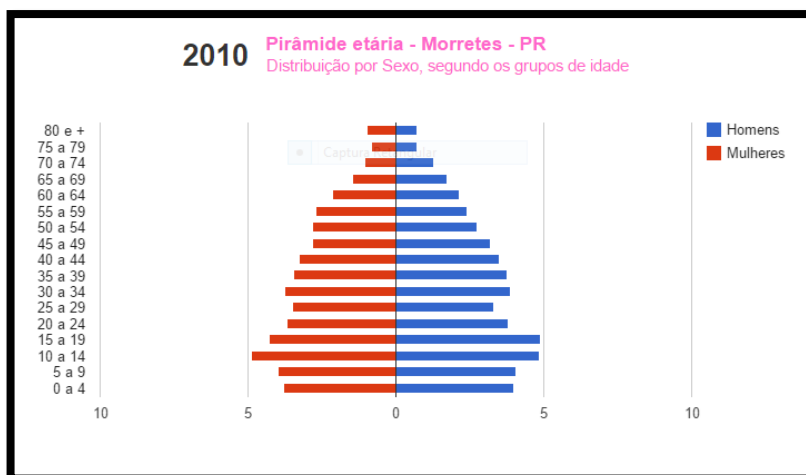


FIGURA 4 – PIRÂMIDE ETÁRIA – MORRETES – PR (2010)

FONTE: FONTE: Atlas Brasil

Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/morretes_pr - acesso em 03.04.2015

A população estudantil de Morretes é composta por de 2.856 alunos matriculados no ensino fundamental e 836 alunos matriculados no ensino médio, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2012.

Ao se avaliar os últimos censos percebe-se que ocorreu um aumento das matrículas nos níveis do ensino fundamental e médio, o que reflete uma melhora nas condições de vida da população morretense (Gráfico 2).

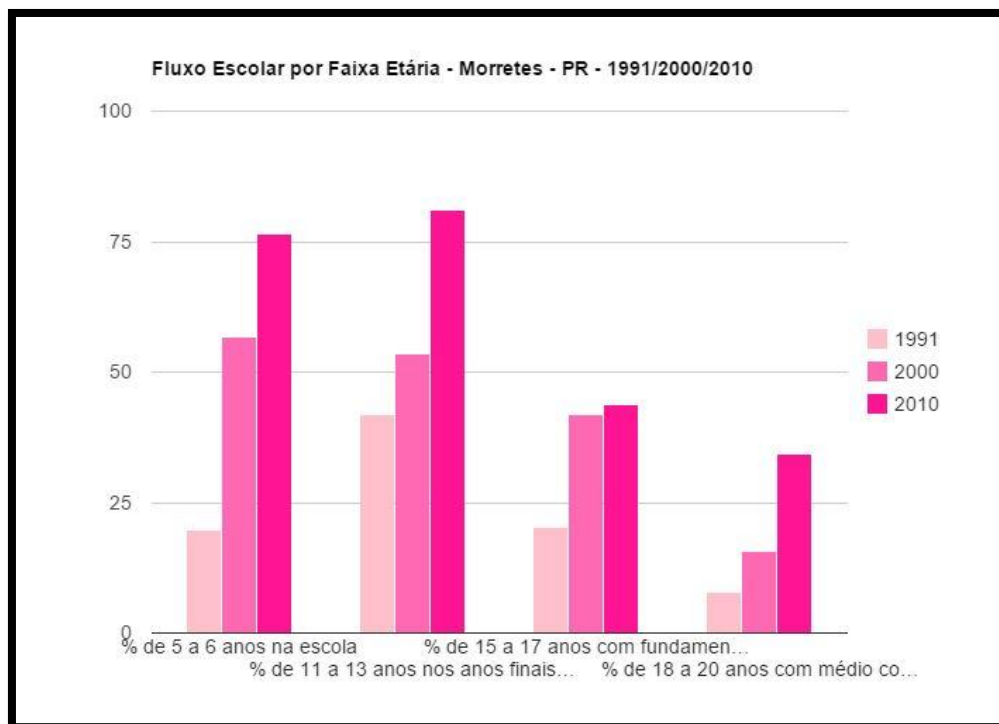


GRÁFICO 2 – FLUXO ESCOLAR POR FAIXA ETÁRIA – MORRETES-PR 1991-2010

FONTE: Atlas Brasil – Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/morretes_pr - acesso em 03.04.2015

Na economia de Morretes é perceptível a importância do setor terciário, representado pelo comércio e serviços (Gráfico 2). A agricultura possui ainda papel relevante, com a produção de cana-de-açúcar, mandioca, milho, tomate e banana. O setor industrial apresenta-se pouco desenvolvido, com indústrias de bens de consumo não duráveis como maior expoente, destacando-se as fábricas de farinha de mandioca, balas de banana, conservas e cachaça.

A partir das últimas décadas do século XX, com base em diversos tipos de fontes (orais, bibliográficas e documentais), percebemos uma expansão comercial e turística em Morretes. Um dos principais fatores para tal expansão é a valorização do setor gastronômico. Essa valorização coloca comidas e bebidas locais, como o barreado e a cachaça, em evidência na cidade, passando a ser vistos como importantes patrimônios culturais e chamarizes turísticos (MEIRA, 2013, p. 13)

Quando se compara o Produto Interno Bruto (PIB) de Morretes (Gráfico 3), percebe-se que o setor que se destaca é o de serviços, seguido pela agricultura e finalmente pela indústria.

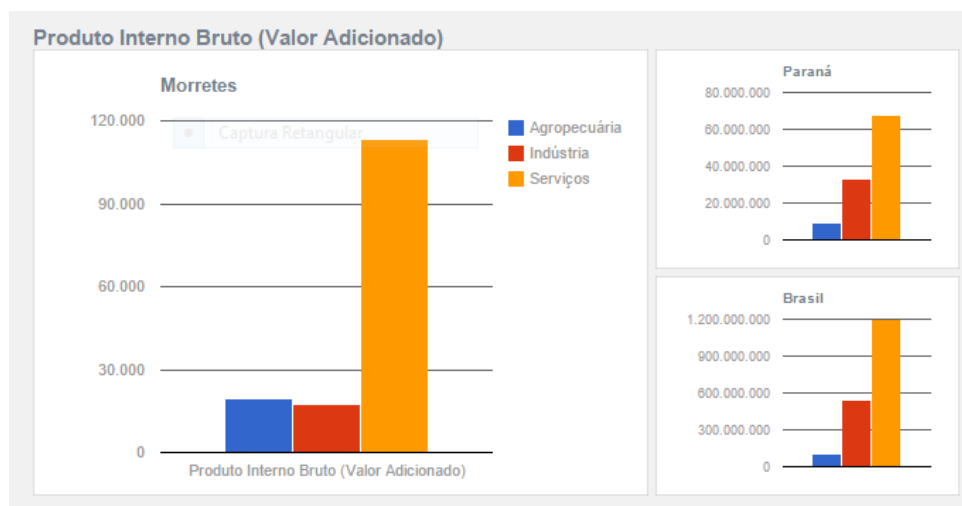


GRÁFICO 3 – PRODUTO INTERNO BRUTO – MORRETES/PR
 FONTE: IBGE – Disponível em: www.ibge.gov.br – acesso em 05.04.2015

Como parte das estratégias para o incentivo ao turismo local e desenvolvimento das atividades agrícolas do município a prefeitura da cidade promove na cidade festas anuais, onde são expostos os produtos típicos da região, como as farinhas de mandioca, cachaças artesanais, balas de banana, conservas de vários tipos como quiabo, jiló, pepino, produtos do artesanato local (Figura 5)



FIGURA 5 – BANNER DA XXXII FESTA FEIRA AGRÍCOLA DE MORRETES/PR.
 FONTE: <http://www.morretes.pr.gov.br/> - Acesso em 04 abr.2015

O município surgiu politicamente em 1841 como resultado do desmembramento do município de Antonina. Entretanto a origem do povoado é bem anterior, datando da primeira metade dos anos 1600, quando os primeiros aventureiros procedentes de São Paulo adentraram ao litoral paranaense à procura

de ouro, surgem desta forma os primeiros povoados. No início do século XIX, a industrialização da erva-mate e da cachaça, movimentaram significativamente a economia da região, trazendo-lhe alguma prosperidade, porém de forma rápida e passageira.

Morretes encontra-se no limite entre o litoral e o planalto, separado pela zona montanhosa da serra do mar, transformando-se em uma “área de passagem” e porta para o oceano, e que o estado se caracteriza pela predominância dos planaltos conforme Maack (2012, p. 136).

A região serrana, desde o início da colonização mostrou-se como um obstáculo ao avanço dos colonizadores ao interior do estado. Suas elevações impediam o livre acesso e dificultavam os deslocamentos.

Historicamente, diversos grupos indígenas deslocavam-se entre o litoral e o planalto. Este nomadismo se dava sobretudo pela busca de alimentos, que se produziam em abundância nos pinheirais que revestiam o planalto, passada a safra de pinhões desciam ao litoral para coleta de mariscos e pesca. Assim, várias trilhas foram sendo estabelecidas entre essas zonas fisiográficas.

Com a efetivação da ocupação portuguesa, surge a necessidade de se acessar o interior do estado, inicialmente as expedições exploratórias e posteriormente com a fixação humana sobre o planalto, a movimentação de mercadorias e pessoas. As trilhas pré-existentes começaram a ser calçadas com pedras irregulares entre a densa Mata Atlântica que reveste o litoral e a serra do mar.

Algumas destas trilhas permanecem até hoje, se não no todo, mas pelo menos em grande parte preservadas, compondo o que é conhecido como caminhos coloniais. Aproveitando-se o traçado original de alguns destes caminhos, desenvolveram-se projetos para a construção de estradas ligando o planalto ao litoral. As trilhas destacam-se na atualidade, como atrativo turístico para aqueles que praticam o chamado turismo de aventura e o ecoturismo, mas além destas atividades turísticas, também têm sido utilizadas para o desenvolvimento das atividades ligadas ao turismo geoeeducativo.

Dentre as trilhas abertas primeiramente pelos povos indígenas que já habitavam o território brasileiro, e posteriormente aproveitadas pelos colonizadores, destaca-se a trilha do Itupava, que possui cerca de 22 km de extensão entre o distrito de Borda do Campo, localizado no município de Quatro Barras e o distrito de Porto de Cima em Morretes. Segundo Wachowicz (2010, p. 121-26), o caminho do Itupava era

o preferido pelos tropeiros, apesar de todas as dificuldades, era possível transpor a escarpa em cerca de dois dias, enquanto por outros caminhos o percurso era muito mais demorado.

O trânsito pelo Itupava beneficiava o povoado de Morretes e o porto de Paranaguá em detrimento do porto de Antonina, pois ao terminar em Porto de Cima nas margens do rio Nhundiaquara, movimentava um intenso negócio de transportes por canoas que levavam as mercadorias que chegavam do planalto como a erva-mate ao porto de Paranaguá.

A caminhada por este trecho ainda hoje é extenuante, e seu percurso total pode ser concluído em torno de 8 a 10 horas. A realização de atividades de turismo educativo nesta trilha é aconselhável apenas para alunos do ensino médio se for realizada em seu percurso total, entretanto, é possível utilizar apenas pequenos trechos da mesma, e isto é possível acessando a trilha no Distrito de Borda do Campo no município de Quatro Barras, ou em Morretes na localidade de Porto de Cima.

Esta trilha conta com dois pontos de apoio ao turista, um está localizado em Borda do Campo, distrito do município do Quatro Barras e que conta com boa sinalização para sua localização, entretanto a sua estrutura é acanhada em uma espécie de trailer apenas para registro dos excursionistas no local existe um grande painel contendo o roteiro e informações sobre a trilha. Já o posto de controle de praias que se localiza próximo a Porto de Cima possui uma estrutura melhor, construída em alvenaria e com banheiros e chuveiros. A trilha passou por um processo de restauração em 2006, quando foram construídas várias pontes pênséis e revitalizada em 2011 após as intensas chuvas que se abateram sobre o estado produzindo a queda de mais de cem árvores sobre a trilha.

Outro dos caminhos coloniais que se destaca pelo interesse turístico educativo, é o chamado Caminho da Graciosa (Figura 6), que se encontra ao largo da PR 410, ou estrada da Graciosa, possui diversos trechos que ainda podem ser percorridos em meio à mata Atlântica, alguns interligam recantos como o da Ferradura ao Mãe Catira.

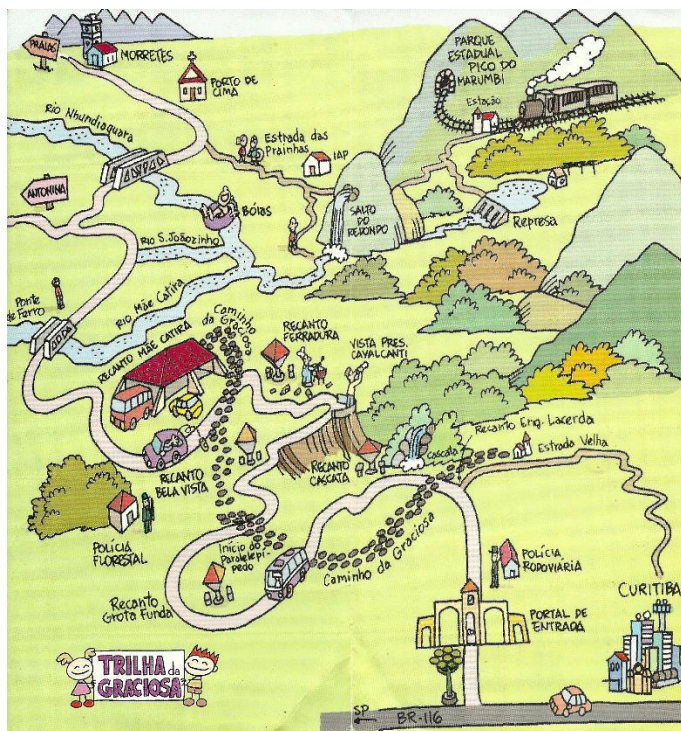


FIGURA 6 – FOLDER TURÍSTICO DO CAMINHO DA GRACIOSA
 FONTE: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

A facilidade de acesso a trechos do Caminho da Graciosa, como aquele que se encontra localizado entre os recantos da Ferradura e Mãe Catira, tem atraído a atenção de empresas turísticas, especializadas em turismo educativo e escolas que levam seus alunos até este ponto para conhecer a trilha e percorrê-la de forma segura.

As dificuldades para avançar sobre o terreno íngreme do complexo cristalino, beneficiaram a composição florística do lugar, pois desta forma pode-se manter protegida da ação antrópica. Isto é destacado por Silveira (1992, p. 67) quando afirma que “esta característica lhe trouxe, de um lado, a antipatia de alguns dos primeiros exploradores do território paranaense, pois era um empecilho à sua penetração. De outro, contribui grandemente para sua própria sobrevivência desde a época de Cabral até o momento atual”. Este “empecilho”, foi o elemento que proporciona na atualidade as belas paisagens que tanto tem atraído o turismo para esta região do estado do Paraná.

Outra situação interessante sobre as dificuldades para se ultrapassar as paisagens serranas localizadas no município de Morretes, diz respeito a pequena fixação humana na região. Como afirma Silveira (1992, p. 75), de certa forma a serra do mar sempre foi vista como uma “região de passagem”, fato ainda comum em nossos dias, quando se observa o trânsito em suas estradas. Entretanto, apesar da

condição de preservação permanente da região serrana percebe-se que novas áreas vão sendo abertas, novas moradias são construídas e finalmente, as belas paisagens correm o risco de desaparecer.

Pensando na serra do mar como “região de passagem”, pode transferir-se esta situação também para o turismo que se pratica nesta região, pois este também possui um caráter de passagem, já que a grande maioria dos excursionistas que se desloca pela região serrana, particularmente pela estrada da Graciosa, o faz com o interesse de desfrutar alguns momentos agradáveis de lazer nesta área de forma transitória.

Podemos afirmar que, o mesmo ocorre com o turismo educativo realizado por escolas de Curitiba e região metropolitana, que se beneficia pela proximidade e pelas facilidades de acesso, com rodovias federais e estaduais em boas condições de tráfego e ainda pela opção de se usar a ferrovia.

Os caminhos coloniais que ultrapassaram a serra do mar, foram sendo construídos ao longo dos séculos XVII a XX, pela ação de mineradores, escravos e tropeiros. Todas as mercadorias que chegavam pelo porto de Paranaguá ou Antonina e precisavam ser transportadas até o primeiro planalto

É desta forma que se chega à construção da estrada da Graciosa e da ferrovia, que foram considerados verdadeiros desafios à engenharia de suas épocas. Durante muito tempo, a rodovia PR 410 foi a única estrada ligando o planalto ao litoral.

De acordo com Wachowicz (2010), o governo do Paraná passou a incentivar a utilização destas estradas, pois naquele momento havia uma concorrência com o porto de Santos. Assim, após a década de 1930 intensificou-se o transporte de madeira, erva-mate e café em direção ao porto de Paranaguá. Neste contexto o município e a cidade de Morretes se constituíam numa área de passagem, em direção a Antonina ou Paranaguá, e mesmo os turistas com destino ao litoral acabam apenas passando pelo município e pela cidade.

No final da década de 1960, a BR 277 se associa ao quadro de rodovias do estado, desafogando o tráfego pela estrada da Graciosa.

Após a inauguração do trecho Curitiba-Paranaguá, por meio de regulamentação do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), a PR 410 ou estrada da Graciosa, tornou-se uma estrada histórica e turística. Em abril de 2007, por determinação do mesmo órgão, que já impedira anteriormente a passagem de caminhões, passou também a proibir a circulação de ônibus de turismo por esta

estrada, sob a alegação de questões de segurança, pois a estrada é estreita, sem áreas de estacionamento e revestida por paralelepípedos em grande parte do seu percurso.

Esta rodovia possui importância para o turismo da região serrana, bem como para a cidade de Morretes, pois trata-se de uma estrada conhecida e visitada por turistas de diversas regiões do país e particularmente aos finais de semana, quando o fluxo é muito grande na estrada e nos quiosques.

Ao longo da estrada da Graciosa o D.E.R. construiu seis recantos para turistas (Engenheiro Lacerda, Grotta Funda, Rio da Cascata (Fotografia 1), Bela Vista, Ferradura e Mãe Catira). Esses recantos possuem churrasqueiras cobertas, sanitários e em vários deles existem lanchonetes que servem lanches rápidos. Quando visitados durante os levantamentos de dados para esta pesquisa todos apresentavam boas condições de utilização, com limpeza e boa sinalização identificando os locais. Alguns desses recantos possuem mirantes, nos quais é possível contemplar a serra e a baía de Paranaguá e apresentam-se de grande importância para o turismo educativo.



FOTOGRAFIA 1 – RECANTO RIO DA CASCATA, PR-410 – MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2013)

Os recantos já citados, têm sido utilizados em parte pelos projetos educativos. É importante frisar que a proibição imposta pelo D.E.R. de circulação com ônibus de turismo limitou em grande parte o acesso de grupos de turistas e por sua vez de estudantes a esta região por esta estrada.

A solução encontrada por alguns, ao deslocar grandes grupos em particular de escolares é fazer o percurso pela BR 277, passar pelo centro da cidade de Morretes e, se deslocar então até o recanto Mãe Catira que está localizado no início da subida da serra, onde os alunos ficam apenas com uma visão parcial do conjunto montanhoso, porém esta atitude contraria a legislação, pois para se chegar até esta localidade é necessário deslocar-se pela PR 410 (Fotografia 2). Outra opção tem sido a contratação de micro-ônibus ou vans, que são permitidas para deslocamento de grupos, desta forma torna-se possível descer todo o percurso, fazendo as paradas nos recantos já mencionados.



FOTOGRAFIA 2 – ESTACIONAMENTO DO RECANTO MÃE CATIRA: PR 410 (MORRETES/PR)
FONTE: Acervo do autor (2013)

A região da serra do mar, em virtude de suas altitudes, localizada frente ao oceano Atlântico, recebe toda a influência da massa tropical atlântica, particularmente com maior incidência nos meses de verão do hemisfério Sul, que favorece a elevada umidade registrada nesta região, com índices que segundo Vanhoni e Mendonça (2008, p. 56) conferem uma média de 2.435,8 mm/anuais.

A fragilidade do ambiente da serra do mar, em razão de sua declividade associada à ação humana ao efetuar o desmatamento de pequenas áreas de encostas com a finalidade agrícola, faz com que ocasionalmente em épocas de chuvas intensas, escorregamentos sejam verificados, o que segundo Ab'Saber (2003, p. 17), “trata-se, ainda, da região sujeita aos mais fortes processos de erosão e de movimentos coletivos de solos em todo o território brasileiro (faixa Serra do Mar e bacia do Paraíba do Sul).” Esta situação apresentada aqui, pode ser aplicada a outras localidades da serra do mar, que devido às mesmas condições geomorfológicas se encontram sujeitas a escorregamento e “movimentos coletivos de solos”.

Em certas circunstâncias, os prejuízos à estrada da Graciosa podem ser de tal ordem, que o trânsito pode ser interrompido por vários dias, ou mesmo meses, como ocorreu entre 13.03.2014 (data da interdição) e 06.09.2014, quando o trânsito foi liberado totalmente (Fotografia 3). Este fato prejudica consideravelmente os pequenos comerciantes que vivem exclusivamente do turismo local. O mesmo se dá com as atividades relacionadas com o turismo educativo, pois dependendo da época em que o fenômeno ocorra e se este for coincidente com o ano escolar (letivo), as atividades que estejam programadas para uso desta estrada por colégios da Região Metropolitana de Curitiba e do litoral terão que ser readequadas.



FOTOGRAFIA 3 – INTERDIÇÃO TOTAL DA PR 410 (MAR. – SET./2014): 22.04.2014
FONTE: Acervo do autor (2014)

Com relação às temperaturas ligeiramente elevadas em relação às demais regiões do estado, é favorecida pelas altitudes e pela presença da região montanhosa. Segundo Silveira (1992, p. 85), “As temperaturas médias que variam entre 13°C e 21°C, traçam sua íntima correlação com o relevo escarpado e com a vegetação”. O tipo climático de acordo com a classificação de Köppen da região litorânea é classificado como Af, que corresponde ao clima tropical superúmido, sem estação seca, isento de geadas, com temperatura média do mês mais quente superior a 22°C e no mês mais frio superior a 18°C. Este fato proporciona as condições necessárias para o desenvolvimento de uma floresta densa pluvial tropical. Constituída por inúmeras espécies e que compõe no seu conjunto a Mata Atlântica que recobria o litoral do Brasil. Importante destacar que mesmo na atualidade, sofrendo constante intervenção antrópica, apesar de seu tombamento patrimonial, ainda é possível observar trechos mais conservados, onde é visível a exuberância da floresta pluvial.

A rede de drenagem do município é formada por diversos rios que se integram à bacia atlântica, com destaque para os rios Ipiranga, São João, Mãe Catira, Marumbi e Nhundiaquara. Esses rios são muito procurados por turistas especialmente durante os meses de verão.

Com respeito à compartimentação geomorfológica, parte do município de Morretes encontra-se localizado sobre a planície costeira do estado do Paraná. Frente à região montanhosa do complexo cristalino surgem morros isolados e que deu origem ao nome do município, estas formações compõe o conjunto da orla da serra.

Podemos identificar na área do Município dois compartimentos geomorfológicos. Toda a porção norte, oeste e sudoeste é composta pelas vertentes íngremes da Serra do Mar. Outro compartimento compreende as porções central, nordeste e leste, constituído pelo prolongamento da planície sedimentar que margeia a baía de Paranaguá. Essa planície é interrompida por morros de pouca altitude, de encostas suaves [...] (BLEY, 1990, p. 56)

No município está localizado o Distrito de Porto de Cima, o povoado teve origem com a mineração no rio Nhundiaquara, posteriormente serviu como entreposto comercial e teve seu maior brilho atrelado à erva-mate. Porto de Cima era o local mais próximo da serra do mar que se conseguia chegar navegando, nesta localidade criou-se um porto de canoas que transportavam a congonha (erva mate), produzida no primeiro planalto e transportada pelo caminho do Graciosa até os engenhos onde era beneficiada e enviada ao porto de Paranaguá, ou retorna ao primeiro planalto pelo caminho do Arraial.

Entre as construções que foram preservadas na localidade de Porto de Cima, encontra-se a igreja de São Sebastião do Porto de Cima, construída na primeira metade do século XIX e inaugurada em 1850, já citada neste trabalho como patrimônio cultural do estado do Paraná.

Morretes recebeu também a influência de vários grupos imigrantes que passaram a chegar a partir de meados do século XIX. Imigrantes poloneses, russos, norte-americanos, italianos, japoneses, sírios, foram atraídos para o município, entretanto poucos destes conseguiram se adaptar às condições climáticas e logo deixaram o município em busca de outros lugares.

A cidade de Morretes situada às margens do rio Nhundiaquara como já mencionado anteriormente, chama a atenção para o turismo educativo, em razão de seu patrimônio cultural. A constituição federal de 1988 nos artigos 215 e 216 identifica a existência de bens culturais de origem material e imaterial, a mesma constituição diz ser dever do Estado proteger estes bens culturais. Enquadram-se nestas categorias, de acordo com as *subseções I a V* dos referidos artigos.

As formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Apreciar este patrimônio é como fazer uma viagem no tempo, retornando à época em que a cidade começava a dar seus primeiros passos. Com suas ruas ladeadas por antigos casarões e edificações como igrejas, coretos, praças entre outros.

É possível também observar que o uso do patrimônio histórico sofreu alterações com o tempo, pois ocupando as antigas casas, na atualidade existem restaurantes e lojas de artesanato, cujos produtos são destinados em grande parte aos turistas que visitam a cidade.

Uma caminhada pela margem direita do rio Nhundiaquara, que no passado já foi chamado de rio Cubatão, nos leva a passar obrigatoriamente pelo marco zero da cidade. Datado de 1733 quando a Câmara Municipal de Paranaguá, após divergências e revogação do provimento, conseguiu finalmente fazer a demarcação da área e a instalação do povoado de Morretes.

O rio Cubatão era percorrido obrigatoriamente pelos viandantes que de Curitiba desciam para o litoral pelo caminho do Itupava. O ouvidor Pardinho, quando fazia em 1721 correição na vila de Paranaguá, ordenou em provimento a esta Câmara que demarcasse nas margens do Cubatão 300 braças em quadra, para que servisse de sede a uma futura povoação (WACHOWICZ, p. 59, 2010).

Nesta mesma rua encontra-se a casa que pertenceu ao Sr. João de Almeida, que de acordo com a placa comemorativa afixada em uma das paredes o apresenta como fundador da cidade (Fotografia 4).



FOTOGRAFIA 4 – CASA QUE PERTENCEU A JOÃO DE ALMEIDA (FUNDADOR DE MORRETES)
FONTE: Acervo do autor (2014)

Entre as antigas construções, algumas foram tombadas pela Coordenação do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura do governo do estado do Paraná. No centro histórico a Casa Rocha Pombo, e que pertence à Prefeitura de Morretes, onde encontra-se a Secretaria de Turismo, aos fundos desta encontra-se uma maquete da serra do mar, que recebeu uma completa restauração em 2014. Ainda existem outras edificações tombadas como a Igreja de São Benedito (Fotografia 5), a Igreja de São

Sebastião e uma residência em alvenaria, ambas localizadas no Distrito de Porto de Cima. Além das edificações como patrimônio natural a serra do mar neste município

Ainda no centro histórico de Morretes, o Hotel e Restaurante Nhundiaquara em cujas paredes encontra-se uma placa que o situa como o prédio mais antigo da cidade.



FOTOGRAFIA 5 – IGREJA DE SÃO BENEDITO – MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

Fazendo parte da cultura local e patrimônio imaterial de acordo com o site da Secretaria de Estado da Cultura, tem-se a gastronomia que não poderia deixar de ser mencionada, pois nos seus restaurantes se oferece o barreado⁶, prato típico desta região, que chama a atenção pelas histórias que cercam sua origem, seu preparo e consumo.

⁶ Barreado: Prato típico do litoral paranaense, servido nos restaurantes de Morretes. A origem está associada à colonização portuguesa. Os ingredientes para o preparo são: carne bovina (maminha, patinho ou paleta), toucinho de porco e temperos como pimenta-do-reino, alho, louro e cominho. O cozimento deve ser lento e contínuo em panela de barro por cerca de 20 horas. A tampa da panela deve ser fechada com uma pasta preparada com farinha de mandioca. A carne totalmente cozida e desfiada é servida com seu molho e farinha de mandioca, banana e outros complementos.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresenta-se a abordagem metodológica empregada com a finalidade de entender a importância das atividades escolares, em locais de interesse turístico no município de Morretes, no estado do Paraná.

O interesse pelos locais turísticos pelas escolas de ensino médio e fundamental, abrem um leque de possibilidades de atividades que possibilitarão ao aluno uma ampliação de seus horizontes, favorecendo a leitura e interpretação das paisagens e do espaço geográfico.

Nesse contexto, a investigação também se estendeu sobre as atividades desenvolvidas pelas agências de turismo que ofertam pacotes turísticos educativos a colégios da região metropolitana de Curitiba, no período letivo de fevereiro a julho de 2014. A pesquisa também abrangeu escolas que foram selecionadas a partir de indicações da agência de turismo VK.

A primeira etapa desenvolvida para a realização desta pesquisa, ateu-se ao levantamento bibliográfico relacionada ao turismo e a importância dos estudos realizados para a alfabetização geográfica, por meio da leitura das paisagens geográficas. Estes levantamentos bibliográficos embasaram os primeiros capítulos dessa dissertação, com o intuito de prestar o suporte necessário para a análise que se fará no último capítulo.

A pesquisa qualitativa, apresenta-se relevante para o campo da pesquisa geográfica, pois procura de forma científica investigar os fenômenos de forma abrangente. Esta metodologia leva obrigatoriamente o investigador ao campo, é no contato direto com sua fonte de pesquisas que ele procurará entender os fenômenos que se apresentam no seu campo de investigação.

A pesquisa qualitativa possui grande importância nos trabalhos de campo. Procura compreender a realidade e se utiliza de diversas ferramentas como a observação direta e indireta, questionários e entrevistas.

Ao desenvolver atividades de observação em campo o pesquisador entrará em contato direto com o seu tema de pesquisa. Esta técnica associada às entrevistas contribuirá para a compreensão dos fatos e fenômenos em estudo. Entretanto, se faz necessário que o mesmo esteja ciente das limitações e das dificuldades que as mesmas possuem, para que no final suas conclusões possam ser coerentes.

4.1 OBSERVAÇÃO

As observações foram realizadas a partir de contato e autorização para acompanhar grupos de excursionistas, de escolas contratantes da Agência de Turismo VK (VK), bem como do Colégio Adventista Boqueirão (CAB).

As atividades distribuíram-se no decorrer do ano letivo de 2013, em uma aula em campo para alunos do ensino fundamental do CAB e que foi desenvolvida na Estrada da Graciosa e na cidade de Morretes.

No decorrer de 2014 foram observadas as aulas de campo do CAB realizadas no Caminho do Itupava com alunos do ensino médio e na Estrada da Graciosa com alunos do ensino fundamental, durante as quais observou-se o comportamento dos alunos e professores, bem como as atividades desenvolvidas.

Acompanhou-se também as viagens a Morretes realizadas pela Agência de Turismo VK tendo sido contratadas pelos Colégios Adventistas Bom Retiro (CCA), Centenário (CAC) e Alto Boqueirão (CAAB). No decorrer destas, procurou-se observar as atividades desenvolvidas por alunos e professores e as atividades dos funcionários da agência de turismo.

As observações são importantes no campo científico, esta técnica possui ampla aplicação e exige do pesquisador atenção e cuidados específicos.

A técnica de observação pode ser desenvolvida a partir de várias formas distintas. Escolheu-se para o desenvolvimento desta pesquisa, a denominada observação participante.

Na observação participante ou ativa, o pesquisador necessita infiltrar-se no ambiente pesquisado, precisa conviver com os elementos que estão sob investigação, contudo sua participação ativa não deve interferir nos resultados finais da pesquisa.

Ao estar inserido neste ambiente, passa a conviver com as pessoas e ao ganhar a confiança e gozar de liberdade transita livremente pelos espaços que se encontram sob investigação podendo-os observar com naturalidade. De acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 196), a observação ativa “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. ” Estas facilidades podem contribuir muito com o pesquisador, pois uma de suas formas, denominada de natural, permite que o

observador pertença ao grupo que está sendo observado e mantenha-se atento ao foco de sua pesquisa para que a afinidade com o grupo não prejudique sua objetividade.

O desenvolvimento desta técnica mostrou-se oportuno para observar-se atividades desenvolvidas por escolares do ensino fundamental e médio, que se encontravam em atividade de aulas em campo, exigiu tempo de dedicação para sua execução no acompanhamento de aulas em campo nas viagens a Morretes, na transcrição e na análise dos resultados.

4.2 ENTREVISTAS

A pesquisa qualitativa utiliza várias ferramentas dentre as quais, entrevistas, que por sua utilidade assumem elevado grau de importância para obtenção de respostas ao pesquisador. Destacam-se assim, os modelos de entrevistas estruturadas e semiestruturadas com um roteiro pré-definido. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas várias entrevistas, com coordenadores pedagógicos, professores e turismólogos que atuam no segmento do turismo educativo.

Para estas entrevistas foram selecionados profissionais de instituições públicas e privadas que atendiam os seguintes critérios: tempo mínimo de cinco anos em sala de aula; experiência em aulas de campo e atuantes na disciplina de geografia. As referências foram obtidas por meio da administração dos colégios indicados pela agência de turismo VK.

Após as devidas autorizações, as entrevistas passaram a ser gravadas com a utilização de um gravador de voz digital, que as registra em arquivos de mp3, o que permitiu o seu arquivamento para audição e transcrição das falas posteriormente, bem como para dirimir quaisquer dúvidas no transcurso da análise.

Durante o processo de transcrição das entrevistas, decidiu-se suprimir alguns vícios de linguagem, pois entendeu-se que estes não influiriam nos resultados finais da pesquisa e sua não inclusão facilitaria a leitura.

Os resultados das entrevistas realizadas no desenvolvimento desta pesquisa, passaram por um tratamento prévio, ou seja, primeiramente foram transcritas, lidas e

interpretadas a fim de se compreender os sentidos das mesmas. Este deve ser o objetivo da entrevista de acordo com Gaskell apud Bauer; Gaskell (2014, p. 85) “o objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que realmente é falado constitui os dados, mas a análise deve ir além deste valor aparente”. As entrevistas qualitativas, podem revelar muito, pois podem conter informações relevantes e que se encontram no conjunto dos dados obtidos pelo entrevistador.

4.3 ACERVO FOTOGRÁFICO

O registro em fotografias para a geografia possui grande importância, uma vez que por meio dela ficam gravadas as ações que estão sendo realizadas, bem como os lugares em suas condições momentâneas.

De acordo com Justiniano (2005, p. 187), “em Geografia, a imagem ilustra e documenta eventos naturais e sociais que ocorrem em determinado tempo e lugar e deve ser acompanhada de outras informações, como localização geográfica, ângulo de visada, registro de hora e da data e relato do fato observado”. Em certo sentido, a arte de fotografar merece uma atenção especial no campo da geografia, pois com ela é possível registrar em imagens as paisagens, congelando de certa forma as ações das pessoas e por fim, desenvolver-se uma análise a respeito da realidade que as cerca.

A construção do acervo fotográfico desenvolvida para esta pesquisa teve como objetivo documentar as atividades desenvolvidas em campo, por grupos de alunos do ensino fundamental e médio em suas atividades escolares. Atividades estas organizadas e desenvolvidas por agências de turismo, ou por escolas.

Para a produção do acervo fotográfico, utilizou-se uma câmera digital Canon PowerShot SX50 HS, com capacidade para realizar fotos com qualidade a distâncias consideráveis. Esta facilidade contribuiu com a proposta de se observar atividades escolares em locais de interesse turístico no município de Morretes.

Assim, desenvolveu-se um acervo fotográfico com seiscentos arquivos fotográficos no formato *Joint Photographic Experts Group* (JPEG), destas foram selecionadas vinte e sete fotografias para documentar este trabalho.

Tomou-se a precaução de evitar-se fotografias que expusessem a imagem dos participantes das viagens turísticas ou das aulas em campo. Entretanto, entre as fotografias selecionadas encontram-se algumas em que a exposição direta dos personagens foi inevitável. Com respeito a essas fotografias, solicitou-se a autorização das pessoas fotografadas para o uso da imagem de forma exclusiva para esta dissertação de mestrado.

A produção do acervo também possibilitou um levantamento posterior das atividades desenvolvidas em campo, favorecendo desta forma um retrospecto para eliminar dúvidas concernentes aos trabalhos desenvolvidos no município de Morretes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os dados obtidos com as observações realizadas no decorrer das viagens de turismo educativo, desenvolvidas pela agência de turismo VK para instituições de ensino e aulas em campo desenvolvidas de forma independente por instituição de ensino no município de Morretes. Também são apresentadas as entrevistas realizadas com profissionais do ensino de geografia dos níveis fundamental e médio, coordenadores pedagógicos, turismóloga e operador de turismo, funcionários de lojas de artesanato.

Os resultados obtidos a partir das observações em campo e das entrevistas, possibilitaram a análise da importância das aulas em campo para as atividades pedagógicas no ensino de geografia para alunos do ensino fundamental e médio, na região serrana do estado do Paraná e na cidade de Morretes. Além de sua contribuição para o desenvolvimento do turismo local.

5.1 AULAS EM CAMPO EM LOCAIS DE INTERESSE TURÍSTICO

O relato a seguir foi realizado a partir das observações das aulas em campo realizadas pelo Colégio Adventista Boqueirão (CAB).

Entre os roteiros de aulas de campo realizados por esta instituição de ensino, foram selecionados aqueles que se encontram dentro da área de estudos desta pesquisa, ou seja, a região serrana no município de Morretes e a cidade de Morretes.

A primeira aula em campo acompanhada a convite do Colégio, ocorreu em 07 de maio de 2013, com alunos do sétimo ano do ensino fundamental. O roteiro previa o deslocamento pela BR 116, PR 410 e retorno pela BR 277 (QUADRO 1).

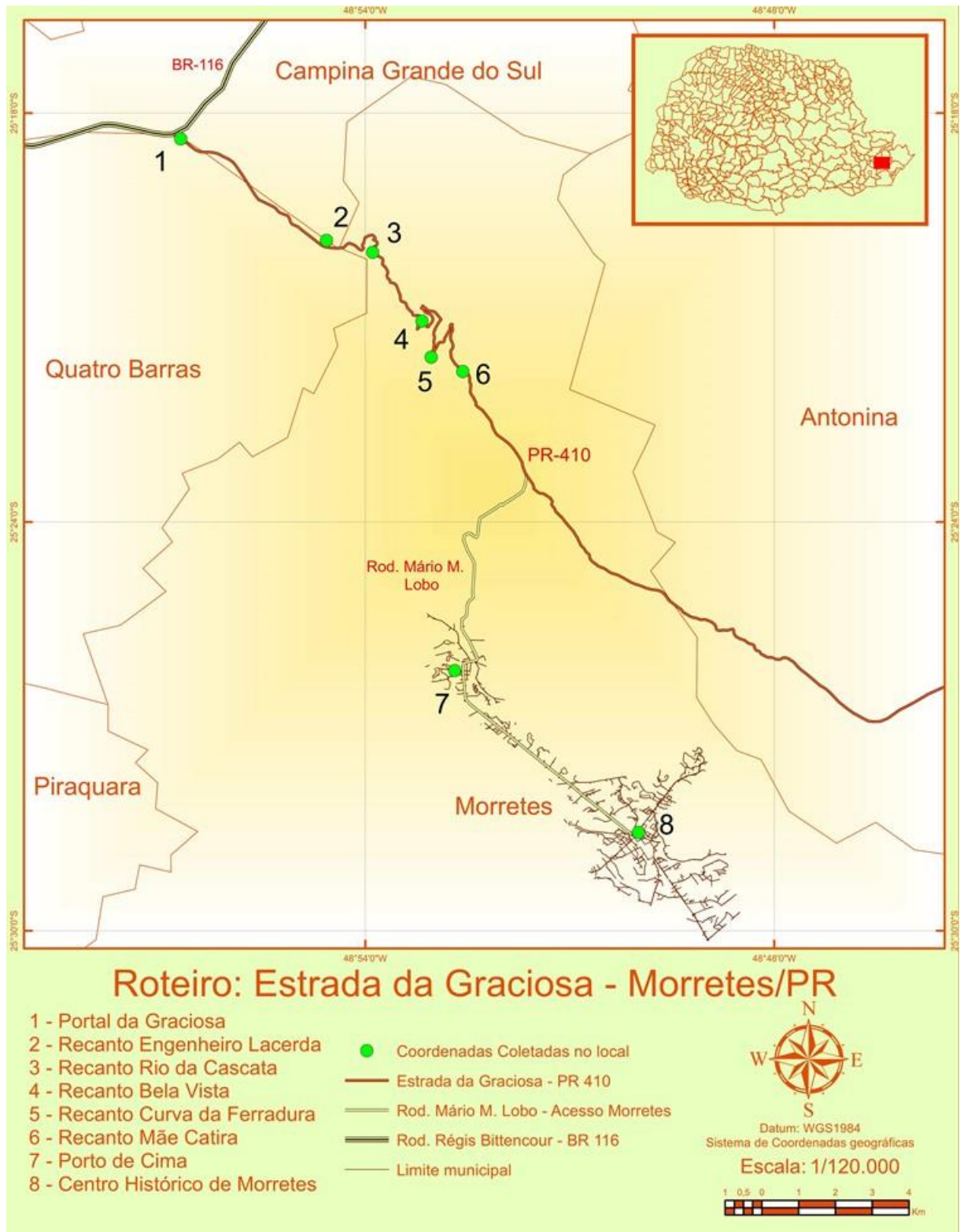
Ponto	Localização	Atividade
1	Portal da Graciosa	Observação do entroncamento da rodovia BR 116 e PR 410
2	Recanto Engenheiro Lacerda	Pausa para lanche – Observação da região serrana.
3	Recanto da Cascata	Observação da hidrografia local.
4	Recanto Bela Vista	Observação da região montanhosa (Pico do Sete).
5	Recanto da Ferradura	Início do Caminho da Graciosa. Trabalho sobre a biogeografia local.
6	Recanto Mãe Catira	Fim do Caminho da Graciosa – Almoço.
7	Porto de Cima	Igreja de São Sebastião.
8	Morretes	Centro histórico da cidade – Caminhada.

QUADRO 1 – ROTEIRO: ESTRADA DA GRACIOSA/MORRETES – PR, ORGANIZADO PELO CAB
 FONTE: O autor (2015)

Para se adequar à legislação vigente, que impede a circulação de ônibus pela rodovia PR 410, também chamada de Estrada da Graciosa, o Colégio solicitou à empresa de transportes que providenciasse micro-ônibus. O planejamento da aula em campo foi elaborado de acordo com conteúdos previamente trabalhados em sala de aula.

O roteiro proposto previa a realização de diversas paradas para observação (Mapa 1). Entre os temas selecionados estavam o relevo, clima, hidrografia, vegetação, ocupação humana, aspectos históricos.

O colégio possuía nesta ocasião quatro turmas de sétimo ano e foram disponibilizadas quarenta vagas. Os pais receberam comunicação formal do colégio, onde constavam dados como os objetivos da aula, roteiro de viagem e itens que o aluno deveria levar. No ato da inscrição o aluno entregava uma autorização assinada pelos pais que permitiam sua participação na viagem.



MAPA 1 – ROTEIRO: ESTRADA DA GRACIOSA – MORRETES/PR
 FONTE: Banco de Dados do IBGE; Imagens do Google Earth –
 ARTE FINAL⁷: Knopki G., 2014

⁷ Mapa 1 – Roteiro: Estrada da Graciosa – Morretes/PR – Arte final: Gustavo Knopki, com direitos de uso cedidos à Luís Roberto Halama.

A saída prevista inicialmente para as 7 horas e 15 minutos sofreu um atraso em razão dos seguintes eventos: Os alunos foram reunidos para receber diversas instruções relativas à viagem, como informações sobre a obrigatoriedade do uso de cinto de segurança, e do não uso de dispositivos eletrônicos com fones de ouvidos, ainda receberam novas informações sobre as atividades a ser desenvolvidas no decorrer da aula. Feita a chamada e uma oração (prática habitual de escolas confessionais), os ônibus foram autorizados a seguir viagem.

Inicialmente os alunos passaram a receber informações relativas à localização geográfica, coordenadas geográficas, altitude, temperatura do ar. Dados coletados com GPS e termo-anemômetro digital. Alguns alunos possuíam cadernetas, nas quais tomavam notas das informações apresentadas, outros utilizavam celulares e gravavam as informações. Uma pequena parcela dos alunos não demonstrou interesse em anotar dados ou gravar as informações.

Os mapas da região foram preparados em PowerPoint, para ser apresentados aos alunos pelo sistema de DVD do micro-ônibus, entretanto ocorreu um problema de leitura da mídia, possivelmente por configurações divergentes, o que inviabilizou sua utilização. Finalmente, após várias tentativas, os alunos foram informados que receberiam os mapas no retorno ao colégio.

No decorrer da viagem os alunos passaram a receber diversas informações geográficas a respeito das características do primeiro planalto de Curitiba, com seu relevo, clima, vegetação e paisagem urbana. A medida que ocorria o deslocamento do ônibus, os alunos iam sendo constantemente alertados para a diversidade de paisagens.

A primeira parada nesta viagem ocorreu no Portal da Graciosa, entrada da PR 410, neste local os alunos receberam orientações relativas a importância da BR 116 e diferenças entre o sistema rodoviário estadual e federal.

A próxima parada feita no Recanto Engenheiro Lacerda. Os alunos foram orientados a descer portando suas cadernetas para anotar suas observações e as informações dadas pelos professores durante os momentos de aula. Num primeiro momento os alunos foram deixados livres para um lanche, e para utilizar os banheiros que existem no local, posteriormente foram reunidos e orientados para a leitura da placa informativa que apresenta conceitos da formação geológica (Fotografia 6). Entre os temas abordados destacaram-se a formação geológica e do relevo do estado do Paraná, com ênfase à região serrana. Abordou-se também questões relativas ao

clima, hidrografia e vegetação. Novamente observou-se a necessidade de os professores chamarem a atenção dos alunos que conversavam, evitando a dispersão.

Na sequência, os professores trabalharam a transformação do espaço geográfico no decorrer do tempo histórico, mencionando os caminhos coloniais do Arraial, de Itupava e da Graciosa. Outro fato destacado foi a importância da construção da estrada de ferro ligando Curitiba a Paranaguá e da Graciosa, para a economia do Paraná.

Como o tempo naquela manhã se apresentava muito bom, sem nebulosidades, favoreceu a observação do relevo montanhoso e beneficiou os alunos puderam fazer uso de binóculos para observar a paisagem serrana e do litoral.



FOTO 6 – PAINEL INFORMATIVO: RECANTO ENGENHEIRO LACERDA – MORRETES/PR
FONTE: Acervo autor (2013)

A partir deste ponto, o motorista foi orientado pelos professores a conduzir os ônibus com velocidade baixa, com a finalidade de que professores e alunos pudessem observar as paisagens. Como o tempo neste dia apresentava-se muito bom, a

visibilidade da estrada e de seus arredores favoreceu as explicações dadas desde o início da viagem.

Ao chegar ao Recanto da Cascata, estava programada uma parada no local para observação da hidrografia local, entretanto, esta cachoeira é muito procurada por fiéis de religiões afro-brasileiras para ali praticarem seus rituais religiosos, fato verificado ao chegar a este lugar. Sem que os alunos desembarcassem, os professores decidiram prosseguir a descida da serra, para evitar interferir nas atividades religiosas que estavam sendo ali realizadas.

Os alunos observaram pelas janelas a utilização deste espaço geográfico apenas por alguns minutos. Na sequência, enquanto o ônibus retomava seu trajeto, os professores procuraram explicar aos alunos importância em se respeitar a diversidade religiosa que existe no Brasil e os impactos ambientais decorrentes destas atividades neste local, pois ali são depositados diversos tipos de oferendas compostas de produtos orgânicos como alimentos e inorgânicos como garrafas que acabam ficando no ambiente após o fim dos rituais.

A próxima parada ocorreu no recanto Bela Vista, onde os alunos puderam desembarcar e foram orientados a observar uma fenda tectônica, que está localizada no Pico do Sete, topo com 1.457 metros acima do nível do mar. (Fotografia 7).

Esta fenda já tinha sido mencionada na primeira parada quando os professores abordaram com o grupo conceitos geomorfológicos, falando sobre as fendas que ocorreram nas rochas cristalinas.

A observação do comportamento dos alunos ao visualizar esta falha geológica foi interessante, pois alguns perceberam o número 7 que se encontra visível no alto da montanha com maior rapidez que outros. Após este momento inicial ficou estabelecido um tempo de interação entre os alunos, quando aqueles que perceberam passaram a mostrar para aqueles que não conseguiam vê-la com a mesma acuidade visual.

O recanto Bela Vista também proporciona uma visualização da baía, entretanto a pedido dos professores o grupo manteve-se somente no estacionamento do recanto e próximo ao ônibus, portanto apenas para a observação do referido pico.

Neste local havia um grupo de turistas que passou a acompanhar o grupo de alunos ao longe, entretanto sem interferir nas atividades escolares que ali se desenvolviam.



FOTOGRAFIA 7 - PICO DO SETE, MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2013)

O recanto da Ferradura foi a parada seguinte. Neste local, os professores abordaram temas relacionados com a biogeografia local, procurando ressaltar as diferenças entre as vegetações encontradas nas regiões mais elevadas, com aquelas que os alunos estavam vendo ali.

O tema histórico também veio à tona, pois este local possui um pequeno trecho preservado de um dos caminhos coloniais que ligava o litoral ao planalto, Caminho da Graciosa ou Trilha da Graciosa, que serviu durante muito tempo como uma das vias de acesso entre o litoral e o planalto.

Os motoristas dos micro-ônibus foram orientados a prosseguir para o próximo recanto, enquanto os alunos faziam o caminho a pé em meio à Mata Atlântica (Fotografia 8). Os alunos foram distribuídos em grupos que estavam intercalados pelos professores. No transcurso deste caminho colonial, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar uma caminhada pela Mata Atlântica, a ação humana sobre o ambiente. Ao observar o comportamento dos alunos, percebeu-se que muitos passaram a caminhar de forma totalmente descontraída pela trilha, com muita

dispersão. Desta forma foram feitas algumas paradas para chamar a atenção dos alunos, em particular com respeito ao silêncio e a alguns detalhes da Mata Atlântica. Escorregões e quedas provocadas pela inclinação do terreno, ou mesmo pelos musgos que recobrem o calçamento foram inevitáveis, entretanto sem consequências mais graves.



FOTOGRAFIA 8 - ALUNOS DO CAB NO CAMINHO DA GRACIOSA, MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2013)

Para compensar a ausência da parada no rio da Cascata, interrompida pelas razões já apresentadas nesta pesquisa, os professores decidiram, levar os alunos a um contrato mais próximo com um dos afluentes do rio Mãe Catira e que se encontra localizado próximo à trilha pela qual vinham percorrendo. Os alunos foram levados ao rio no qual os professores abordaram conteúdos relacionados à hidrografia da região serrana.

A chegada ao recanto Mãe Catira, ocorreu às 13h e foi comemorada por todos os alunos, que foram orientados a buscar seus pertences nos micro-ônibus, pois

conforme orientação dada em sala de aula, deveriam trazer um lanche reforçado para o almoço.

Após um intervalo de uma hora, o grupo seguiu para os ônibus com o intuito de prosseguir viagem para Porto de Cima, Distrito de Morretes, onde encontra-se localizada a construção histórica da Igreja de São Sebastião do Porto de Cima (Fotografia 9), que pode ser apreciada apenas de dentro do ônibus. Durante o deslocamento os alunos foram alertados a observar as paisagens, e passaram a ser informados sobre a localização em que estavam, altitude local, características da planície litorânea do Paraná, aspectos históricos da ocupação de Morretes, atividades econômicas do município.



FOTOGRAFIA 9 - IGREJA DE S. SEBASTIÃO DO PORTO DE CIMA, MORRETES/PR (07.05.2013)
FONTE: Acervo do autor (2013)

Ao chegar à cidade de Morretes, os alunos foram orientados a observar as construções históricas. A atividade na cidade de Morretes consistiu em uma caminhada pelo centro histórico, saindo do Coreto da cidade e indo até o marco zero.

Neste percurso, já próximo ao ponto inicial da caminhada, encontra-se a Casa Rocha Pombo (Fotografia 10), os alunos puderam entrar e fazer uma rápida visita à maquete da serra do mar, que na ocasião encontrava-se bastante avariada, necessitando obras de restauro. Na mesma rua existem diversas lojas de souvenirs, e os alunos tiveram permissão para entrar e comprar os produtos que estavam sendo expostos.



FOTOGRAFIA 10 - CENTRO HISTÓRICO DE MORRETES/PR, CASA ROCHA POMBO (BRANCO)
FONTE: Acervo do autor (2013)

Encerrada a visita ao centro histórico, os alunos regressaram a Curitiba, desta vez percorrendo a BR 277. Para fechar a aula, os professores passaram fazer um jogo pedagógico com questões dos conteúdos vistos no decorrer do dia. A última parada foi programada para um lanche no restaurante Bela Vista, que se encontra na margem da rodovia.

A chegada ao CAB estava prevista para as 18h30min, entretanto, ocorreu um pequeno atraso ocorreu de aproximadamente 20 minutos em função de um congestionamento na entrada da cidade de Curitiba.

A segunda observação de aula em campo, ocorreu em 09 de outubro de 2014. Essa aula teria como roteiro a serra do mar e a cidade de Morretes, entretanto, com a intenção de integrar outras disciplinas à excursão, a coordenação pedagógica do colégio propôs à professora de geografia que o roteiro (Quadro 2) fosse ampliado, fato que agregaria em conhecimento e integração e interdisciplinaridade, pois as duas disciplinas possuem conteúdos comuns e para atender à disciplina de Ciências especificamente com a visita ao Aquário de Paranaguá.

Ponto	Localização	Atividade
1	Colégio Adventista Boqueirão	Observação do entroncamento da rodovia BR 116 e PR 410
2	Recanto Engenheiro Lacerda	Pausa para lanche – Observação da região serrana.
3	Recanto da Cascata	Observação da hidrografia local.
4	Recanto Bela Vista	Observação da região montanhosa (Pico do Sete).
5	Recanto da Ferradura	Início do Caminho da Graciosa. Trabalho sobre a biogeografia local.
6	Recanto Mãe Catira	Fim do Caminho da Graciosa – Almoço.
7	Porto de Cima	Observação da Igreja de São Sebastião.
8	Morretes	Centro histórico da cidade.
9	Aquário de Paranaguá	Observação de espécies aquáticas do litoral paranaense.

QUADRO 2 – ROTEIRO: MORRETES/PARANAGUÁ – PR, ORGANIZADO PELO CAB
FONTE: O autor (2014)

Para esta aula em campo, foram contratados três micro-ônibus, o que possibilitou levar um maior número de alunos, em comparação com a aula que ocorreu no ano anterior e que já foi relatada nesta pesquisa.

A viagem foi planejada em conjunto pelas disciplinas de geografia e ciências. Em seu planejamento, adotou-se a seguinte estratégia, ao longo do percurso incentivar os alunos a observar as paisagens e discorrer sobre as mesmas, já nos

pontos de paradas previstos (Mapa 2) abordar os conteúdos de forma interdisciplinar promovendo uma discussão sobre questões relacionadas aos aspectos físicos, da ocupação humana e transformação do espaço geográfico.



MAPA 2 - ROTEIRO: MORRETES – PARANAGUÁ/PR

FONTE: Banco de Dados do IBGE; Imagens do Google Earth

ARTE FINAL⁸: Knopki G., 2014

⁸ Mapa 2 – Roteiro: Morretes – Paranaguá/PR – Arte final: Gustavo Knopki, com direitos de uso cedidos à Luís Roberto Halama

A aula foi compartilhada pelas professoras de geografia e de ciências. Acompanharam prestando suporte a diretora do colégio, a coordenadora pedagógica, e um monitor escolar.

Após a realização da chamada e conferência de documentos, os alunos foram embarcados em cada ônibus de acordo com listagem previamente preparada pela secretaria do colégio. Os ônibus seguiram pela BR 116 no sentido Curitiba – São Paulo até o acesso com a PR 410.

No decorrer da viagem, a professora de geografia abordou diversos temas com os alunos e solicitou que os mesmos observassem as paisagens à medida que ela fosse indicando. Registrou-se entre os temas abordados no decorrer do roteiro, os aspectos físicos do primeiro planalto, como relevo, hidrografia, clima, vegetação, o processo de urbanização da cidade de Curitiba.

A primeira parada foi realizada no Portal da Graciosa. Na ocasião, a professora de ciências falou aos alunos a respeito da vegetação do planalto, e pediu aos alunos para observarem a presença do pinheiro brasileiro (*Araucária angustifolia*) e de vegetações exóticas presentes no local como o pinheiro americano (*Pinus elliottii engelm*, *pinácea*). Como o grupo era muito grande, composto por 64 alunos, houve certa dificuldade para controlá-los, em vários momentos percebeu-se a ação da diretora, pedindo aos alunos que ouvissem com atenção o que estava sendo transmitido, alertando-os para a oportunidade que estavam tendo com aquele tipo de aula.

O recanto Engenheiro Lacerda, fez parte da segunda parada, onde os alunos foram inicialmente deixados livres para um lanche. Este recanto possui um mirante que favorece a visualização da região serrana e permite uma vista da baía de Antonina.

As condições atmosféricas daquela manhã não eram favoráveis para a observação da serra do mar e da baía. Uma espessa neblina cobria a serra naquela manhã impedindo a visualização do ambiente. (Fotografia 11). Assim que terminaram o lanche, os alunos foram reunidos em torno dos professores que passaram a explicar a origem do relevo da serra do mar, aproveitaram a oportunidade para falar sobre a formação de neblina e a respeito da influência marinha na formação de chuvas na região serrana. Na continuidade os professores pediram então que os alunos observassem a placa que contém informações relativas à geologia da região serrana.



FOTOGRAFIA 11 – AULA NO RECANTO ENGENHEIRO LACERDA.
FONTE: Acervo do autor (2014)

Outra parada deveria ter sido efetuada no Recanto da Cascata, entretanto, como a área de estacionamento neste local é pequena, os três ônibus não puderam estacionar com segurança para os alunos, assim foi adotada a mesma medida da excursão anterior, ou seja, o deslocamento dos veículos em velocidade baixa, para que os alunos pudessem observar as paisagens a partir do ônibus.

A parada no Recanto Bela Vista também foi abortada, pois como a neblina ainda se apresentava bastante densa, o Pico do Sete não estava visível, objetivo maior deste local.

O Recanto Curva da Ferradura (Fotografia 12), possui um amplo estacionamento, que permitiu uma parada segura para os ônibus e desembarque dos alunos. Neste local as professoras ampliaram os conteúdos relativos à hidrografia e vegetação típica da Mata Atlântica. Novamente observou-se a dispersão dos alunos e a constante chamada de atenção por parte das professoras e administradoras escolares que estavam acompanhando o grupo.



FOTOGRAFIA 12 - AULA NO RECANTO DA FERRADURA.
FONTE: Acervo do autor (2014)

Às 10h20min, os alunos foram distribuídos em grupos, aproveitando a mesma distribuição dos ônibus. Para percorrer a trilha professores e monitores foram intercalados entre os grupos, para que com grupos menores a comunicação fosse facilitada.

A caminhada pela trilha estava sendo aguardada pelos alunos, por essa razão havia uma inquietação bem acentuada entre eles. Durante todo o trajeto observou-se a ação dos professores pedindo atenção dos alunos e orientando-os com respeito ao que deveriam observar no ambiente em que se encontravam.

A trilha apresenta trechos com inclinação acentuada, como o calçamento foi feito com rochas arredondadas (Fotografia 13), devido à umidade comum nesta região a presença de musgos é muito comum. Assim o cuidado para não escorregar deveria ser constante conforme avisos dados pelos professores antes de iniciar-se o percurso. Mesmo assim, ocorreram alguns escorregões e pequenos arranhões, entretanto sem consequências mais graves.



FOTOGRAFIA 13 - ALUNOS DO CAB NO CAMINHO DA GRACIOSA, MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

Na sequência, às 11h39min, os grupos chegaram ao Recanto Mãe Catira, onde os ônibus aguardavam os estudantes. O trajeto todo foi percorrido em uma hora e 20 minutos, com diversas paradas. Finalizada a trilha, os alunos utilizaram o quiosque com cobertura, ou as lanchonetes instaladas neste local para fazer sua refeição.

Antes do embarque, os alunos foram reunidos no estacionamento, para uma rápida observação da área montanhosa, aproveitando o momento em que a neblina já havia se dissipado.

Em função do horário avançado, e a reserva no Aquário de Paranaguá estar programada para as 14 horas, os professores decidiram substituir a parada na localidade de Porto de Cima e a caminhada no centro histórico de Morretes, por um breve City tour. Assim, o percurso pelas ruas mais próximas do centro histórico, ocorreu apenas com os ônibus em movimento, durante o qual, os professores descreveram para os alunos aspectos históricos da formação da cidade de Morretes. Esta mudança no programa inicial descontentou alguns que reclamaram não poder caminhar pela cidade e fazer compras nas lojas de artesanatos.

Neste ponto do relato da aula em campo do Colégio Adventista Boqueirão, com o roteiro já exposto, julgou-se necessário apenas a título informativo, relatar os fatos ocorridos após a passagem por Morretes.

O deslocamento dos ônibus se deu pela BR 277, até a cidade de Paranaguá. Os alunos estavam sendo aguardados no Aquário, pois a coordenação pedagógica do CAB, já havia feito as reservas. Após a passagem por todas as instalações, os alunos foram levados para uma rápida caminhada às margens do rio Itiberê, de onde puderam ver na outra margem o mangue, o centro histórico da cidade, além de um rápido tour pelo mercado municipal.

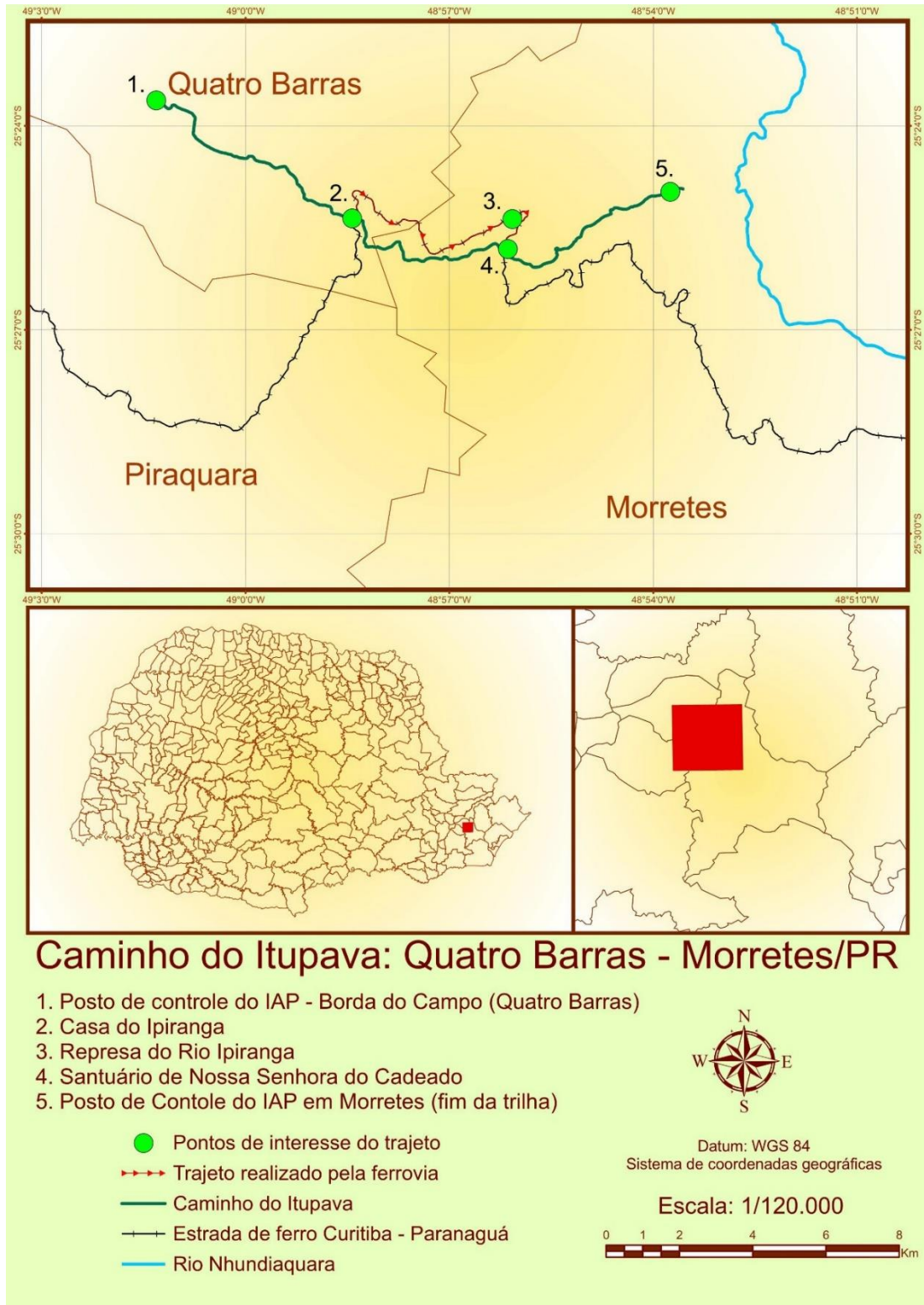
No retorno a Curitiba, como ocorreu na viagem já relatada anteriormente, os professores prepararam um jogo pedagógico, contendo questões a respeito dos conteúdos apresentados no decorrer da aula em campo. Como se trata de um jogo pedagógico a participação dos alunos foi bem significativa, pois nesta faixa etária a competitividade é bastante acentuada.

Ainda no segundo semestre, o CAB realizou uma aula em campo no Caminho do Itupava no dia 14 de outubro de 2014. Esta trilha enquadra-se no roteiro de turismo de aventura e está localizado na serra do mar do estado do Paraná.

Esta aula em campo foi desenvolvida para alunos do 2º ano do ensino médio. Dadas as condições de distância e do terreno a ser percorrido, a aula não teve caráter de presença obrigatória, portanto os alunos ficaram livres para optar por sua inscrição. O colégio dispunha na oportunidade de duas turmas com um total de 69 alunos. Foram então, disponibilizadas 40 vagas das quais 32 foram preenchidas.

Como o projeto previu uma caminhada de 22 km por trilhas que percorrem a serra do mar. A administração do colégio entendeu que seria prudente a contratação de um guia experiente, com formação técnica e que proporcionasse aos alunos maior segurança com respeito ao deslocamento e primeiros socorros.

O roteiro previsto foi planejado pela disciplina de geografia do CAB. Escolheu-se para tanto, descer a serra a partir de seu ponto inicial em Borda do Campo, Distrito de Quatro Barras, que se encontra localizada no primeiro planalto do Paraná e região metropolitana de Curitiba, e finalizar a caminhada em Porto de Cima, Distrito de Morretes no litoral do estado (MAPA 3).



MAPA 3 – CAMINHO DO ITUPAVA: QUATRO BARRAS-MORRETES/PR

FONTE: Banco de Dados do IBGE; Imagens do Google Earth

Arte Final⁹: Knopki G., 2014

⁹ Mapa 3 - Caminho do Itupava: Quatro Barras - Morretes/PR – Arte final: Gustavo Knopki, com direitos de uso cedidos à Luís Roberto Halama.

A viagem teve início no Colégio Adventista Boqueirão, a saída estava programada inicialmente para 6h30min, entretanto a empresa contratada informou à administração do CAB que não poderia enviar o ônibus no horário solicitado. Assim, a viagem teve seu início previsto para as 6h45min.

Logo após chamada para verificar a presença dos alunos, a viagem teve início. O guia demonstrou sua preocupação com o horário de saída, pois de acordo com sua experiência poderiam ocorrer dificuldades para se completar o percurso ainda durante as horas claras do dia. No decorrer da viagem até a Borda do Campo, o professor de geografia aproveitou o momento para reforçar os conteúdos relacionados à formação do relevo do estado do Paraná, hidrografia, clima e vegetação, ocupação humana do estado, desde o período anterior à chegada dos europeus e a importância do Caminho do Itupava, como meio de ligação entre o litoral e planalto. Outro tema abordado pelo professor foi o crescimento urbano da região metropolitana de Curitiba e a situação atual das áreas de preservação ambiental da serra do mar.

Entre os equipamentos disponibilizados pelo colégio, estavam um binóculo e o GPS, os materiais de primeiros socorros ficaram a cargo do guia. Aos alunos foi sugerido que levassem câmeras fotográficas, caderneta para anotações, roupa leve, calçados apropriados para caminhada, repelente, filtro solar, roupas extras para o retorno caso fosse necessário e lanche para o dia todo.

A chegada ao posto de controle do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), ocorreu por volta das 7h45min. O guia fez o registro do grupo, e após reunir os alunos iniciou-se efetivamente a caminhada. Já no início da trilha, o professor de geografia fez uma rápida parada junto a uma pedreira abandonada para abordar o tema ocupação e exploração dos recursos naturais na serra do mar. Neste local o guia também aproveitou a parada para dar algumas instruções ao grupo com respeito aos cuidados básicos e necessários a uma caminhada de longa duração. Houve um pequeno momento para tomada de fotografias e logo em seguida o grupo retomou a trilha.

Uma chuva de curta duração mostrou aos caminhantes que a aventura escolar, não seria tão fácil quanto alguns imaginavam. Um dos alunos ficou encarregado de monitorar por meio do GPS a altitude dos locais por onde o grupo passava (Fotografia 14).



FOTOGRAFIA 14 - AUNOS DO CAB NA TRILHA DO ITUPAVA, QUATRO BARRAS/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

À medida que o grupo foi se deslocando pelo caminho, o professor foi alertando os alunos para que observassem a vegetação característica do planalto e algumas aves características desta região como as arapongas, que naquela manhã se fizeram presentes com seu canto agudo. Outra preocupação foi esboçada pelo guia que pediu ao grupo para reduzir a conversa, pois segundo ele isto poderia alertar pessoas mal-intencionadas que costumam transitar naquele espaço e por vezes colocam em risco a segurança de turistas que percorrem a trilha do Itupava.

O guia conduziu os alunos pela trilha promovendo pequenas paradas, para que pudessem repor suas energias. Dessa forma avançou-se até que às 10h58min o grupo chegou à casa do Ipiranga, imóvel que pertenceu à Rede Ferroviária Federal S/A e que se encontra localizado à margem da ferrovia Curitiba-Paranaguá, na atualidade está em completo estado de depredação e abandono. O professor, conversando com os alunos, fez uma pequena explanação sobre a importância da construção da ferrovia, já que ela foi um real desafio à engenharia, para transpor a

região serrana. Nesse local, fez-se uma parada de 20 minutos para um lanche e descanso (Fotografia 15).



FOTOGRAFIA 15 – ALUNOS DO CAB NAS RUÍNAS DA CASA DO IPIRANGA, MORRETES/PR.
FONTE: Acervo do autor (2014)

Seguindo-se os trilhos da estrada férrea no sentido de Curitiba, há apenas alguns metros de distância da casa, encontra-se localizada junto ao rio Ipiranga uma antiga estrutura metálica que continha uma roda d'água para geração de energia para a casa do Ipiranga. Nesta localidade, num espaço de aproximadamente 30 minutos os alunos foram deixados livres para um descanso e para aproveitar as águas cristalinas da cachoeira.

Haviam neste local várias pessoas usufruindo o espaço, entretanto a presença de pessoas estranhas ao grupo fez com o que o guia orientasse o prosseguimento imediato da caminhada.

A trilha do Itupava recomeça logo após a casa do Ipiranga, mas com o objetivo de se ganhar tempo o guia preferiu acompanhar os trilhos da ferrovia, até atingir a

represa do Ipiranga. No trajeto vários alunos perceberam a intensa movimentação de trens de carga da América Latina Logística –ALL, (Fotografia 16).



FOTOGRAFIA 16 - FERROVIA CURITIBA – PARANAGUÁ/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

Professor e alunos interagiram durante a caminhada pelos trilhos conversando a respeito da importância econômica da ferrovia, ainda único meio de ligação entre o interior do estado e o porto de Paranaguá, utilizando-se este sistema de transporte. Outros comentários observados neste momento foram feitos com respeito ao desperdício de matéria-prima, evidenciado pela grande quantidade de grãos perdidos pelos vagões das composições e que se encontram jogados entre os trilhos.

A caminhada pela ferrovia até a represa teve uma duração de uma hora e quarenta e quarenta e quatro minutos, considerando-se que ao longo deste trajeto foram efetuadas várias paradas, para descanso e também para esperar os trens passarem e prosseguir em segurança. Um fato observado no decorrer deste trecho do trajeto, foi que a partir deste ponto o grupo começou a sofrer uma fragmentação, aqueles que se encontravam melhor preparados fisicamente avançaram, enquanto

alguns começaram a ficar para trás. O guia fazia paradas para aguardar os atrasados, o que beneficiava em certa medida os que conseguiam o acompanhar, pois puderam ter alguns minutos a mais para descansar. Com aqueles que não conseguiram andar no mesmo ritmo ficou o professor para lhes dar um apoio. A chegada à represa do rio Ipiranga marcou o fim da caminhada pela ferrovia e o retorno do grupo à trilha (Fotografia 17).



FOTOGRAFIA 17 – REPRESA DO RIO IPIRANGA - USINA HIDRELÉTRICA DO MARUMBI, MORRETES/PR

FONTE: Acervo do autor (2014)

Deste ponto, o grupo seguiu novamente pela trilha calçada com rochas, em meio à floresta. A caminhada em trechos de aclave e declive, completamente escorregadio, favoreceu diversas quedas ao longo do percurso. Durante este trecho o grupo precisou vencer diversos obstáculos, em particular várias árvores caídas ao longo do caminho.

Quase finalizando esta etapa, ocorreu forte chuva, com abundantes relâmpagos e trovões, fato que deixou o guia do grupo, o professor e os alunos extremamente preocupados com a situação, particularmente pelo fato de todos

estarem dentro de uma área densamente coberta por grandes árvores. Como o grupo já se encontrava próximo ao Santuário, todos fizeram um esforço para sair logo daquele local. Enfim, após 1 hora e 34 minutos, o Santuário de Nossa Senhora do Cadeado foi acessado após a descida de uma escada metálica que está localizada na margem da ferrovia. Muitos alunos buscaram abrigar-se na pequena edificação que existe no local, mas como se tratava de chuva localizada e de curta duração, em alguns minutos ela cessou e deste local foi possível por breves momentos fazer a observação do conjunto montanhoso do Marumbi (Fotografia 18).



FOTOGRAFIA 18 – PICO DO MARUMBI, MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

Enquanto estiveram no santuário, os alunos procuraram descansar e se alimentar. Após esta pausa e com a trégua da chuva, o grupo foi novamente reunido para reiniciar a última etapa da caminhada. Esse último trecho deste roteiro está localizado entre o santuário de Nossa Senhora do Cadeado e o centro de visitantes e posto de controle do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) função da forte chuva que caiu naquela tarde, o trajeto tornou-se muito escorregadio, foram observadas diversas

quedas, o que é até certo ponto pode ser considerado natural, considerando-se as condições do terreno (Fotografia 19).



FOTOGRAFIA 19 - CAMINHO DO ITUPAVA, MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

Registrou-se em diversos momentos comentários dos alunos a respeito das condições do relevo e das dificuldades de trânsito para aqueles que necessitaram se deslocar por estes caminhos coloniais transportando mercadorias, ou mesmo por outras finalidades.

O trajeto foi percorrido em 1 hora e 40 minutos, até que se chegou à estradinha que dá acesso à estação ferroviária do Marumbi, ou ao Centro de Apoio aos turistas do IAP. A partir deste último trecho as condições de caminhada melhoraram significativamente, pois trata-se de estrada com pavimentação primária.

Após uma rápida passagem pelo centro de visitantes, para registrar a saída do grupo da trilha, os excursionistas retomaram a caminhada com a finalidade de ir até o ponto de encontro com o ônibus, que deveria aguardá-los junto à rodovia, entretanto o motorista recebeu informações dos funcionários do IAP de que o grupo que ele

aguardava já vinha se deslocando e tomou a iniciativa de ir encontra-los. Assim, após 10 horas e quarenta minutos, os alunos foram embarcados no ônibus e recomeçaram seu retorno a Curitiba.

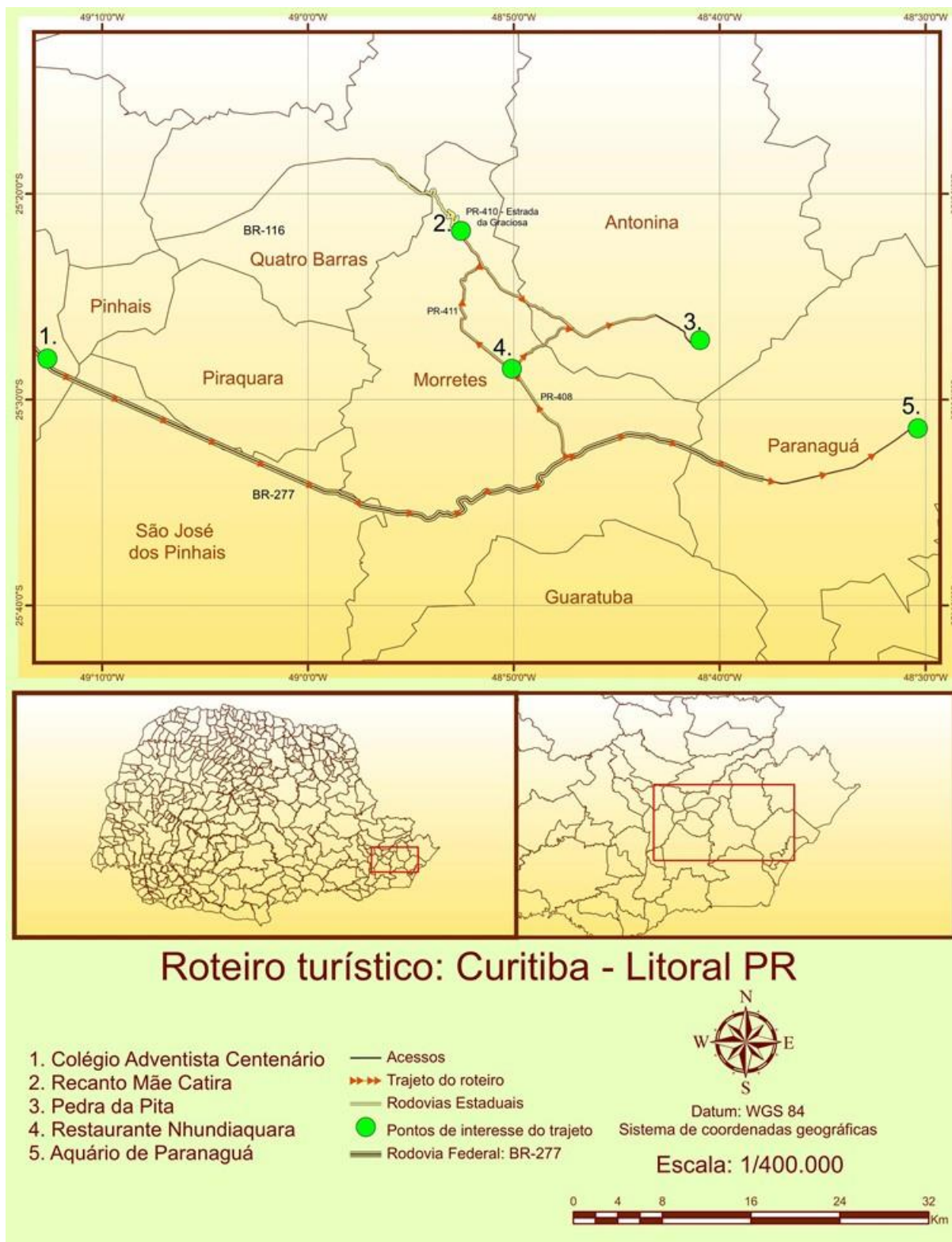
Observou-se entre os alunos a expressão do cansaço físico, mas em suas conversas a satisfação de ter vencido o Itupava. Dessa forma, pode-se afirmar que as atividades voltadas ao turismo de aventura, podem com certeza ser adaptadas ao turismo educativo com vantagens para aulas multidisciplinares.

As atividades observadas em campo, mostraram-se importantes no processo ensino e aprendizagem. As atividades desenvolvidas auxiliam a construção do conhecimento e o desenvolvimento da leitura das paisagens geográficas. Entretanto, tornou-se evidente as diferenças entre as aulas em campo e as viagens turísticas educativas, quanto ao aspecto de envolvimento e interatividade entre alunos e professores.

5.2 ATIVIDADES ESCOLARES EM LOCAIS TURÍSTICOS ORGANIZADAS POR AGÊNCIA DE TURISMO

As observações foram realizadas após a solicitação ter sido aprovada pela agência de turismo VK, especializada em viagens de turismo educativo e que possui sua sede na cidade de Curitiba-PR. Esta empresa desenvolve diversos roteiros educativos em diversos locais do estado do Paraná. Um dos destinos mais procurado por escolas da região metropolitana de Curitiba, abrange pontos turísticos do município de Morretes (Mapa 4).

Para a realização das observações das atividades desenvolvidas por esta agência de turismo, fizeram-se necessárias duas viagens aos locais de pesquisa, no município de Morretes. Estas tiveram o objetivo observar as atividades desenvolvidas pelos grupos de alunos e professores, mas que foram orientadas pelos profissionais de turismo.



MAPA 4 - ROTEIRO TURÍSTICO: CURITIBA – LITORAL DO PARANÁ

FONTE: Banco de dados do IBGE; imagens do google earth- www.google.com.br

ARTE FINAL¹⁰: Knopki G., 2014

¹⁰ Mapa 4 – Roteiro Turístico: Curitiba – Litoral do Paraná – Arte final: Gustavo Knopki – com direitos de uso cedidos à Luís Roberto Halama.

Viagens de turismo educativo realizadas por empresas especializadas neste segmento, têm se tornado comuns na região serrana do Paraná. O trânsito de alunos pelas ruas da cidade de Morretes, frequentando restaurantes, comprando nas lojas de artesanatos se tornam habituais durante os períodos letivos e tem movimentado empresas e escolas de diversas procedências, sobretudo da região metropolitana de Curitiba por sua proximidade e facilidade de acesso.

A primeira viagem acompanhada ocorreu em 25 de junho de 2014, e foi realizada para Colégio Adventista Centenário (CAC) pela VK Turismo, que se encontra localizado na cidade de Curitiba/PR, com alunos do quinto ano do ensino fundamental. No roteiro escolhido pelo colégio constavam três municípios do litoral paranaense, Morretes, Antonina e Paranaguá.

Este roteiro também foi acompanhado no mês de novembro de 2014, com alunos do quinto ano do ensino fundamental dos Colégios Adventistas do Bom Retiro (CCA-Bom Retiro) e Alto Boqueirão (CAAB), (Quadro 3). Nessa ocasião, efetuou-se a observação apenas nos pontos localizados especificamente no município de Morretes.

Ponto	Local	Atividade
1	Colégio Adventista Centenário – Curitiba-PR	Saída
2	Recanto Mãe Catira – Morretes-PR	Lanche – Observação e Pequena caminhada
3	Ponta da Pita – Antonina-PR	Observação
4	Restaurante Nhundiaquara – Morretes-PR	Almoço e caminhada no centro histórico
5	Aquário de Paranaguá – PR	Observação
6	Colégio Adventista Centenário – Curitiba-PR	Retorno

QUADRO 3 – ROTEIRO: MORRETES/ANTONINA/PARANAGUÁ PR ORGANIZADO PELA VK TURISMO

FONTE: O autor (2014)

A saída estava agendada para as sete horas e trinta minutos, entretanto, ocorreu um atraso, partindo, portanto, às oito horas e vinte minutos. Havia dois ônibus, e os alunos foram sendo embarcados de acordo com a orientação da

funcionária da empresa de turismo, de acordo com a listagem de passageiros preparada antecipadamente.

No ônibus número um, além do motorista estavam duas professoras e uma funcionária da empresa. No ônibus número dois, uma professora, um monitor escolar, a coordenadora do colégio e um funcionário da empresa de turismo.

Uma vez acomodados os alunos, no ônibus número dois, o funcionário da empresa dirigiu-se ao grupo determinando diversas regras que deveriam ser seguidas, dentre as quais não jogar lixo pelas janelas, não comer durante a viagem e não usar o banheiro. Após estas instruções, dirigiu-se à cabine do motorista e seguiu toda a viagem sem prestar nenhuma outra informação ao grupo.

Apesar do acompanhamento por professores e monitores, a viagem até a cidade de Morretes transcorreu sem informações aos alunos. O roteiro previsto percorreu a BR 277, este possibilita uma diversidade de paisagens urbanas, rurais, de topografia planáltica, serrana, da planície litorânea e de vegetações que compõe a mata atlântica, entretanto no transcurso da mesma, os alunos não receberam nenhuma informação a este respeito.

Todos os alunos ficaram livres durante o transcurso para escolher o que fazer. Assim, enquanto alguns verificavam suas redes sociais em celulares e tablets, outros estavam interessados em álbuns de figurinhas da copa do mundo, sensação entre alunos naquele momento.

Neste ambiente de descontração, enquanto o veículo transitava pela rodovia, passando pela serra do mar, o diálogo entre dois alunos chamou a atenção do observador: “- Estamos na serra?” Ao que o seu colega lhe respondeu: “- É claro que não”, entretanto como a viagem transcorreu sem informações geográficas, o diálogo demonstra que a falta de informações produz prejuízos para os estudantes, pois se perde a oportunidade de estimular a observação e a leitura da paisagem.

A passagem pelo município de São José dos Pinhais não foi informada aos alunos, o mesmo ocorreu com a cidade de Morretes. A primeira parada ocorreu como planejado, no Parque Mãe Catira que se encontra localizado à margem da PR 410 (Estrada da Graciosa), neste local existem duas lanchonetes, quiosque com cobertura, mesas, churrasqueiras, estacionamento para carros e ônibus.

Ao chegar ao recanto, os alunos foram autorizados a descer e levar suas mochilas contendo o lanche. Os alunos utilizaram a área coberta das churrasqueiras para o lanche que cada um trouxe.

Após cerca de 20 minutos, os alunos foram orientados a guardar seus pertences nos ônibus e deveriam retornar para uma conversa com a turismóloga da empresa.

Neste momento, ocorreu uma breve explanação histórica a respeito da origem da estrada e algumas informações geográficas, sobre as condições climáticas e diferenças de relevo e tipos de vegetação que caracterizam a serra do mar e o planalto (Fotografia 20).



FOTOGRAFIA 20 - RECANTO MÃE CATIRA: RODOVIA PR 410 (25.06.2014)
FONTE: Acervo do autor (2014)

A partir deste momento, os alunos foram levados para conhecer a trilha, também chamada de Caminho da Graciosa, outros a denominam de Trilha dos Jesuítas (Fotografia 21). A caminhada seguiu em direção ao recanto da Ferradura, porém após percorrer cerca de 200 metros a guia de turismo parou e pediu aos alunos para que fizessem silêncio com a finalidade de ouvir os sons da mata. Aproveitando a parada outras breves informações históricas foram passadas pela funcionária da empresa. Esta atividade teve uma duração de aproximadamente 10 minutos.

Desde a chegada ao Recanto Mãe Catira, não se observou em nenhum momento as professoras desenvolvendo atividades pedagógicas com seus alunos. A atividade caracterizou-se por um passeio com os alunos, ouvindo as explicações da guia de turismo, sem, contudo, interferir ampliando os conteúdos que foram abordados em cada uma das paradas neste local.



FOTOGRAFIA 21 - CAMINHO DA GRACIOSA, MORRETES/PR 25.06.2014
FONTE: Acervo do autor 2014

Em seguida os alunos foram guiados aos ônibus, que partiram com destino à cidade de Antonina, com o objetivo de se observar a baía de Antonina a partir do ponto turístico denominado Pedra da Pita. Novamente durante este trajeto não ocorreram intervenções nem de professores ou do funcionário que acompanhava o grupo.

Novamente observou-se o comportamento dos alunos, que continuaram suas atividades já mencionadas anteriormente. Ao chegar à cidade de Antonina, sem que ninguém houvesse mencionado o fato, alguns alunos passam a observar a baía ao que comentam: “É o mar? ” Este questionamento dos alunos, surgiu de forma espontânea a partir da observação direta, sem intervenções do funcionário da agência

ou dos professores, mas também ficou sem respostas dos mesmos. Novamente percebeu-se a falta de interatividade entre professores e alunos.

Apesar de a área desta pesquisa estar limitada ao município de Morretes, achou-se conveniente mencionar o desenvolvimento das atividades dentro deste trajeto, já que o mesmo se encontrava em conexão e dentro da mesma região de nossa área de estudos. Os ônibus estacionaram nas proximidades da pedra da Pita que está localizada junto à baía de Antonina (Fotografia 22), após pequena caminhada, o grupo foi reunido no local citado. A guia de turismo passou a explanar de forma rápida alguns conceitos geográficos e conteúdos de teor histórico e cultural, ainda informou ao grupo de alunos e professores que o local de almoço seria no restaurante Nhundiaquara em Morretes, no qual seria servido o prato típico do litoral paranaense, o barreado.

Na ocasião os alunos foram questionados pela guia de turismo sobre o que seria uma baía, e diante da demora por uma resposta, houve uma pequena intervenção da coordenadora do colégio alegando que estes já teriam visto este conteúdo, portanto, deveriam responder àquela pergunta.



FOTOGRAFIA 22 – ALUNOS DO CAC NA PEDRA DA PITA – ANTONINA/PR (25.06.2014)
FONTE: Acervo do autor (2014)

Após esta breve parada para observação da baía de Antonina, os alunos e professores prosseguiram para a cidade de Morretes, onde estava reservado o

restaurante para o almoço. O local escolhido encontra-se localizado no centro histórico da cidade de Morretes, às margens do rio Nhundiaquara. Este restaurante funciona também como hotel, em um dos prédios mais antigos dessa cidade.

No dia 20 de novembro de 2014, a agência de viagens VK Turismo, realizou o mesmo roteiro já apresentado aqui nesta pesquisa, para duas escolas simultaneamente, o Colégio Curitibano Adventista (CCA) e o Colégio Adventista Alto Boqueirão (CAAB).

Com o intuito de evitar transtornos pelo excesso de alunos nos mesmos pontos, a ordem do roteiro, apresentada anteriormente (QUADRO 3), foi invertida. Assim, a viagem programada para o CCA, começou com a visita ao Aquário de Paranaguá; almoço em Morretes; Antonina (Pedra da Pita); Recanto Mãe Catira (Morretes) e a partir deste ponto o retorno ao colégio de origem.

Com o intuito de observar-se os dois grupos escolares, as atividades de observação foram desenvolvidas especificamente nos seguintes pontos: Recanto Mãe Catira e no centro histórico da cidade de Morretes.

Em função da lotação dos ônibus estar completa, não foi possível acompanhar os alunos no decorrer da viagem. Desta forma foi necessário o deslocamento em carro próprio e a observação foi realizada apenas no local das paradas já citados.

Os ônibus que transportavam os alunos do CAAB, chegaram ao Recanto Mãe Catira às nove horas e cinquenta e cinco minutos. Acompanhavam este grupo as professoras e o diretor do colégio.

Inicialmente os alunos foram deixados livres para um lanche. Um pequeno grupo deslocou-se para o quiosque com lanches trazidos de casa, enquanto outros dirigiram-se para as duas lanchonetes que se encontram no espaço.

Após este intervalo de vinte minutos, os alunos foram reunidos, e a funcionária da empresa de turismo, passou a abordar de forma resumida temas históricos e geográficos relacionados ao local. Neste momento uma das professoras fez uma intervenção ampliando alguns conteúdos de caráter histórico relacionados à construção da estrada e sua importância para a economia do estado, pois a mesma ligava o Porto de Paranaguá a Curitiba (Fotografia 23).

Em seguida, a funcionária da empresa informou aos alunos que em razão da chuva que havia caído naquela manhã, não iriam percorrer a trilha, pois segundo ela era perigoso, pois as pedras que compõem o calçamento teriam ficado muito lisas e isto poderia provocar algum acidente grave.



FOTOGRAFIA 23 – ALUNOS DO CAAB NO RECANTO MÃE CATIRA
FONTE: Acervo do autor (2014)

Após esse momento, os alunos foram embarcados nos ônibus que partiram às 10 horas e 36 minutos, com destino à Antonina, onde estiveram a observar a baía de Antonina no local denominado Pedra da Pita.

No roteiro deste pacote, estava na sequência o retorno à cidade de Morretes, para o almoço no restaurante Nhundiaquara (Fotografia 24).

Às 12 horas e 35 minutos, o grupo de alunos do CCA, que já tinha estado no decorrer da manhã no Aquário de Paranaguá, chegou a Morretes para o almoço no restaurante Nhundiaquara.

O grupo do CAAB que vinha de Antonina, onde estiveram na Pedra da Pita chegou ao restaurante às 13 horas, para o almoço, dessa forma ambos os grupos estiveram juntos por pequeno espaço de tempo, pois o primeiro grupo já se encontrava no restaurante, porém foram acomodados em espaços distintos.



FOTOGRAFIA 24 – HOTEL E RESTAURANTE NHUNDIAQUARA, MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

Após o intervalo para o almoço às 13 horas e 25 minutos, os alunos do CCA começaram uma pequena caminhada pela rua General Carneiro, que se encontra localizada à margem direita do rio Nhundiaquara. Nesta rua encontra-se o marco zero de Morretes, com uma placa comemorativa ao lado ao restaurante Nhundiaquara. Como a rua citada faz parte do centro histórico da cidade, nela podem ser encontradas casarões históricos que hoje abrigam lojas de artesanato e restaurantes. Incluindo-se também a casa Rocha Pombo, que abriga a Secretaria de Turismo e Cultura do município.

A Casa Rocha Pombo possui sala de exposição de quadros e em seu jardim foi construída uma maquete para representar a serra do mar em concreto. Após alguns anos necessitando cuidados foi completamente revitalizada em 2014.

Um fato interessante observado, no decorrer de todas as viagens foi o interesse dos alunos pelas lojas de artesanato, na cidade de Morretes. Os guias e professores permitiram que eles entrassem nas lojas. A que estrategicamente encontra-se frente ao restaurante Nhundiaquara ficou completamente lotada de

alunos, que buscavam pequenas lembrancinhas entre os produtos artesanais, para si próprios e para levar aos pais (Fotografia 25).



FOTOGRAFIA 25 – LOJA DE ARTESANATO E SUVENIRES EM MORRETES/PR.
FONTE: Acervo do autor (2014)

Fato curioso observado foi a atenção dispensada pelos vendedores aos alunos, particularmente ao demonstrar o funcionamento de determinados brinquedos artesanais, que não são comuns aos alunos.

Como o público que estava na loja era formado por crianças, a atenção delas pelos artigos à venda não se manteve por muito tempo, após as compras o grupo continuou a passear pelo centro histórico, parando brevemente na sorveteria para atender ao pedido dos alunos.

Durante todo o percurso por esta rua que compartilha trânsito de pedestres e automóveis, não ocorreram intervenções por parte dos guias e nem dos professores no decorrer desta pequena caminhada, no sentido de alertar os alunos quanto à importância e características daquele espaço geográfico (Fotografia 26).



FOTOGRAFIA 26 – CENTRO HISTÓRICO DE MORRETES/PR
FONTE: O autor (2014)

O centro histórico neste trecho entre o restaurante e a ponte de ferro, possui alguns atrativos para atividades escolares que mereceriam um tempo maior de observação, contudo o compromisso de retornar ao colégio até o final das aulas do período vespertino, fez com que os guias procurassem acelerar a caminhada. Assim, após a parada na sorveteria, todos foram encaminhados para os ônibus que os aguardavam para dar sequência à programação de viagem.

O grupo que visitou o Aquário de Paranaguá pela manhã, após o almoço e a caminhada pelo centro histórico da cidade, saiu em direção à Antonina para a visita à baía e posteriormente ao Recanto Mãe Catira, chegando às 15 horas e 37 minutos neste local.

Os alunos foram reunidos pelo guia de turismo, que procurou explanar a respeito do local estabelecendo conceitos geográficos e históricos. Este momento foi bastante breve, pois os alunos estavam bastante dispersos e como não ocorreu nenhuma intervenção por parte dos professores, o guia decidiu levar o grupo pela

trilha. A caminhada foi breve e teve uma duração de 11 minutos, desde a entrada até a saída da mesma.

Finalizada a caminhada os alunos foram para uma das lanchonetes que existem nesse local, para um lanche antes do regresso à Curitiba (Fotografia 27).



FOTOGRAFIA 27 – ALUNOS DO CCA NO RECANTO MÃE CATIRA EM MORRETES/PR
FONTE: Acervo do autor (2014)

As atividades desenvolvidas neste roteiro turístico educativo, abrange apenas parte do percurso em território do município de Morretes, como apresentado aqui. Após a finalização dos locais visitados, os alunos são conduzidos para seus colégios, com previsão de chegada para 17 horas e 30 minutos.

5.3 ENTREVISTAS

Após a realização das entrevistas, durante o processo de transcrição, por razões éticas adotou-se a estratégia de preservar os nomes dos entrevistados, bem como as instituições com as quais mantém vínculo empregatício.

Foram entrevistadas duas coordenadoras pedagógicas sendo uma da rede particular de ensino e a outra da rede pública, três professores do ensino de geografia para os níveis fundamental e médio, duas professoras de ciências e uma professora do ensino fundamental do primeiro ciclo, uma turismóloga da Agência VK e uma vendedora de uma das lojas de artesanatos de Morretes. A agência de Turismo AK Brasil respondeu a vários questionamentos por meio de uma mensagem eletrônica (e-mail).

Por razões éticas os entrevistados não serão identificados e no decorrer deste capítulo serão mencionados apenas com a sigla “E” de acordo com o quadro a seguir (QUADRO 4).

E1	Coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental e Médio na rede pública de ensino.
E2	Coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental e Médio na rede particular de ensino.
E3	Professora de Geografia (II Ciclo) na rede particular de ensino.
E4	Professor de Geografia na rede pública e particular de ensino.
E5	Coordenadora do ensino fundamental da Secretaria de Educação do Município de Morretes.
E6	Professora do Ensino Fundamental (I Ciclo) na rede particular de ensino.
E7	Turismóloga em Agência de Turismo
E8	Vendedora em loja de Artesanatos – Centro histórico de Morretes

QUADRO 4 – ENTREVISTADOS
FONTE: O autor (2015)

No desenvolvimento das atividades pedagógicas, quer seja no âmbito das instituições públicas ou particulares, as atividades em campo, são utilizadas com frequência como um dos recursos para o desenvolvimento do processo ensino-

aprendizagem. Aprender é um processo que se desenvolve ao longo da vida, e pode ocorrer sob diferentes perspectivas. Entretanto, quando se aborda a educação formal, percebe-se que esta possui uma variedade muito grande de práticas pedagógicas, que foram sendo elaboradas ao longo dos anos por professores e pedagogos e que aplicadas à prática educacional contribuem para acelerar e facilitar esse processo. Assim, entre todas as atividades desenvolvidas no âmbito da educação formal, merece destaque aquelas desenvolvidas no campo e que privilegiam a observação e o contato direto com os fatos ou fenômenos em estudo.

Levar o aluno a atividades em campo representa um ganho extraordinário na concepção dos pedagogos entrevistados, pois estes reconheceram que estando em contato com os lugares associados aos temas em estudo, o aluno deixa de ser apenas um espectador e ao olhar ambiente, passa a vivenciá-lo e nesse sentido internaliza mais significativamente os conhecimentos, que poderão ser aplicados à sua vida e ao longo dela.

Outra forma de pesquisa é o estudo do meio, uma oportunidade de exercitar a atitude científica de investigar, entrevistar, examinar, observar, comparar, estabelecer o elo entre estudo (escola) e a vida em movimento (sociedade). Não é simplesmente contemplar o meio, é trazer a realidade para dentro da sala de aula; o aluno retorna enriquecido quando sai a campo, e tenderá a adotar a mesma atitude investigativa em outras oportunidades de observação. (KOZEL; FILIZOLA, 1996, p. 85)

Nota-se então que as aulas em campo se encontram num patamar de destaque entre as técnicas e recursos aplicados pelas escolas e que diversas disciplinas fazem uso delas. A geografia é uma das disciplinas que mais se beneficia deste recurso, pois em seu conjunto de conteúdos curriculares elencados para o ensino fundamental e médio pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), grande parte deles podem ser observados de forma direta no campo.

E1 - A educação se encontra em qualquer lugar, em vários meios, em vários processos. Quando você sai da sala de aula e leva o aluno para que ele possa vivenciar essa aprendizagem, isso fica internalizado, ele pode fazer as relações, confrontar uma série de teorias, formar novas concepções, e tudo isso agrega na própria vida dele. Então, deixa de ser uma coisa completamente teórica, para ser vivenciada e, a partir de então, se formam novas aprendizagens. Então, quando a aprendizagem fica fechada no reduto da sala de aula, ela também tira essas possibilidades de novas construções, de novos saberes, é muito importante sair.

E2 - As aulas de campo para o colégio que eu represento, são extremamente importantes, pois se tem a visão de que, através delas, o aluno não somente verifica nos livros os conteúdos que são apresentados pelo professor de forma oral, mas também na prática, onde vivencia essas situações, e nós sabemos que tudo aquilo que nós vivenciamos, tem um impacto diferente.

As atividades em campo abrem um grande leque de opções para diversas disciplinas, que levam seus alunos a observar e vivenciar os temas em estudo. Em muitos momentos, a repetição de conteúdos com seu devido aprofundamento a partir as orientações dos PCNS e tomados como uma espiral, podem ganhar novos sentidos para alunos que já viram ou estudaram determinados temas. Dessa forma, assumem um papel mais significativo quando passam a ser “vivenciados”.

A leitura do espaço geográfico a partir deste procedimento evidencia o seu elevado grau de importância para o ensino da disciplina de Geografia, bem como de outras disciplinas afins. O processo de alfabetização geográfica abrange a possibilidade do desenvolvimento de atividades perceptivas dos alunos. Conhecer e compreender o que se vê, deve ser um dos objetivos do ensino escolar da geografia. Com a leitura da paisagem e a compreensão da dinamicidade do espaço geográfico, a geografia cria novas cores aos conteúdos que muitas vezes parecem áridos à vista dos alunos.

E3 - A disciplina de Geografia estuda o espaço geográfico e este não se limita apenas pelas paredes da sala de aula. Então, para se trabalhar os conteúdos relacionados com a disciplina de Geografia, precisa-se expandir além dessas quatro paredes, ou seja, explorar esse espaço geográfico. Sendo assim, é de grande importância fazer com que o aluno tenha noção de que o espaço geográfico não é apenas aquele em que ele está inserido, o espaço geográfico vai muito além disso. As aulas de campo possibilitam ao professor trabalhar essa concepção. Em nossa escola, trabalhamos da seguinte forma: primeiro, apresentamos aos alunos o conhecimento teórico sobre determinado assunto. Quando feito o estudo em campo, o aluno já tem uma prévia noção do que é que vai ser explorado e ele tem a oportunidade de fazer uma releitura do que foi abordado em sala de aula. Essa releitura é bastante significativa, pois aí a realidade é palpável. **Em sala de aula, a percepção, passada é a do professor enquanto que, nas aulas de campo, ele verifica a percepção do professor, mas no decorrer da aula associa também a sua a sua própria percepção. A partir de então, elabora o seu conhecimento a partir daquilo que foi trabalhado em sala [...].**

E4 – Vejo a aula de campo na disciplina de Geografia extremamente importante, porque muitas vezes a disciplina fica muito no aspecto abstrato, daí a necessidade de o aluno ter contato com a paisagem propriamente. Toda vez que eu pude participar desses eventos, percebi aumento no interesse por parte dos alunos e uma compreensão maior, uma participação envolver melhor dentro dos temas apresentados. Além disso, dependendo do local visitado, é possível desenvolver um vasto trabalho de interdisciplinariedade. **Na sala de aula, o aluno tem a percepção com o olhar e a audição, mas**

na aula de campo, ele vai ter a questão do olfato e do tato. Então, o sentir o concreto, faz toda a diferença. Usar todos os sentidos é de suma importância. Desse modo, fica evidente a desenvolvimento do ensino aprendizagem. (Grifo meu)

Destaca-se nas falas dos professores do ensino de Geografia duas condições interessantes: a primeira diz respeito à importância das aulas em campo para a leitura da paisagem e compreensão do espaço geográfico e que estas leituras se processam a partir da percepção dos alunos, que são estimulados por seus professores, tornando este momento rico em conhecimento. Além disso, constitui-se também em um momento agradável, pois deixa-se o ambiente estático de uma sala de aula e passa-se para um ambiente dinâmico, cheio de vida, onde os questionamentos podem aflorar com maior facilidade.

No decorrer do processo ensino-aprendizagem, diversos fatores podem ser atribuídos ao sucesso dos alunos e professores em seus esforços para atingir-se os objetivos propostos. A escola, enquanto instituição possui papel fundamental ao incentivar as atividades pedagógicas que se realizam nos moldes das aulas em campo. É possível afirmar que parte do sucesso das atividades externas, em campo, desenvolvidas pelos professores começa no âmbito interno das escolas, com o suporte dado pela administração escolar.

Todo esse apoio se dará a partir do acompanhamento dos planejamentos escolares por parte da coordenação pedagógica. Estes devem ser criteriosamente acompanhados, a fim de se verificar as possibilidades e as limitações que os locais a serem visitados oferecem. Avaliar com os professores responsáveis pela aula todos os custos envolvidos, bem como os riscos possíveis. Neste momento a comunicação com os pais é fundamental, para que estes possam ter ciência exata da importância da atividade, dos objetivos a serem alcançados, dos locais das aulas e dos valores investidos para o desenvolvimento da atividade proposta.

Como muitas aulas em campo envolvem viagens com possível contratação de empresas de turismo educativo, reservas de restaurantes, pagamento de ingressos em museus e parques privados, fato gerador de custos que precisarão ser cobertos pelas instituições de ensino ou pelos alunos que delas participam, existem limitações impostas pelos órgãos públicos que administram a educação nesta esfera. Essas limitações dizem respeito à falta de aporte financeiro, ou mesmo de infraestrutura como o fornecimento de transportes para o deslocamento dos alunos até os locais

destinados às aulas em campo, além de treinamento e capacitação profissional, que qualifiquem os professores que se interessam por este tipo de prática pedagógica.

E nesse contexto, as instituições particulares acabam apresentando uma série de vantagens em relação às instituições públicas em função dos mecanismos administrativos que favorecem e dão maior agilidade de ação aos professores e coordenadores em suas esferas de ação, na execução dos planos relativos às viagens turísticas educativas.

Por outro lado, também ficou evidente que mesmo com as vantagens já citadas, algumas instituições particulares também restringem as atividades em campo em função de questões jurídicas, ou para não correr os riscos de uma viagem com alunos. Essa limitação restringe a ação pedagógica dos professores, pois não permite atividades externas ao ambiente escolar.

Outra dificuldade encontrada, tanto na esfera pública quanto no âmbito das redes particulares e que se percebeu no decorrer das entrevistas, diz respeito à disponibilidade de tempo por parte do professor. Diante dos salários que se pagam à esta categoria profissional, muitas vezes o professor se vê obrigado a uma jornada de trabalho extenuante e a lecionar para várias turmas e em vários colégios, o que o obriga a permanecer apenas em sala de aula, ainda que entenda que este recurso pedagógico seja importante.

Com respeito aos entraves impostos pelo corpo docente para o desenvolvimento de aulas em campo, é importante frisar que ficou evidente no decorrer das entrevistas que existe em certa medida um receio em assumir as responsabilidades por possíveis acidentes que venham a ocorrer com os alunos no decorrer de atividades externas ao colégio. Fato que por sua vez também limita este tipo de aulas, já que muitos professores podem não se sentir seguros quanto ao suporte que deve ser oferecido pela instituição de ensino, quer com pessoal de apoio no decorrer das aulas, ou mesmo dando a segurança jurídica necessária.

Além das dificuldades já mencionadas, ainda verificou-se a indisposição da parte de muitos alunos em participar deste tipo de atividade, em função de limitações financeiras, falta de tempo para atividades que se desenvolvam durante um dia todo, em função de trabalho em um dos períodos do dia. Também ressaltam-se as dificuldades enfrentadas por alunos que cursam o ensino noturno e que possuem dificuldades para saídas durante os dias úteis da semana, conforme afirmou uma das professoras entrevistadas. Ainda dentro deste contexto não se pode deixar de

mentonar a falta de interesse em desenvolver o aprendizado e a indisciplina mencionada por um dos entrevistados com respeito à instituição pública.

E1: Ao elaborarem seus planejamentos, os professores já programam as aulas em campo, sempre levando em conta que não é permitido pedir dinheiro ao aluno para pagar alguma coisa, até mesmo para esse fim. Quando se faz isso, é um acordo interno, sem precisar divulgar, porque o estado não permite que a gente faça isso. Porém, existe muita resistência por parte da direção, porque a compreensão do aluno sobre o que é aula em campo é distorcida. Ele acha que é passeio e, muitas vezes, prefere ficar em casa dormindo. Mas aqueles que vão, adoram, mas para leva-los nós temos muita dificuldade. Não é uma coisa bem aceita. A maioria do público discente dessa escola, vive numa vila cujo lugar mais longe que eles vão é ao Shopping Total. Quando você passa disso, eles têm relutância, muita relutância. Isso desestimula muito o professor, porque é o aluno que se recusa a ir, embora o professor mostre todas as vantagens. [...]

E4 - Bem, na rede pública que eu trabalho já há algum tempo, nós encontramos dificuldades financeiras por parte dos alunos, de poder estar fazendo uma saída a campo. Outra questão é as vezes o número de alunos/turmas que as vezes torna a saída inviável. Outra questão que a gente encontra na rede pública também, é a questão da indisciplina, mesmo você estando amparado por um termo assinado por um responsável, a gente sabe que a responsabilidade cai sobre os professores e as pessoas que estarão acompanhando a aula de campo. Muitas vezes, eles imaginam que seja um passeio ou coisa assim bem lúdica, não compreendendo que é uma aula, apenas o local é diferente. Então, vemos alguns empecilhos, como o fato de que, se acontecer alguma eventualidade, quem vai responder por isso é você que é o responsável. Então, não só da minha parte, mas vejo da parte de colegas de trabalho, muitas vezes dizendo que pararam com as atividades de campo, em virtude de situações desse tipo. Na rede privada, não há o problema econômico, mas a gente tem algum empecilho (como eu já tive no lugar onde eu trabalho atualmente), de cancelarem todas as saídas de campo em virtude de problemas que ocorreram em alguma saída, como ação judicial. Não sei dizer se atualmente já voltou à normalidade. Então, são situações que ocorrem que acabam dificultando essa contribuição que um professor pode ter.

Para o desenvolvimento das atividades em campo, se faz necessária a tomada de uma série de medidas que já se encontram ancoradas na metodologia de ensino de certas instituições. Assim, algumas escolas já possuem em seus planos anuais, as estratégias que serão adotadas para que elas ocorram.

E2: Como eu disse, eu estou representando o colégio em que trabalho, então, assim como eu estou dizendo que acho importantíssimo, esta é uma visão deste colégio. Este colégio favorece sim, apoia e sugere que isso seja feito pelo grupo de professores. Há algumas aulas de campo que já são específicas por série, por ano, que acontecem regularmente todos os anos para cada série. O aluno já sabe que participará desta aula de campo. A escola favorece no sentido de apoiar o trabalho do professor, o que o professor precisa para que isto aconteça. Desde o início do ano é feito um planejamento, aliás desde o ano anterior já é feito um planejamento, para que estas aulas aconteçam, levantando questões como de que forma será, que preço é acessível aos estudantes e quantos alunos podem ter essa

oportunidade, pois, como essas aulas são importantes para o processo ensino e aprendizagem, o legal é que ela não seja exclusivista [...].

A serra do mar do Paraná compõe um dos espaços mais privilegiados para o desenvolvimento de atividades turísticas dentro desse estado, em particular para as escolas que se encontram localizadas na região metropolitana de Curitiba.

Esse espaço possui importância singular em função de alguns fatores como a formação geomorfológica do relevo, clima e hidrografia, além de sua flora e fauna. Outro fator relevante está relacionado com os fatos históricos de ocupação do território paranaense, preservados em seus caminhos coloniais e estradas, além de suas construções históricas localizadas em cidades do litoral paranaense com destaque nesta pesquisa para a cidade de Morretes.

O turismo nessa região apresenta-se de forma dinâmica e tem atraído pessoas de diversas localidades do Brasil e do mundo, em função das belezas naturais da região serrana e de uma gastronomia simples, entretanto, bastante apreciada. Entre os segmentos turísticos praticados, como o gastronômico, de contemplação, cultural e de aventura, merece destaque o turismo educativo praticado por professores e alunos de diversos níveis de ensino.

Este aspecto da importância tornou-se evidente ao se conversar com a senhora Meg Marcelino, proprietária de uma das lanchonetes instaladas no Recanto Mãe Catira, localizado na Estrada da Graciosa, quando afirmou que o movimento de alunos é realmente intenso durante o período letivo. Nesse sentido, quando interpelada sobre qual o nível acadêmico que mais frequenta esse espaço público em que se encontra seu estabelecimento comercial, afirmou ser composto mais por alunos do ensino fundamental, mas que também são vistos com frequência alunos do ensino médio e universitário de diversos cursos, particularmente da Universidade Federal do Paraná e de outras instituições de ensino superior de Curitiba e esporadicamente de outros estados como de São Paulo, particularmente do curso de turismo. Outra informação que julgamos importante, de acordo com a visão dessa senhora, foi que de cada 10 ônibus que estacionam neste local, apenas 1 ou dois transportam alunos de escolas públicas, cuja procedência em sua maior parte é de Curitiba.

Quando perguntada sobre a presença de alunos de Morretes, afirmou que é raro ver alunos de seu município em aula na região da serra do mar. Ao entrevistar

professoras do Colégio Estadual Rocha Pombo de Morretes, deixaram claro que a falta de recursos limita o desenvolvimento deste tipo de atividades, como afirma uma das professoras, ao ser perguntada se existiam projetos da Prefeitura (secretarias de turismo, educação, meio ambiente) de apoio ao turismo educativo ao que respondeu que “não existem projetos específicos, uma ou outra contribuição com o transporte quando é possível”. A mesma afirmação foi feita por outra professora do mesmo colégio, que disse que “de cada 10 projetos encaminhados com solicitação de transporte, apenas um é atendido”.

A falta de recursos, entretanto, não impede que as atividades em campo sejam realizadas, fato evidenciado nas respostas apontadas pelas professoras já citadas, quando afirmam que se a temática a ser desenvolvida possibilita uma saída das dependências do colégio, esta ocorre normalmente no centro histórico da cidade que encontra-se localizado próximo a esta unidade escolar, de acordo com outra professora do Colégio Estadual Rocha Pombo “as saídas em Morretes são relacionadas ao centro histórico. Na localidade do Porto de Cima aos casarios. Em outras localidades, engenhos e fábrica de farinha”

É importante observar que, para que atividades distantes do colégio possam ser desenvolvidas por parte das escolas públicas, se faz necessário um aporte por parte da Prefeitura, por meio de suas secretarias que possibilite aos professores o deslocamento dos alunos até os locais destinados à aula em campo.

No caso específico do município de Morretes, a partir de um projeto integrado entre as secretarias de educação, turismo, cultura e meio ambiente, e o sistema de ensino adotado por esta prefeitura, pretende-se desenvolver um plano que atenda as escolas proporcionando-lhes o suporte necessário com a capacitação de professores e alunos para o desenvolvimento de atividades turísticas educativas.

E5 - Isso é projeto para 2015, que está agora em andamento junto com a secretaria de turismo, cultura e meio ambiente que agora fizeram uma junção dos três. Então, com o nosso sistema de ensino de educação infantil, que provavelmente para o próximo ano também passe para o fundamental. Estamos trabalhando dessa forma e vamos estar em andamento com esses projetos integrados de turismo, de meio ambiente.

Apesar de ser ainda apenas um projeto, que se encontra num estágio embrionário, percebe-se que as integrações entre as diversas secretarias do município são indispensáveis para que os projetos dos professores possam ser

executados e finalmente, os alunos das escolas do município possam ser beneficiados.

A proximidade do município de Morretes com a capital do estado e sua região metropolitana, pode ser incluída como aspecto favorável, pois o acesso à PR 410 conhecida como Estrada da Graciosa, que há alguns anos tornou-se estrada turística, pode ser feito a partir da BR 116, com restrição feita pelo Departamento de Estradas de Rodagem (DER) para ônibus, permitindo-se apenas o deslocamento de grupos em vans ou micro-ônibus, que de acordo com a legislação vigente referem-se a veículos com capacidade para 20 passageiros.

Apesar das restrições ao trânsito de ônibus de turismo, muitas empresas de turismo educativo optam por transitar pela BR 277, passando por Morretes e deslocando-se pela Estrada da Graciosa até o primeiro recanto (Mãe Catira) já na subida da serra, portanto na PR 410, fato que contraria assim a legislação que impede o trânsito deste tipo de veículo por essa rodovia.

Outra opção para aqueles que desejam deslocar-se pela serra do mar, sem utilizar-se a BR 277 é a centenária ferrovia Curitiba a Paranaguá, mas que para fins turísticos utiliza apenas o trecho até Morretes, sendo operada pela Serra Verde Express, como afirmou a turismóloga da VK Turismo, quando exemplificou com a opção deste roteiro dada às escolas com quem mantém vínculo comercial, “vou usar a Escola Lapa como exemplo, todo ano ela vai de trem, no ano passado foram quase oitenta alunos”. A escola citada na entrevista é uma das escolas do município de Curitiba.

As aulas em campo praticadas em locais com atrativos turísticos, desenvolvem-se a partir de um planejamento que obedece a uma rotina de aula, a partir de conteúdos previamente definidos e trabalhados em sala-de-aula. Os conceitos de paisagem e espaço, portanto são inicialmente trabalhos no contexto de uma sala de aula, além de outros conteúdos que sejam típicos e pertinentes a este espaço geográfico.

E6 - Nós trabalhamos com determinados conteúdos. Com bastante antecedência, avisamos os pais do passeio, pra eles já irem se programando. Enquanto isso, vamos trabalhando todos os conceitos sobre água, litoral, mar, relevo e, para finalizar, para que eles possam vivenciar tudo o que aprenderam, fizemos então a saída pedagógica, pra que eles tenham esse momento de estar ali presente na natureza.

É possível então, considerar-se que a aula em campo é um momento privilegiado de aprendizagem. Desta maneira é possível afirmar que a atividade possui um significado muito maior que um simples passeio sem compromissos, pois trata-se de uma aula, quer seja para “finalizar” uma série de conteúdos, ou para complementá-los.

Outra ênfase encontrada nas entrevistas diz respeito à importância do estímulo ao uso da percepção para o desenvolvimento da alfabetização geográfica, que revelaram a importância de uma observação sistemática, mas sob a supervisão permanente dos professores que orientavam a aula, resgatando conteúdos estudados anteriormente e aplicando-os à prática.

Quando se aborda esta questão se faz necessário pensar que uma aula em campo necessitou todo um planejamento anterior à viagem, o que permitiu ao professor, ou professores envolvidos uma visão abrangente do espaço geográfico que foi percorrido. Segundo um dos professores de Geografia (2014), “mas a gente vê é uma riqueza muito grande, você tem a questão do relevo, a questão de toda a fauna de toda flora. Você tem toda a parte hídrica. Então, você tem um potencial muito grande para ser explorado.” Desta forma durante todo o trajeto as possibilidades de se abordar conteúdos relativos às paisagens que vão sendo observadas é permanente.

As atividades de aulas em campo desenvolvidas em Morretes, incluindo-se a serra do mar, mostram que tanto professores quanto coordenadores entrevistados compreendem a importância desta região para este tipo de atividades. Nota-se também que aulas em campo realizadas na região serrana e na cidade de Morretes proporcionam uma grande variedade de temas que devem ser abordados.

E2 - Os alunos que vão para Morretes, são os alunos do sétimo ano. Outras séries poderiam ir para Morretes, mas casa bem com o conteúdo, tanto de História, de Geografia e até Ciências. Este ano mesmo, nós tivemos esta aula que você está perguntando e tivemos a presença deste grupo de professores. Então, quando nós vamos saindo do colégio, os alunos já têm aula, já estão em aula, porque no caminho os professores que acompanham esses alunos já vão conversando sobre a região [...]

Então, nós paramos, analisamos isso tudo, observamos em volta, olhamos os morros, eles anotam o que eles enxergam naqueles morros, o que eles estão vendo, como que a temperatura está se modificando conforme nós descemos[...]

Em Morretes nós olhamos o espaço, caminhamos com eles, conhecemos os lugares, o ambiente em que eles andaram. Os alunos também vêem a preservação da trilha ecológica e a importância histórica que a cidade de Morretes tem. [...]

E3: Nós trabalhamos os conteúdos que os alunos veem no sétimo 6º e no 7º ano. A parte física, relevo, a questão do clima, da hidrografia, o primeiro planalto, o segundo planalto. Trabalhamos sobre a população (relativa e absoluta) e a economia de Morretes. Atrelado a isso, também se discute a questão da cidade de Curitiba relacionada a Morretes, a dimensão das cidades, cidade grande, cidade pequena e cidade média. Na prática, é possível observar isso na visita a Morretes além dos limítrofes entre uma cidade e outra, que nem toda cidade vai estar limitada pelo aspecto natural, pode ser um aspecto humano [...].

Fizemos algumas paradas de observações, onde abordamos esses conteúdos. Consequentemente, aliamos a isso uma trilha. Nessa trilha, evidenciamos os aspectos da vegetação, as mudanças de vegetação que acontecem de um ambiente para outro e a relação com a questão do clima. Ao chegar na cidade de Morretes, trabalhamos aspectos como a população, a configuração do espaço geográfico e o comércio.

Entretanto, mesmo com as múltiplas possibilidades de atividades de ensino que a região oferece, aliada à diversidade de ofertas de transporte, rodoviário e ferroviário constatou-se no decorrer das entrevistas que existem escolas e professores que não desenvolvem trabalhos nestas localidades.

E1 - Não existem, nós não temos nenhum trabalho nessa área, porque se, para ir no museu egípcio, no museu do expedicionário, no museu do olho, nós temos grandes dificuldades, muita resistência, muito mais seria para passar o dia na serra do mar. Uma vez nós fomos para lá, mas foi um passeio recreativo, com alunos que quiseram ir sem nenhum vínculo pedagógico. Uma única vez, pois não conseguimos fazer o segundo passeio. E se para passeio nós já temos essa resistência, para aula seria maior ainda.

E4 - Eu não cheguei a fazer passeios necessariamente para essas localidades, porque eu não sou da região, apesar de estar há oito anos aqui. Ainda não tive oportunidade de levar os alunos pra esse tipo de passeio. Conheço um pouco dessa região, de alguns passeios que fiz pela serra do mar.

O desenvolvimento das atividades em campo como atividade de cunho pedagógico exige um processo avaliativo, que pode ocorrer concomitante à aula quanto posteriormente. Portanto, o sistema de avaliação dos alunos que se encontram em aula de campo deve ser contínuo, ou seja, desde sua participação no decorrer da aula, suas observações devem ser avaliadas a partir de textos escritos, imagens feitas a partir de croquis do relevo e mapas mentais, de um banco de fotografias, de questionários e entrevistas com moradores locais. Em primeira análise, o processo de avaliação serve para verificar-se o aprendizado dos alunos com respeito aos conteúdos abordados no decorrer da aula em campo. Entretanto, o mesmo deve gerar

um feedback, que orientará o corpo docente a tomar medidas a fim de corrigir rumos, reparar as arestas ou finalmente manter-se na proposta planejada, se esta for a resposta do processo avaliativo.

Ao comparar-se as respostas dadas pelas entrevistas relativas a esta temática, percebeu-se uma sincronia de opiniões. Os métodos podem variar de um profissional do ensino para outro, entretanto, todos afirmaram ser necessária uma avaliação das aulas em campo.

E2 - Toda avaliação é um momento privilegiado de conhecimento, de construção do conhecimento. Não é para que o aluno vá para aula de campo em troca de um ponto na disciplina. Tanto não é assim que a maior nota está dentro das provas. Então, não existe esse caráter dentro da escola, onde o aluno é obrigado a participar porque existe uma punição no que significa a avaliação, esse não é o caráter. Mas é importante que seja feita uma avaliação, para que o aluno reflita um pouco mais aquilo que ele vivenciou, a reflexão é importante para a aprendizagem, para que nós como escola saibamos o que mais nós podemos proporcionar para esse aluno, o que foi que ficou, o que poderia ter ficado e não ficou, o que é que marcou e assim por diante. Então, nós fazemos uma avaliação, não somente para ver o que ele aprendeu, mas para ver em que nós podemos direcionar melhor na nossa aula. Eles levam os caderninhos, levam máquinas para tirar fotos e depois, fazem um relatório com fotos e escritas com tudo o que eles viveram, o que eles pensaram. É um relatório com linguagem verbal e linguagem não verbal. Eles colocam também o que dentre tudo o que foi visto, mais chamou a atenção. O professor, através do relatório, tem condições de fazer essa avaliação, de ter essa ideia, almejando, da próxima vez, poder acrescentar, explicar, conversar para que a aula possa ser mais aproveitada pelo grupo. [...]

E4 - Numa aula de campo a gente tem diversas formas de avaliar o aluno. Numa aula teórica, muitas vezes a gente se limita numa prova de avaliação escrita. Numa aula de campo, a participação dos alunos, os comentários que eles fazem durante a nossa explanação do conteúdo é uma forma de avaliar se eles estão realmente tendo a percepção do que é o espaço geográfico e do conteúdo trabalhado na aula de campo, mas para complementar esse trabalho, na volta da aula de campo, faz-se um trabalho. Geralmente, com os 6º anos pode ser uma história em quadrinhos da aula de campo. Com os 7º anos, faz-se relatório, ou então em forma de desenho, inclusive, desenhos bem interessantes, pois os estudantes colocam pontos que possibilitam observar que realmente absorveram o conteúdo. Acredito que não tem como você sair de uma aula de campo e deixar isso solto, você tem que amarrar o conteúdo.

E6 - A gente faz um breve relatório. É solicitado aos alunos que produzam um relatório de tudo o que eles viveram, o que eles mais gostaram no passeio. Oralmente também, a gente faz debates em sala de aula. Nestes, os alunos podem expor o que eles estiveram praticando em campo. Então, eles colocam o que eles mais gostaram, que geralmente fica entre a trilha, a comida e a feirinha.

Para o processo ensino-aprendizagem deve prevalecer a ideia de que a avaliação é um momento privilegiado de estudos.

No decorrer desta pesquisa, quatro empresas do segmento do turismo educativo que ofertam roteiros no município de Morretes foram contatadas e por razões de ética profissional não serão identificadas. Apenas duas destas empresas nos deram um retorno positivo concedendo entrevistas com respeito às suas atividades desenvolvidas com alunos na área em estudo. Uma delas, alegou não poder conceder entrevista, porém respondeu de forma sucinta um pequeno questionário enviado por e-mail. Uma das grandes agências e que presta serviços a colégios particulares de grande porte na capital do Paraná, não respondeu aos pedidos de entrevista feitos por e-mail. Não houveram respostas aos contatos telefônicos por parte dessa operadora.

Como um dos segmentos turísticos, o turismo educativo tem atraído a atenção de empreendedores que passaram a ofertar destinos turísticos para aulas em campo. As facilidades ofertadas com o suporte para a contratação dos meios de transporte necessários, seguro de vida, reservas em restaurantes, reservas e entradas em parques, museus e acompanhamento com guias e monitores. Estes serviços facilitam em grande medida os preparativos para atividades pedagógicas em campo, por parte das escolas.

E7 - Dando transporte, uns optam por ir de ônibus, outros de trem, até a gente faz o caminho da Graciosa, mas em micro-ônibus ou vans, porém, por questão de segurança reduz-se a quantidade de pessoas, depois serviço de alimentação, restaurante, a tradição da comida do barreado, apresenta a história do barreado para eles. Alguns têm um pré-conceito porque não é um prato muito bonito, muito apresentável, mais a gente apresenta isso, fazendo então a parte de todos degustarem. Fazemos ali região do Mãe Catira, que apresenta o caminho dos jesuítas, os caminhos que eram usados pelos escravos, com acompanhamento do guia, eu como turismóloga, e o Miro que já trabalha nessa área há muito tempo. A gente atende mais escolas particulares, mas as estaduais e municipais também estão no nosso leque e os ingressos, taxas de visitação, tudo a gente embute no valor do nosso pacote.

Uma das agências consultadas, oferece às escolas a “opção de um city tour em Morretes com descida pela Estrada da Graciosa e um city tour em Paranaguá. ” Entre os serviços ofertados encontram-se os guias de turismo cadastrados pela Embratur e almoço”.

Com respeito aos serviços contratados por uma das escolas observadas em campo, uma das professoras que acompanhou o grupo e concedeu-nos uma entrevista, disse que os serviços contratados foram bem executados, apenas com a observação de que o tempo dedicado à trilha foi muito pequeno, isto em função de

que teriam um horário máximo para retorno com os alunos e, que acabou finalmente sendo extrapolado devido às condições do trânsito daquele dia. Finalmente, a mesma entrevistada revelou que em muitas situações a decisão pelo roteiro cabe apenas à coordenadora pedagógica que define os locais a serem visitados.

Com respeito aos pacotes ofertados pelas agências que concederam entrevista e responderam ao questionário, a informação obtida foi de que eles são maleáveis, ou seja, podem ser adaptados de acordo com as necessidades da escola e para cada grupo de dez alunos a escola pode enviar um professor sem custos para acompanhar a viagem.

Outra realidade encontrada no decorrer das entrevistas, foi de que existem empresas de turismo que atuam em segmentos diversificados, como o turismo de aventura, atividades que envolvem grupos de terceira idade e que ocasionalmente atendem grupos escolares. Conforme afirma o operador de uma das agências consultadas (2014) “claro eventualmente a gente atende grupos em outros segmentos do turismo. Então, grupos de terceira idade, por exemplo. Turismo histórico cultural que as cidades do litoral têm um potencial muito grande também e o educativo.”

Como exemplo de turismo educativo o mesmo citou a contratação de um grupo escolar que ficou na cidade por três dias, onde a operadora desenvolveu um pacote específico para atividades educativas com a visita a uma propriedade rural, atividades de estudos a respeito da geologia local, incluindo-se atividades de aventura como a instalação de um paredão para escaladas.

Estas facilidades deveriam favorecer as escolas, pois agilizam todo o processo, entretanto ao desenvolver-se as entrevistas percebeu-se que apesar de existir um mercado muito promissor para este segmento turístico, também existe uma certa resistência à contratação de serviços turísticos de tais empresas, como ficou claro nas entrevistas, o motivo alegado tanto pelos entrevistados das escolas públicas, quanto das privadas foi o fator custo. A coordenadora pedagógica da rede pública de Curitiba afirma, “as vezes sim, mas é mais raro. Geralmente o professor pesquisa antes, ou já conhece, alugamos ou ganhamos o ônibus e vamos.”

Há ainda o elemento “democratizador” que foi atribuído pela coordenadora pedagógica da rede privada, para a não contratação de agências especializadas em turismo educativo ou pedagógico, pois segundo esta visão limitaria o número de alunos participantes. As professoras entrevistadas no Colégio Estadual Rocha Pombo de Morretes, afirmaram que a contratação de empresas de turismo está relacionada

apenas com empresas de transporte e que quando existe um projeto é realizada uma cotação entre estas, entretanto não fizeram qualquer menção às agências de turismo. No âmbito das escolas particulares, a resposta a esta indagação, ou seja, a contratação de agências de turismo, seguiu o mesmo padrão das escolas públicas.

E2 – Por vezes sim, outras não. Para algumas aulas de campo não há a necessidade disso, nós já temos os contatos necessários para que essas aulas aconteçam independentemente de uma agência de turismo. Como disse, nós apoiamos essa ideia neste colégio, isso significa que há anos essas aulas acontecem aqui no Colégio Adventista Boqueirão. Como acontecem há anos, é natural que nós tenhamos já alguns contatos que foram catalogados, que foram adquiridos ao longo desses anos. Então, nós não temos necessidade de uma agência de turismo porque nós já temos esses contatos. Em outras situações, embora tenhamos contatos, é necessária uma agência de turismo, porque facilita o trabalho. Então, naquilo que não há necessidade, nós não usamos porque uma agência de turismo também aumenta o valor, como nós queremos que isso seja mais acessível, democrática, o conhecimento tem que ser democrático [...].

A aula em campo praticada em locais turísticos educativos, é um momento único no qual alunos e professores podem compartilhar os conhecimentos adquiridos teoricamente, a partir de uma interatividade. É importante também, pelo fato de que se pode aprofundar laços de amizade, favorecendo dessa forma o convívio social. A colaboração entre os elementos que passam a conviver durante algum tempo muito próximos uns dos outros beneficia o processo ensino-aprendizagem. Segundo uma das coordenadoras pedagógicas entrevistadas, “E como grupo, porque é importante que uma aula de campo não aconteça sozinha, a pessoa não faz a aula de campo sozinha, ela compartilha o conhecimento com o grupo, com o professor e com os colegas. ” Para isso, a interação e a contribuição dos professores no decorrer das viagens é de suma importância, pois o mesmo pode orientar de forma mais concreta os alunos dentro da temática estudada.

E2 - Nós sabemos que a aprendizagem está na relação social. O indivíduo aprende nas várias instituições sociais, mas ele aprende pela interação social e uma aula de campo permite ao aluno a interação social com os colegas e com o professor, com o ambiente, com o espaço em que ele está e com aquilo que ele viu. E quando se fala em espaço, não se trata só da região, mas também tudo aquilo que representa aquele espaço. Então, considero importantíssimo se pudéssemos fazer aulas de campo com mais disciplinas.

A respeito da participação do grupo de professores que acompanham os alunos no decorrer da viagem, ocorreu uma pequena divergência entre as respostas dadas pelas operadoras de turismo educativo, pois para uma delas existem

professores que deixam seus alunos unicamente sob a responsabilidade dos guias e monitores das agências “tem professores que largam os alunos e vamos tirar fotos ali e largam os alunos. Não tem problema, nós fazemos o serviço da mesma forma. ” Este comportamento dos professores, segundo esta entrevistada não é comum a todos, pois ela referiu-se especificamente ao grupo de professores de escolas particulares, distinguindo-os do grupo de professores de escolas públicas.

E7 - As escolas particulares acabam sendo mais folgadas nesse quesito, as municipais não, as municipais ficam em cima de seus alunos o tempo inteiro, exigem deles, não preciso me desgastar pedindo atenção e compreensão, os alunos já saem cientes de que aquilo é uma aula, que aquilo é uma avaliação e que eles serão cobrados sobre isso depois.

As opiniões, entretanto, não convergiram, pois para a entrevistada de outra agência a participação é de grande valia. “Muito positiva, e de grande valor o acompanhamento dos professores nas viagens”. Ficou evidente uma certa divergência, porém que mostram apenas o comportamento de alguns professores, e a justificativa para tal encontra-se no fato de que como as operadoras se comprometem a levar monitores e guias turísticos, alguns professores de forma geral acabam comportando-se apenas como mais um no grupo, ou seja, assumem o papel apenas de turistas e abandonam sua função de professor da turma.

A visão da professora que esteve acompanhando sua turma em viagem organizada por agência de turismo, entretanto, foi distinta quando comparada à opinião da turismóloga. Para ela os conteúdos já tinham sido abordados anteriormente e a viagem serviu apenas como complemento dos conteúdos apresentados em sala. Pareceu-nos que em seu depoimento prevaleceu a ideia de passeio e não de aula em campo.

E6 - Como já falei, a gente já fez um estudo antes. Então, sobre cultura, entra tudo, entra comércio, entra alimentação, entram os vestuários, os costumes. Toda essa parte já tinha sido abordada na sala de aula. Em Morretes, foi um complemento. Os alunos estavam muito eufóricos. Morretes lembra feirinha, lembra barreado. Foi interessante porque eles puderam estar ali confirmando o que foi visto em sala. Provaram o barreado, tomaram sorvete e fizeram a feirinha. Observou-se a interação professor-aluno em relação ao conteúdo pois constantemente, perguntavam algo relacionado ao que foi visto em sala de aula.

A participação e interação entre professores e alunos deve ser vista como algo fundamental no processo ensino-aprendizagem. A mediação e orientação dos

professores devem ser constantes durante as aulas de campo e estas devem conduzir os alunos para momentos de reflexão e questionamentos sobre os temas que se encontram em estudos.

É importante ainda refletir-se no fato de o turismo educativo enquanto gerador de renda e receitas para o município de Morretes. As atividades desenvolvidas dentro deste contexto, podem ser muitas vezes desconsideradas ou, quando muito passar despercebidas até pelos próprios moradores dessa cidade devido a diversos fatores, dentre os quais a presença constante de grupos de turistas que transitam pelas ruas do centro histórico da cidade. É difícil definir com exatidão o número de alunos transitando pelas ruas da cidade, pois quando consultada a Secretaria de Turismo do Município de Morretes, não possuía dados estatísticos a esse respeito. Outra dificuldade encontrada para a obtenção de dados refere-se ao fato de que além das agências de turismo, muitas escolas e colégios desenvolvem seus roteiros de forma particular. Entretanto, tentou-se obter pelo menos uma ideia, mesmo que pálida da realidade, indagando-se as agências de turismo que responderam aos nossos questionamentos. Assim, quando interpelada sobre a quantidade de alunos levados a este roteiro, obteve-se a resposta de uma das agências de que no decorrer do ano de 2014 foram mais de 400 alunos, entretanto outra agência não respondeu a esse questionamento alegando ser uma informação confidencial.

Se não é possível medir-se com exatidão o número de alunos transitando anualmente neste município. É importante notar-se que o comércio local percebe bem e valoriza a importância das atividades relacionadas ao turismo educativo. Os restaurantes panorâmicos que se encontram voltados para o rio Nhundiaquara são muito procurados por estes grupos para o almoço. As lojas que se encontram nas proximidades dos restaurantes, normalmente são as primeiras a serem visitadas, entretanto, muitos guias já possuem contato com algumas lojas e direcionam os grupos para elas. Em conversa informal com uma funcionária de uma das lojas, antes da gravação da entrevista esta disse preferir os grupos de alunos ao de terceira idade, pois os primeiros entram e compram, enquanto os últimos apenas apreciam e acabam saindo sem levar nenhum produto, alegando ser “apenas mais alguma para criar pó”.

E8 - Nós recebemos várias excursões não só de criança como de adulto, bastante pessoal de faculdade, adolescente e também tem temporada que só vem crianças, vem escola de Ponta Grossa, Curitiba, de várias regiões do Brasil. E é bom que as crianças entram, gastam, por que eles já vêm com o almoço e a passagem paga. O dinheiro que eles trazem é pra comprar e eles gastam mesmo.

Como os grupos escolares possuem períodos bem definidos para a realização de suas excursões, e que variam entre os meses de março a dezembro no máximo, excluindo-se o mês de julho, período de recesso na maior parte das escolas, o comércio local também acaba sendo beneficiado, levando-se em conta que estas viagens ocorrem no período de baixa temporada, quando o número de viajantes se reduz naturalmente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo educativo é uma atividade pedagógica praticada usualmente por escolas da rede pública e instituições de ensino privadas, as quais se utilizam desse recurso como expediente de complementação aos estudos teóricos ministrados em sala de aula. Constituem-se, portanto como elementos de importância singular para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Observou-se no decorrer dessa pesquisa a importância deste recurso pedagógico para as práticas educativas do ensino da geografia escolar, nos níveis fundamental e médio, visto que as atividades realizadas em campo contribuem para o desenvolvimento da capacidade de leitura das paisagens.

As atividades em campo foram reconhecidas como prática pedagógica de grande importância pelos professores e pedagogos entrevistados, como um dos recursos para o desenvolvimento da alfabetização geográfica.

Entretanto, ficou evidente que as dificuldades impostas por diversas situações impedem que elas aconteçam de fato em muitas instituições de ensino, quer públicas ou privadas. As dificuldades apontadas perpassam pelas questões financeiras, jurídicas, de comportamento dos alunos e da falta de estímulos aos professores para o desenvolvimento das aulas em campo.

Para o desenvolvimento das atividades pedagógicas que se utilizam do turismo como recurso de aprendizagem se faz necessário um planejamento cuidadoso. Este planejamento envolve todas as etapas necessárias para uma saída a campo com finalidades educativas.

Entre as atividades realizadas no pré campo, fase que antecede a aula em campo propriamente dita, encontra-se a necessidade de se definir as estratégias de locomoção do grupo, de reservas de restaurantes e agendamentos para visita a parques e museus. Nesse momento é importante verificar todas as opções viáveis.

Nesse contexto, identificou-se uma prática mercadológica em um nicho de mercado formado pelas redes de escolas públicas e privadas ainda pouco explorado, que são as agências de turismo que se especializaram no todo ou em parte para oferecer serviços às escolas.

As agências de turismo educativo oferecem pacotes com roteiros em lugares turísticos, responsabilizam-se pela contratação dos meios de transportes, seguros de

viagem, agendamentos para visitação de museus, parques, autorizações de entradas em ambientes públicos ou privados, reservas em hotéis e restaurantes, e o acompanhamento de guias turísticos e monitores de grupos.

Estes serviços prestados pelas agências de turismo são relevantes e importantes para as escolas, pois oferecem segurança, rapidez e pontualidade nos compromissos agendados, entretanto, em razão dos custos agregados aos serviços oferecidos não são todas as escolas que contratam agências para a realização de suas atividades em campo. Assim, muitas escolas desenvolvem seus próprios roteiros de forma independente.

A terceirização dos serviços para as agências de turismo educativo por parte das escolas tem como objetivo principal a segurança e as facilidades que os serviços especializados conferem.

No decorrer das observações de campo e das entrevistas ficou claro que, a terceirização pode causar certa comodidade por parte de professores, fato comprovado na fase de observação, pois estes passam a delegar em parte as responsabilidades que são inerentes à sua função para os guias turísticos e monitores das agências de turismo. Destarte, durante as observações de campo percebeu-se que quando o professor não participa, os conteúdos abordados por guias de turismo são tratados de forma superficial.

Nesse contexto se faz necessário enfatizar que, apesar da importância aqui citada, as agências de turismo não podem ser confundidas com as instituições de ensino. Seus profissionais foram formados e preparados para atuar em uma área distinta da área educacional. Cabe ao professor o planejamento dos conteúdos a serem explorados, bem como a função de orientar e contribuir para a construção do conhecimento durante a atividade em campo.

Com respeito ao comportamento dos professores que acompanham as viagens organizadas por agência de turismo, houve divergências entre as observações e as entrevistas, pois as afirmações da guia de turismo conferem com as observações realizadas em campo durante a realização das viagens organizadas por agência de turismo, pois no transcurso dessas observou-se uma pequena e tímida atuação dos profissionais do ensino fundamental com relação ao comportamento dos alunos, bem como no aprofundamento dos conteúdos que estavam em pauta. Por sua vez na visão da professora entrevistada, percebeu-se que essa não demonstrou preocupação com

a postura adotada durante a viagem, deixando transparecer que a situação estava dentro de uma normalidade.

Os roteiros turísticos preparados pelas agências são maleáveis, podem e devem sofrer alterações de acordo com a orientação da escola. Nos roteiros que foram acompanhados percebeu-se que para cumprir com todos os pontos listados, foi necessário acelerar o andamento em cada um deles, principalmente pelo fato de que, a agência possui um contrato com a escola e precisa cumprir com horários pré-estabelecidos para o retorno dos alunos ao colégio. Este fato acarreta prejuízos para atividades que demandem um tempo maior para observação, percepção ou interação com o meio em estudo.

Em uma viagem de turismo educativo, se faz necessária que todas as possibilidades e dificuldades que venham a ocorrer sejam consideradas, como as situações relativas ao trânsito e outras como chuvas que impeçam por um determinado tempo a atividade em certo lugar.

As atividades em campo têm a possibilidade de ser desenvolvidas nos mais diferentes lugares, pois todas as paisagens geográficas podem ser lidas. Inclui-se nesse contexto, as paisagens com atrativos turísticos da região serrana e a cidade de Morretes, ambas nesse município do litoral paranaense.

O município de Morretes possui uma grande riqueza quando se consideram seus aspectos naturais e seu patrimônio histórico cultural. Durante o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas várias visitas ao município e no decorrer das entrevistas com professores percebeu-se a inexistência de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo educativo, fato que impede as escolas desenvolvam atividades de aulas em campo dentro do próprio município.

Um dos meios para que ocorra a valorização do patrimônio ambiental e histórico-cultural de Morretes surge a partir da educação de seus próprios cidadãos, e isto começa pelo ensino fundamental e médio. Neste sentido, a escola possui um papel primordial, pois poderá contribuir para a formação de cidadãos que compreenderão a importância do espaço onde vivem.

Essa contribuição da educação possibilitará o desenvolvimento de novos turistas, de futuros empreendedores turísticos e contribuirá para a formação de mão de obra para atuar neste segmento importante do mercado. Assim, em um município com vocação natural para o turismo como é o caso de Morretes é de extrema

importância que o poder público dedique atenção especial para projetos que contribuam com esses objetivos.

A partir da integração das secretarias de Turismo e Cultura, Meio Ambiente e Educação deste município, existe a projeção futura de um projeto que contribuirá com a educação, fato verificado durante as entrevistas. A integração deverá resultar no aporte de recursos e capacitação de professores para que as escolas possam desenvolver projetos voltados ao turismo educativo local. Ocorre, entretanto, que esse projeto que promoverá o fortalecimento da prática pedagógica, voltada para as atividades em campo nas escolas públicas do município ainda se encontra numa fase embrionária, e pode vir a não se concretizar, pois ainda depende de uma série de fatores para sua consolidação.

Considerando-se a amplitude que o turismo geoeducativo assume, é possível compreender que para além da prática pedagógica, o turismo geoeducativo, movimenta toda uma dinâmica econômica, que sustenta empregos diretos e indiretos provenientes da passagem de grupos de escolares pelo município.

O turismo assume um papel de grande importância econômica para Morretes, os dados obtidos com a Serra Verde Express, concessionária da linha férrea exclusivamente para o turismo, são bastante significativos, porém quando consultada a Secretaria de Turismo do município, afirmou não dispor de dados oficiais com respeito ao número de turistas que passam por Morretes. É possível que esta dificuldade em se obter resultados seja atribuída ao fato de que o turismo no município caracteriza em grande parte, como excursionista.

Os recantos da estrada da Graciosa ficam repletos de frequentadores aos finais de semana, o mesmo ocorre durante os meses de verão com os rios da região que são muito procurados, já com respeito aos restaurantes panorâmicos que se encontram às margens do rio Nhundiaquara, a frequência aumenta significativamente aos finais de semana.

Situação semelhante pode ser atribuída ao turismo educativo, é possível reconhecer sua importância para além do aspecto pedagógico, como fonte de recursos, porém não existem dados oficiais devido à dificuldade em se quantificar o número de estudantes que passam pelo município.

Escolas de diversas regiões afluem anualmente a Morretes, muitos desses grupos acabam apenas fazendo uma rápida passagem pela cidade para o almoço e logo se deslocam para outras cidades da região.

O conhecimento de todas as oportunidades que o município de Morretes oferece para as atividades de aulas em campo nos parece essencial para que mais professores se interessem em levar seus alunos para aulas em campo neste município. Este conhecimento ocorre a partir da divulgação dos principais atrativos por parte de órgãos públicos, ou com ações da iniciativa privada como a divulgação dos roteiros pelas agências de turismo.

Sem a pretensão de se esgotar a temática abordada a pesquisa procurou apontar sugestões que contribuam com as atividades de turismo geoeducativo no município de Morretes.

Assim sugere-se que as instituições de ensino, quer na esfera pública ou privada, dediquem maior atenção a esta prática educativa. A partir de um planejamento eficiente. A contribuição do corpo docente é importante para elencar os principais projetos de aulas em campo a serem desenvolvidos ao longo do ano letivo, definindo-se também as séries do ensino fundamental e médio pertinentes a cada tema em estudo. As diversas áreas de ensino podem contribuir para o êxito de atividades dinâmicas e práticas que levem os alunos a uma compreensão significativa dos temas em estudo.

A prática das aulas em campo desenvolvida pelas escolas necessita se tornar um dos recursos chaves no processo ensino-aprendizagem e desta forma deixar de ser apenas um passeio sem maiores compromissos com o ensino.

A partir da inclusão das aulas em campo como atividades a serem desenvolvidas no decorrer do ano escolar, será imprescindível que as instituições passem a dar o suporte necessário para que elas ocorram. Esse suporte refere-se a todas as ações administrativas necessárias que possam dar segurança aos professores que praticam suas aulas em campo.

É também necessário que as instituições de ensino se preocupem em orientar melhor seus professores para que ao sair com seus alunos em viagem, assumam suas funções como mediadores de uma atividade singular, distinta daquela que ocorre em sala de aula.

O desenvolvimento das aulas em campo exige um planejamento minucioso, que ao integrar o plano de curso anual das diversas disciplinas escolares possibilitarão um projeto multidisciplinar de amplo alcance. Nesse planejamento as atividades que serão ser executadas no período anterior à aula precisam ser especificadas em suas diversas fases aqui denominadas de pré campo, aula em campo e pós campo.

As possibilidades de estudos e atividades a serem desenvolvidas no município de Morretes são diversificadas, assim sugere-se que durante a primeira fase ocorra a visita a campo pelos professores que conduzirão as atividades para um levantamento e coleta de dados, durante o qual todos os aspectos didáticos e práticos devem ser considerados.

Outras questões poderão surgir como distância a ser percorrida, meios de transporte a serem utilizados, alimentação do grupo e hospedagem se houver necessidade, pontos de apoio mais próximos em caso de eventuais emergências. Para agilizar as questões relacionadas a deslocamentos e reservas em hotéis e restaurantes, existe a possibilidade de contratação de uma agência especializada em turismo educativo.

A partir da análise elaborada durante a fase inicial, recomenda-se nos roteiros propostos por agências ou por escolas por uma viagem independente, considere-se todos os temas que desejam ser abordados. Com os levantamentos efetuados, deverão ser produzidos os materiais necessários à aula, como mapas, roteiros de viagens, atividades a ser desenvolvidas no local. É importante também que, sejam listados um número de locais a serem visitados, priorizando-se assim a qualidade. As escolas ao contratarem os serviços de uma empresa de turismo educativo, precisam selecionar o roteiro com atenção, consultar os professores envolvidos e verificar o planejamento da aula, para que esta de fato venha a ocorrer e tenha seus objetivos alcançados.

No transcurso das aulas em campo, é necessária atenção especial por parte da equipe de apoio que acompanhará o grupo e dos professores que orientam as atividades, para que todo o planejamento anteriormente citado possa ser posto em prática. As situações extraordinárias precisam ser previstas na fase de planejamento para que se possam tomar medidas que minimizem os prejuízos.

No retorno às atividades em sala de aula, o professor deverá executar a parte do planejamento em que ocorrerá o fechamento das atividades de campo, estas já devem constar no planejamento inicial, promovendo-se painéis de discussão, seminários, debates, exposições fotográficas, vídeos, relatórios textuais e outras atividades que sejam julgadas pertinentes a cada faixa etária.

Com respeito às agências de turismo voltadas para o público escolar, sugere-se que os roteiros sejam idealizados de acordo com as necessidades da escola em uma parceria entre turismólogos, pedagogos e professores, para assim se definir as

melhores estratégias a serem empregadas no decorrer das viagens de turismo educativo. Outra sugestão diz respeito à formação técnica dos funcionários que acompanham os grupos escolares, dessa forma é interessante que além dos conhecimentos turísticos das áreas visitadas, esses profissionais adquiram conhecimentos em outras áreas que sejam úteis ao momento em que estarão envolvidos com a dinâmica de uma aula em campo e dessa forma sejam evitadas informações com conteúdos vagos ou imprecisos.

Com respeito à secretaria de turismo do município de Morretes, sugere-se olhar com atenção para o turismo educativo que vem sendo praticado dentro do seu território, pois trata-se de um segmento que formará novos turistas. Assim, recomenda-se que sejam dedicadas ações para se estimular uma permanência por um tempo maior dos estudantes na cidade. Como a criação de Exposições de caráter científico que sejam permanentes e realizadas com parcerias de instituições públicas ou privadas, a exemplo do que ocorreu em 2014, com a Exposição Mata Atlântica criada pelo Laboratório Móvel de Educação Científica (LabMóvel) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Litoral, em parceria com a Prefeitura de Morretes. Esta exposição serviu como atrativo para o turismo educativo e de outros segmentos.

O poder público dispõe dos mecanismos necessários para contribuir com projetos de turismo educativo, realizados pelos professores das escolas públicas do município. É indispensável a colaboração destes organismos com o aporte necessário para o deslocamento dos estudantes aos locais de atividades em campo. Promover cursos de capacitação para professores de ensino fundamental para que estejam habilitados a desenvolver projetos de aulas em campo que visem a valorização das paisagens turísticas pelos estudantes.

O trabalho ora apresentado não esgota a temática aqui abordada, mas espera-se que abra espaço para que outros pesquisadores possam estudar o tema sob outras perspectivas, ampliando desta forma o debate em torno deste tema de grande importância no aspecto pedagógico e turístico.

7. REFERÊNCIAS

AB'SABER, AZIZ NACIB. **Os domínios da natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, J. V. **Turismo**: fundamentos e Dimensões. São Paulo: Ática, 1997.

ATLAS BRASIL, Portal. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil** 2013. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 03 de abr. 2015.

BLEY, L. **Morretes: estudo da paisagem valorizada**. 1990. 215 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual de São Paulo - Rio Claro, SP.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 18 jul. 2013.

BOLSON, J.H.G. A importância da paisagem na atividade turística. **Revista Turismo**. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>>. Acesso em 25 ago. 2014.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: **Geografia cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS HÍDRICOS. **Estrada da Graciosa**. 2002. 1 fôlder.

FERNANDES, E. **David Ausubel e a aprendizagem significativa**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/david-ausubel-aprendizagem-significativa-662262.shtml>>. Acesso em: 08 jul.2013.

FERNANDES, E. **Esquemas de ação de Piaget**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/esquemas-acao-piaget-sujeito-epistemico-jean-617999.shtml>>. Acesso em: 08 jul. 2013.

FONSECA FILHO, A.S **Educação e Turismo**: Reflexões para a elaboração de uma educação turística. Revista Brasileira de Pesquisa em turismo, v.1, p.5-33,set.2007.

FREIRE, P. **Virtudes do educador**. Belo Horizonte: Vereda, 1982.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER M.W.; GASKELL G. (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados demográficos**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010RgaAdAgsn.asp>> Acesso em 29 jul. 2014

JUSTINIANO, E. F. Registro fotográfico. In: VENTURI, L.A.B. (org.). **Praticando geografia**: técnicas de campo e laboratório, São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

KAERCHER N. A. Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. In: NEVES, I. (org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 7. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

KHUN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

KNAFOU, R.; Turismo e território. In: RODRIGUES A. A. B. **Turismo e geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1999.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA; KOZEL. **Elementos da epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

_____. FILIZOLA R. **Didática de geografia**: memórias da terra: o espaço vivido. São Paulo: FTD, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

LOIZOS P. Vídeo, Filme e Fotografias como Documentos de Pesquisa. In: BAUER M.W.; GASKELL G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. 4 ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

MEIRA, D. M. **A história de um patrimônio cultura**: A cachaça morretiana. 2013. 137 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Universidade da Região de Joinville, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILAN, P. L. **Viajar para aprender**: Turismo pedagógico na região dos campos gerais. 2007, 125 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade Vale do Itajaí. Camboriú, 2007.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006.

MORRIN, EDGAR. **O método**: a natureza da natureza. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

NOGUEIRA, V.; CARNEIRO, S. M. M. **Educação geográfica e formação da consciência espacial cidadã**. Curitiba: Editora da UFPR, 2013.

OLIVEIRA, C. D. M. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em geografia. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiás: v. 26, n.1, p. 31-47, jan./jun., 2006.

_____. **Sentidos da geografia escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____; SOUSA J. M. Gestão educativa do turismo: fundamentos de uma cidadania emancipadora. **Estudos geográficos: revista eletrônica de geografia**, Rio Claro, 2011.

OLIVEIRA, L. Ainda sobre percepção, cognição e representação em geografia. In: MENDONÇA F.; KOZEL S. **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Código de ética**. Disponível em: <<http://ethics.unwto.org/en/content/full-text-global-code-ethics-tourism>>. Acesso em 15 mar. 2014

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PICKUSSA, R.F. **Turismo de aventura em Morretes/PR**: O lugar das práticas corporais na natureza. 2014. 134 f. Dissertações (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, 2014.

PIRES, P. S. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso turístico. In: YAZIGI E.; CARLOS, A. F. A. ; CRUZ, R. C. A (Org.). **Turismo, Espaço, Paisagem e Cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. Y.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAYKIL, E. B.; RAYKIL, C. Turismo pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino-aprendizagem. **Global Tourism**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2005.

SAUER, C. O. Desenvolvimentos recentes da geografia cultural. In: **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

_____. Geografia cultural. In: **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SCHÄFFER, N. O. Ler a paisagem, o mapa, o livro: escrever nas linguagens da Geografia. In: NEVES, I. (Org.). **Ler e escrever**: compromisso de todas as áreas. 7. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SILVA, J. M.; MENDES, E. P. P. Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação. In: MARAFON, G.J. (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SILVEIRA, M. A. T. **Turismo e natureza:** Serra do Mar no Paraná. 1992. 225 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, 1992.

SILVEIRA, M. A. T. **Turismo, políticas de ordenamento territorial e desenvolvimento:** um foco no Estado do Paraná no contexto regional, 2002. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo, 2002.

SILVEIRA, M. A. T. **Geografia aplicada ao turismo:** fundamentos teórico-práticos. Curitiba: Itersaberes, 2014.

TUAN, Yi-FU. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná.** Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os temas da geografia cultural. In. **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

VANHONI F.; MENDONÇA F. O clima do litoral do estado do Paraná. Revista Brasileira de Climatologia. Curitiba v.3, 2008.

YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo:** espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.